CADERNOS MATEUS DOC

07
DESVIO
DETOUR

DESVIO

DETOUR

Mateus
30, 31 de maio
01 de junho 2014
Instituto
Internacional
Casa de Mateus

IICM

CADERNOS MATEUS DOC

07

Desvio
Detour

Mateus
30, 31 maio, 1 jun. 2014
Instituto Internacional Casa de Mateus

IICM

Índice Table of Contents

04 **O IICM**
The IICM

06 **O Programa Mateus DOC**
The Mateus DOC Program

08 **O Seminário na Casa de Mateus**
The meeting at the Casa de Mateus

11 **Prefácio**
Nuno Nabais

17 **Introdução**
Alexander Gerner e Roberto Merrill

25 **I · Desvios Económicos**

Economics and Reality: an essay on deviation
João Santos

Economy 3.0 - Rúben Silva Branco

45 **II · Desvios Dentro do Desvio**

Juventude Gay, Escola e Culturas: Um olhar desviante para lá da margem - Hugo Santos, Manuela Ferreira, Sofia Marques da Silva

65 **III · Um Pequeno Desvio**

O desvio poético - Diogo Fernandes

71 **IV · A Arte como Desvio?**

Détournement: até que ponto o desvio pode ser o caminho da essência da arte?
Cláudia Matos Pereira

95 **V · Desviar para Conhecer**

Enhancement as Deviation: Notes on a Philosophy of Enhancement - Alexander Gerner

123 **VI · Desvios Históricos**

História, origem e desvios - Angra do Heroísmo 30 anos de Património da Humanidade
Antonieta Reis Leite

139 **VII · Cinema e Desvio**

O verso e reverso do Cinema, a ficção como desvio do real - Isabel Machado

O desvio trágico das heroínas dos filmes de João Canijo - Liliana Rosa

163 **VIII · Politicas do Desvio**

O potencial político do desvio; potência e interrupção - Filipe Pinto

Da contingência - Catarina Patrício

183 **Notas Biográficas**
Biographical Notes

192 **A Agenda do Mateus DOC VII**
The Mateus DOC VII Agenda

Internacional Institute Casa de Mateus

The IICM is an international cultural association, which gathers universities, research centres, private members and the “Casa de Mateus” Foundation. Its mission is to contribute to the scientific and cultural debate through the organization of meetings, seminars and working groups. Each year, the Institute hosts national and international seminars in which scientists, artists, writers, politicians, economists, public thinkers, intellectuals and experts of all sorts and backgrounds, concerned with the actual contribution of science and knowledge to the public awareness of the community, are encouraged to exchange their views and actively engage in brainstorming discussions, challenging taken-for-granted views on the most pressing issues today.

In 2010, the Institute defined three lines of action: thematic cycles, starting with “Challenges of Adaptation” which ended in 2013 with the conference “Criativity, Games with Frontiers”; the Mateus DOC Program; and the organization of international meetings on themes related to European integration.

The Mateus DOC Program is now in its 7th edition and has come out with a volume on each one of them, making sure that the results and the conclusions, which are reached in the meetings, are made available to its participants and to a wider audience.

Instituto Internacional Casa de Mateus

O IICM é uma associação que reúne universidades, centros de investigação e sócios individuais. Foi criada em 1986 pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e a Fundação da Casa de Mateus. O seu objectivo é ser um instrumento ao serviço da comunidade através do qual são disponibilizados os recursos logísticos e operacionais da Casa de Mateus para a realização de reuniões internacionais sobre temas da atualidade e de impacto social.

Todos os anos, o Instituto organiza e acolhe seminários nacionais e internacionais, onde cientistas, artistas, escritores, políticos, economistas e outras individualidades com fortes interesses culturais procuram dar o seu contributo para o debate.

Em 2010 o IICM definiu três linhas de acção: ciclos temáticos, sendo que o primeiro, “Desafios da Adaptação” se concluiu em 2013 com a conferência “Criatividade, Jogos com Fronteira”; o programa Mateus DOC dirigido a doutorandos e pós-docs; e a organização de encontros internacionais de reflexão sobre temas relacionados com a construção europeia.

O programa Mateus DOC teve sete edições, sobre os temas “Adaptação”, “Risco”, “Sustentabilidade”, “Representação”, “Fronteira”, “Código”, e Desvio”. Este último é objeto da atual publicação.

MATEUS DOC
The Program

Mateus DOC is a program aimed at researchers from all scientific fields. The program's main objective is to stimulate interdisciplinary dialogue among young researchers from different fields and to encourage them to discuss the most pressing issues of our time in an academic but informal way. Our goal is therefore to train the participants to reflect and develop further innovative research from a broader perspective, integrating contributions from other fields and methodologies. This approach will not only enrich their scientific work through the combination of diverse methods and the fusion of distinct contents, but it will also pave the way for the establishment of new cultural horizons, helping young scientists to position themselves culturally and socially.

The program Mateus DOC starts off with a call for proposals. Candidates submit a summary to the Institute explaining how they will approach a given theme - chosen annually by the Steering Committee of the IICM. Each year a Selection Committee will evaluate the proposals and structure the debate on the basis of the received contributions. The selected proposals are then redistributed to all participants who elaborate further on their papers in order to incorporate the other participant's ideas into a brief 5-page preliminary report, to be submitted to the IICM. These are redistributed again to everyone before the seminar. Within 30 days after the seminar the participants are asked to hand in their final articles, which must take into account the debate held at the Casa de Mateus. Both the articles and a brief description of the overall discussions are made available at the Institute's website.

O Programa MATEUS DOC

O Mateus DOC é um programa dirigido a investigadores de todas as áreas científicas. O objectivo principal do programa consiste em estimular o diálogo interdisciplinar entre jovens investigadores de diferentes áreas, confrontando-os com temas de atualidade e interesse geral. Pretende-se, desta forma, habituar os participantes a encarar os seus temas de reflexão e investigação numa perspectiva alargada que inclua sistematicamente pontos de vista exteriores à área científica respectiva. Esta abordagem não só enriquece o trabalho científico através do estabelecimento de novas associações de método ou de conteúdo, como também abre novos horizontes culturais, ajudando a melhor posicionar, cultural e socialmente, o percurso pessoal de cada um.

O programa MATEUS DOC começa com um apelo à apresentação de propostas. Os candidatos submetem ao IICM a sua proposta de interpretação e formas de abordagens de um tema anualmente escolhido pela Comissão Diretiva do IICM. Um Comité de Seleção estrutura o seminário baseando-se nas contribuições recebidas. As propostas selecionadas são redistribuídas por todos os participantes que se comprometem a desenvolver o tema de acordo com sua proposta, tendo em conta as contribuições dos restantes participantes, sob a forma de um breve artigo preliminar de 5 páginas a submeter ao IICM. Os artigos são novamente redistribuídos a todos antes do seminário. No prazo de 30 dias após a realização do seminário os doutorandos entregam ao Instituto os artigos definitivos tendo em conta o debate realizado na Casa de Mateus. Os artigos, acompanhados de um resumo do seminário, são publicados na página na internet do Instituto.

The meeting at the Casa de Mateus DETOUR

Between May 30 and the June 1 2014 the 7th edition of Mateus DOC program took place at the Foundation Casa de Mateus. After carefully reviewing all the submitted proposals to the call, the best working papers were selected, and Mateus DOC convened a multi-faceted group of scholars, scientists and researchers currently at the doctoral and postdoctoral stage of their careers, coming from the most varied academic background:

Alexander Gerner (Philosophy), Antonieta Reis Leite (Architecture), Catarina Patrício (Communication Sciences), Cláudia Matos Pereira (Visual Arts), Diogo Fernandes (Literature), Filipe Pinto (Aesthetics), Hugo Santos (Pedagogy), Isabel Machado (Arts), João Santos (Economy), Liliana Rosa (Communication Sciences), Rúben Branco (Economy)

This group of scholars participated in all the debates revolving around the theme “Desvio”, delving into its various dimensions and adopting various approaches to this concept from an interdisciplinary viewpoint.

The meeting was also attended by special guests, namely Jean-François Chougnet, Alfredo Marvão Pereira, Artur Cristóvão, Eurico Figueiredo, Helena Sousa, as well as by members of the Board of Directors of the Institute.

During these three days, the discussions took place in an informal atmosphere, and were accompanied by walking tours around the countryside and chats by the fireplace. The debating program was conducted mainly by the scholars, with a discrete participation of the special guests and directors of the Institute.

The articles gathered in this volume reflect the diversity of viewpoints and approaches that were at the basis of the debate at Mateus. The different languages in which the debate was undertaken also reflect this and we have hence decided to remain faithful to that spirit of intercultural, interdisciplinary and intergenerational communion by publishing the articles in either Spanish, Portuguese or English. Only the abstracts are published in two languages, English and Portuguese.

The contents of this publication can also be accessed through IICM’s webpage at www.iicm.pt.

O seminário na Casa de Mateus DESVIO

O seminário da sétima edição do programa Mateus DOC decorreu entre os dias 30 de Maio e 1 de Junho de 2014, em Mateus. Após um processo de seleção em duas etapas que se iniciou com um apelo à submissão de propostas de artigos a apresentar, o Mateus DOC reuniu em Mateus um grupo de investigadores, doutorandos e pós-docs, de diversas disciplinas e áreas do saber:

Alexander Gerner (Filosofia), Antonieta Reis Leite (Arquitectura), Catarina Patrício (Ciências da Comunicação), Cláudia Matos Pereira (Artes Visuais), Diogo Fernandes (Literatura), Filipe Pinto (Estética), Hugo Santos (Ciências da Educação), Isabel Machado (Artes), João Santos (Economia), Liliana Rosa (Ciências da Comunicação), Rúben Branco (Economia)

Este grupo participou em todos os debates em torno do tema “Desvio”, discutindo em conjunto e com outros convidados especiais várias dimensões e abordagens do conceito.

Participaram neste seminário Jean-François Chougnet Alfredo Marvão Pereira, Artur Cristóvão, Eurico Figueiredo, Helena Sousa, assim como membros da Direção do Instituto.

Durante os três dias do evento, as discussões tiveram lugar numa atmosfera informal permitindo aos investigadores presentes re-equacionar, defender e amadurecer as suas teses como forma de preparação para a redação do artigo final.

Os artigos finais aqui coligidos refletem a diversidade de pontos de vista e das abordagens que estiveram na base do riquíssimo debate em Mateus. Embora em três línguas, inglês, português e espanhol, os artigos são publicados num só idioma escolhido pelo autor. Apenas os textos de enquadramento são publicados em duas línguas, inglês e português. Os conteúdos desta publicação podem igualmente ser consultados no site do IICM: www.iicm.pt.

Prefácio

Nuno Nabais

Está ainda por fazer uma história exaustiva do conceito de "desvio". É verdade que conhecemos os seus capítulos principais. Sabemos, por exemplo, que a sua primeira formulação especulativa se encontra em Lucrécio. O desvio de um único átomo, no movimento infinito de queda em paralelo e a uma velocidade constante de todos os átomos, teria sido a causa primeira da totalidade das formas e dos movimentos do mundo tal como o conhecemos. E também sabemos que esse "clinamen" se manteve, ao longo dos vários séculos da tradição atomista, como o grande argumento cosmológico a favor da contingência dos destinos humanos. No entanto, a partir do sec. XVIII, o conceito de "desvio" entra em derrapagem. Por um lado, com a invenção do cálculo de probabilidades, e como forma de reduzir o aleatório, o desvio, enquanto "desvio-padrão", passa a definir, não a contingência, mas o grau de indeterminação de um acontecimento futuro. Os desvios serão acidentes contidos na própria equação do necessário. E, no sec. XIX, com a sociologia e a criminologia, os desvios, com a sua natureza acidental, vêm confirmar a universalidade das normas que eles transgridem, e legitimar os dispositivos de controlo policial para os limitar e punir. A essa demonização do desvio, o próprio sec.XIX contrapôs uma versão virtuosa. A sociologia, com Durkheim, descobre desvios fecundos. São aqueles que conduzem a novos padrões culturais. Em paralelo, a biologia, sobretudo com Darwin, vê numa pluralidade de desvios (ou bifurcações arborescentes) a explicação para evolução das espécies. A variedade quase infinita de formas dos seres vivos seria a expressão mais eloquente das virtudes desviantes da selecção natural.

No sec.XX o desvio tende para o desaparecimento. Keynes ainda o usa, nos anos 30, para justificar a intervenção reguladora do Estado sobre a economia. Caberia aos governos corrigir, com investimentos públicos e desvalorizações cambiais, aquilo que ele denuncia como o grande risco: "desvio face ao pleno emprego". E Freud pertence ao sec.XIX quando ainda define o delírio como a consequência de um desvio do princípio de realidade.

Porém, a partir dos anos 50, o desvio deixa de ser um conceito operatório. Assim, em sociologia, das categorias de anomia e de violação de normas, passámos às de inovação e de pluralismo cultural com Talkott Parsons. Na biologia evolutiva, o modelo da simbiogénese - com Constantin Merezhkowsky e a descoberta de como espécies diferentes, que partilham um mesmo ecossistema, se unem para formar um novo indivíduo - procura substituir a imagem darwiniana do desvio. Em lugar da ideia de que é uma pequena diferença que se fixa geneticamente e que permite a sobrevivência das linhagens dos mais aptos, a simbiogénese propõe uma outra imagem: a da cooperação entre diferenças, entre diferentes espécies no interior de sistemas complexos de vida. Na economia política, a partir de Hayek e do ordoliberalismo dos anos 50, todos os desvios ou todas as assimetrias económicas são convertidos em puras diferenças. São essas diferenças que constituem aquilo que Hayek chama "mercado livre" e que conduzirá, em nome da liberdade política enquanto direito do indivíduo, à desregularização financeira do período Reagan/Thatcher. Este mesmo abandono do conceito de desvio acontece em algumas tradições da psiquiatria. Novos modelos são propostos para pensar a natureza do delírio (delirium que, em latim já queria dizer saída do trilho cavado por um arado, ou seja, já queria dizer desvio). Para Lacan, por exemplo, a perda do princípio de realidade não é um acidente. Ela é constitutiva da vida psíquica. Não existe um real originário e autêntico que viesse a ser ocultado por um desvio em nome de um princípio de prazer. O real é sempre impossível. Ele dá-se, desde a origem, como parte de um jogo de diferenças, no interior de uma estrutura triádica composta também pela esfera do imaginário (desejo) e do simbólico (lei). O desejo, para Lacan, também não tem uma condição primitiva. O desejo é consequência da lei como interdito. E o interdito é o modo de o real manifestar a sua impossibilidade. O delírio coincide assim com a esfera do imaginário, não é um desvio mas a resultante da dinâmica sempre já triádica da alma humana.

No espaço de 50 anos, dá-se a substituição quase generalizada do conceito de "desvio" por um outro que parece ser uma sua versão menor, o conceito de "diferença". A diferença ocupa a boca de cena a partir da segunda metade do sec.XX. O modelo estrutural, que definiu de forma quase imperial as ciências humanas dos

anos 60 e 70, representa o ponto culminante do que procurava ser uma teoria pura da diferença. No interior de um sistema, - seja ele uma língua, uma rede de produção e consumo, um mito -, nenhum termo contém em si mesmo as condições da sua existência ou as condições da sua inteligibilidade. Numa estrutura, não há caminhos, padrões ou anomias. Cada elemento é determinado pela totalidade das diferenças face a outros elementos. A estrutura é um jogo regulado de diferenças.

Como explicar este desaparecimento de um conceito tão fecundo como o de "desvio" no espaço de dois séculos? Ter-se-ia perdido o seu sentido originário? Terá sido ele vítima da sua diabolização pela sociologia do sec.XIX? Ou, pelo contrário, sacrificado aos abusos das suas virtudes em biologia evolutiva, em economia, em psiquiatria?

Nos imensos usos do conceito de "desvio" não é possível encontrar aquele que seria o mais puro ou o mais originário. Do "desvio-padrão" em estatística ao "desvio face ao pleno emprego" em economia, passando pelo "desvio como violação da norma" em sociologia ou pelo "delírio como desvio da realidade" em psiquiatria, sabemos que cada vez que empregamos o termo de "desvio", de "descaminho" ou de "saída do trilho", estamos já a experimentar um certo afastamento face a outros usos. O conceito de desvio só pode ter ele mesmo um uso desviante. Qualquer enunciado de desvio é um desvio face a outros sentidos do desvio. É que, em qualquer das versões do desvio, hesitamos sempre entre um registo diabólico e um registo eufórico. Desvio tanto pode exprimir uma perversão de um movimento como a invenção de uma novidade criadora. Mas, no que diz respeito ao conceito de "desvio", não é possível separar um bom e um mau uso do seu sentido. Tanto o registo diabólico como o euforizante são em si mesmos declinações do próprio conceito de desvio. Diabo, de diabolos em grego, é composto de dia - que significa dissociação, separação - e bolos - lançar para longe. Diabólico, na sua origem, exprime portanto um desvio de longo alcance, uma dissociação que separa de forma absoluta. Tudo o que é diabólico é desviante. Por esse facto, a demonização do desvio não é apenas um fenómeno da sociologia moral do sec. XIX. Ela está inscrita em todas as explicações monoteístas do mal, pertence às

teologias que recusam ao erro e ao pecado uma existência independente. Tanto no cristianismo como judaísmo ou no islamismo o próprio mal, o demónio, é representado como um desvio da divindade. O mal é a consequência de um pequeno gesto de afastamento, de dissidência de um anjo, mas de um anjo quase tão poderoso quanto Deus.

O mesmo acontece com a interpretação virtuosa do desvio. O bem supremo é também um desvio. De facto, no conceito de alegria como euforia encontramos também uma declinação do desvio. Euforia vem do verbo euphoreo que significa conduzir a bom termo - do prefixo eu (de bom ou perfeito) e de phoreo (transportar, conduzir). A euforia é sempre um movimento de desvio, mas um movimento que, em lugar de afastar definitivamente do caminho, em lugar de desencaminhar, reencaminha. Mas reencaminha porque reinventa o caminho, cria um novo porto, cria um novo fim, melhor do que aquele pelo qual se havia iniciado o movimento. Toda a alegria intensa, toda a euforia é ela mesma um desvio, é a libertação de um destino funesto.

Não é, portanto, o desvio que se deixa pensar em registos opostos. É a oposição entre o bem e o mal que só pode ser representada a partir de figuras do desvio. O bem é o desvio que salva de um caminho para o abismo. O mal é o desvio que separa, o desvio que bifurca o caminho inicial e que engendra a discórdia. Só foi possível diabolizar o desvio porque o diabólico é ele mesmo desviante. Do mesmo modo que um desvio libertário, um desvio euforizante apenas se pode enraizar nas nossas ideias de felicidade e de alegria porque a própria libertação, a própria euforia, se dizem como variações do desvio, como maneiras felizes do descaminho. O pensamento do desvio pressupõe-se a si próprio.

Não é possível fazer a denúncia (teológica, moral, sociológica) do desvio sem usar uma certa figura do desvio (como mal). Também todo o elogio (político, estético, ético) do desvio convoca antecipadamente uma metafísica do bem que tem como símbolo perfeito o próprio desvio, enquanto fuga a um caminho sem saída.

Segundo creio, é este círculo vicioso que explica em grande medida o abandono do conceito de desvio pelas ciências humanas no sec.XX. Nunca antes a sociologia, a economia, a psicologia, a

linguística, o direito tinham procurado de forma tão radical uma visão integradora dos fenómenos extremos da condição humana. Mas compreenderam que uma descrição rigorosa do humano, do mais diabólico ao mais intensamente eufórico, era incompatível com o conceito de desvio. Era impossível pensar o desvio para além do bem e do mal - de tal maneira o bem e o mal estavam eles mesmos determinados por variações do desvio.

Ora, no processo de secularização ou de dessacralização das figuras do humano que marca o século XX, o conceito de desvio tinha que ser abandonado. Como já referi, a solução para uma visão neutra, ateológica e não-valorativa do Homem passou por substituir o conceito de "desvio" pelo de "diferença". Compreende-se. A alternativa tinha que ser encontrada naquele conceito contra o qual o desvio, desde o início, tinha sido desenhado. Não nos podemos esquecer que o clinamen de Lucrécio (e de toda a tradição atomista antes dele, de Demócrito a Epicuro) tinha sido criado para refutar as cosmologias da diferença. De facto, já para Epicuro a única maneira de recusar quer o dualismo platónico inteligível/sensível, quer a diferença aristotélica entre o movimento do mundo e o motor imóvel divino, era afirmar um monismo radical, era representar um cosmos apenas composto por átomos e pelos seus movimentos no vazio. E para evitar qualquer explicação demiúrgica ou finalista, qualquer princípio transcendente que desse conta das diferenças formais e materiais dos seres empíricos, Epicuro inventou o conceito de desvio. Contra todas as figuras da diferença - real ou ideal - apenas o conceito de uma pequena inclinação produzida no movimento de queda paralela de todos os átomos poderia salvar uma visão monista do universo. Epicuro, e Lucrecio, não recusam a existência de diferenças. Mas todas elas são puramente quantitativas - há átomos tão pequenos que são invisíveis, como outros que são tão grandes como a própria Terra. E todas as alterações de forma, assim como todos os fenómenos de geração e corrupção, são redutíveis a efeitos remotos do clinamen, consequências longínquas do desvio primordial.

Se o século XX é o século da diferença é porque a diferença apareceu por todo o lado como a alternativa secularizada a uma longa tradição - impregnada de supostos morais e teológicos - do

desvio. Mas essa alternativa oferecida pelo conceito de diferença só pode ter aparecido como natural porque o conceito de desvio ele mesmo já tinha sido uma alternativa ao conceito de diferença. Na sua origem mais recuada ele representou um gesto de recusa daquelas que eram as implicações metafísicas, teológicas, epistemológicas e éticas do conceito de diferença na sua formulação platónica e aristotélica.

O facto mais paradoxal desta história do desvio é que o conceito de diferença que o veio substituir na segunda metade do sec.XX, só conseguiu impor-se como uma alternativa teórica porque prolongou as teses principais da própria metafísica do desvio. Nas suas formulações mais especulativas, a diferença será sempre definida por variações das figuras do desvio tal como elas tinham sido inventadas por Epicuro e Lucrecio.

Isso é sobretudo visível nas chamadas "filosofias da diferença". De Heidegger a Derrida, de Foucault a Deleuze, o pensamento da diferença acabou por ser sempre um pensamento do desvio, ou melhor de um desviar, de um esquivar a identidade. Porque o que está em jogo é um conceito de diferença que evite a posição de seres identitários, que têm como propriedades um conjunto de traços em si mesmo diferentes, a diferença tem que ser representada como um processo, como um processo de diferenciação. E, nessa diferenciação, nessa diferência, nesse diferir, a figura epicurista do desvio foi-se insinuando.

Introdução

Alexander Gerner e Roberto Merrill

Poderemos nós pensar o conceito de desvio de uma forma interdisciplinar e mais ampla do que apenas um desvio de uma norma que deveria ser cumprida? Neste caderno atendemos não só ao desvio económico, mas também ao potencial político, estético, social, artístico e epistémico do desvio.

Existirão distracções que mais tarde se revelam desvios necessários - temporais e locais - para o desenvolvimento duma aprendizagem mais profunda? Será o desvio contingente? Será o desvio na comunidade científica um dado importante para a descoberta? Que desvios são estes, que se podem nomear trágicos? Será a ficção no cinema um desvio do real? Qual a função complexa de um comportamento que uma sociedade ou cultura declara como socialmente desviante? Haverá desvios dentro do desvio? O que se pode chamar um desvio poético? O caminho essencial da arte será mesmo um détournement? Qual o papel do desvio no melhoramento cognitivo? O desvio potencia a política?

O encontro Mateus Doc VII "Desvio/Detour" foi um convite a estas e outras ideias, lançadas e confrontadas em franca abertura perante tão vasto tema. Das suas repercussões resultam as questões registadas neste Caderno, que em complementaridade e oposição, permitem uma mapear da complexidade do conceito de desvio.

I Desvios Económicos

O Caderno Mateus Doc VII "Desvio/Detour" abre com uma abordagem ao tema de **Desvios económicos.**

Economics and Reality: an essay on deviation
João Santos

descreve vários exemplos de desvios da expectativa e do poder de previsão de teorias económicas, lançando as questões:

como se caracterizam desvios económicos? Pode uma previsão da macroeconomia desviar-se da realidade microeconómica? Como é que as teorias neoclássicas da economia se desviam da economia 'real', quando confrontadas com imprevistas recessões e depressões graves? Poderemos nós pensar o conceito do desvio no contexto de uma ideia esperada ou idealizada, mas que se não confirma como um dado real, como por exemplo na ideia do 'desvio' do pleno emprego? E como deverão as autoridades públicas reagir a esses desvios?

Economy 3.0
Rúben Silva Branco

vê o desvio como conceito deficitário entre taxas de crescimento de países. Para Branco, os muitos desvios entre as taxas de crescimento económico entre países prejudicam aqueles que crescem menos no contexto económico internacional. Para o autor, isto significa que na primeira década do século XXI, 'Portugal acumulou um desvio de 10 pontos percentuais ao caminho de crescimento do 'mundo mais desenvolvido' '. Esta situação de 'desvio da meta' instalada, piora - mais cedo ou mais tarde - a qualidade de vida, baixa os salários, diminui as prestações sociais, retrai investimento da cultura, da educação e da ciência, entre outros efeitos negativos. Desvios são, nesse sentido, causados por 'actos e interacções irracionais', ou 'choques exógenos ao equilíbrio'. Em Branco, a proposta de fazer parte da solução e não do problema é herdeira de um modelo psicológico de 'atitudes comportamentais', em que a atitude de uma pessoa em relação a um determinado comportamento é determinado pela sua convicção sobre a recompensa esperada, a crença sobre a sua própria capacidade de executar o comportamento e a sua própria avaliação sobre os resultados produzidos. Nesse modelo os três ingredientes juntos produzem - teoricamente - uma avaliação favorável / desfavorável de um determinado comportamento, formando duma atitude. Interrogamo-nos: Como podem essas 'atitudes' ser realizadas dentro um sistema complexo como a economia? Como se traduz em termos práticos essa relação entre politica e economia da 'atitude'? Quais exactamente as atitudes/valores a louvar? Que razão e desvio de razão temos de enfrentar numa 'Economia 3.0', idealizada por Branco?

II Desvios dentro do desvio

Juventude Gay, Escola e Culturas: Um olhar desviante para lá da margem - Hugo Santos et al

problematizam a ideia do 'comportamento desviante', numa perspectiva de cidadãos na pluralidade das suas orientações sexuais, jovens estudantes que, devido à sua orientação/identificação sexual, se encontram nas margens, quer da "sociedade heterossexual", quer num panorama escolar que é normalmente perspectivado como 'regularmente homofóbico', seguindo as manobras individuais destes estudantes para o afrontar e desviar, procurando contribuir para uma reflexão mais complexa sobre as margens e os processos dinâmicos da constituição das normas e desvios. Uma importante pergunta a fazer é: será que destes jovens que sofrem bullying homofóbico, alguns já o praticaram? É possível falar-se de diversidade dentro da diversidade, desvios dentro do desvio, e em que sentido é criado, nos estudos sobre marginalidade, um papel da 'vitima' de uma forma exagerada e para além da realidade estudada? O desvio dentro do desvio é descrito por exemplo em 'manobras' que corporizam estratégias de resiliência e dignidade a partir de exuberâncias. Estes perfis-tipo são, de acordo com Santos et al as expressões do desvio dentro do desvio, do qual uma dessas manobras pode ser chamado 'disfarce'; uma táctica baseada na ignorância e dissimulação de cidadanias do faz-de-conta e pelo auto-controle da imagem da 'normalidade' do comportamento, em que eles próprios reproduzem estereótipos negativos sobre a norma, o desvio e sobre os outros.

III Um pequeno desvio

O desvio poético
Diogo Fernandes

traz ao debate do Mateus Doc VII a pergunta: pode uma tradução de uma obra literária ser considerada um desvio perante dessa obra? O desvio entre duas línguas ou produtos simbólicos também se dá entre a obra que influenciou um escritor e a sua própria obra no acto de a escrever. Para Harold Bloom em 'A Angústia da Influência',

a ideia de Lucrécio do 'clinamen', de um desvio imprevisível dos átomos, é ligado ao escritor de poesia, que se desvia de uma forma mínima do seu precursor, num pequeno movimento, como aquele que parte em direcção a um novo poema. Para Fernandes, o desvio poético precisa assim da continuidade como condição importante: como mostra Álvaro de Campos em 'Saudação a Walt Whitman', ao contrário de uma ruptura ou um solipsismo poético, o desvio literário é resultado de um processo entre o clinamen e a influência, uma interrupção de um trajecto ou uma mudança de direcção. O desvio pode assim, aqui, ser considerado até uma norma no processo de criação literária.

IV A arte como desvio?

Détournment: até que ponto o desvio pode ser o caminho da essência da arte? - Cláudia Matos Pereira

Poderá o desvio ser definido como uma mudança de estilo específico à arte moderna? Haverá no processo da arte uma sucessão de desvios rapidamente sobrepostos uns pelos outros? Poderá existir, na mentalidade e cultura de um povo, como Oswald de Andrade desejava na sua proclamada 'Revolução Caraíba'- uma mudança que represente um desvio formador da identidade? No debate desta edição do Mateus Doc pôs-se em questão se o conceito de Debord 'detournment' teria efectivamente por tradução desvio - no sentido de uma transformação/ alteração ontológica ou diferença; ou desvio no sentido de uma reactualização/reutilização diferente de recursos pré-dados?

'A arte é desvio!'. Esta afirmação 'provocativa' por parte de um dos participantes do debate em Vila Real, transformada na questão: será a arte necessariamente um desvio? , acabou por encontrar a sugestão mais aberta da arte como 'espaço para experimentar o desvio'.

V Desviar para conhecer

Enhancement as Deviation: Notes on a Philosophy of Enhancement - Alexander Gerner

Será que se pode explicar o desvio como aprimoramento cognitivo epistémico, como na epistemologia evolutiva de Peirce ou numa distracção abstractiva? Quais são as consequências para uma sociedade que impõe um desvio cognitivo como melhoramento social? O melhoramento como desvio pode ser explicado no quadro da saúde no sentido da avaliação da 'técnica do humano', como no conceito de >pharmakon<? Estarão os desvios ligados a modos e técnicas de atenção?

VI Desvios históricos

História, origem e desvios Angra do Heroísmo 30 anos de Património da Humanidade - Antonieta Reis Leite

segue a historia da mitigação de uma catástrofe natural, o terramoto que há 30 anos devastou -quase por completo - Angra do Heroismo, na ilha açoriana Terceira. Concentra-se na reconstrução urbana para pensar o desvio como uma forma urbanística de reinserção, ou um dever de reparar/renovar e preservar o património arquitectónico dos antigos centros urbanos. Com o exemplo do urbanismo evolutivo da Angra do Heroismo, Leite mostra como se deve encontrar uma síntese em que até comportamentos desviantes podem ser autorizados, e assim chegar a uma posição mais fundamentada, como preparação para futuras intervenções e decisões sobre o património urbanístico que herdámos, escolhendo que desvios devem ser permitidos e de quais se pode e deve abdicar.

VII Cinema e Desvio

O verso e reverso do Cinema, a ficção como desvio do real
Isabel Machado

propõe que qualquer imagem filmada está condenada a ser um desvio do real no sentido de se tornar ficção. Mas ao mesmo tempo, isso significa para a autora que essa imagem é também sempre uma realidade em si, infinitamente desdobrável. Nesse sentido o 'verso' e 'reverso' do cinema para Machado são

inseparáveis, como num 'caleidociclo': o verso pura e simplesmente não existe sem reverso e vice-versa, não pode existir ficção sem real num desvio cinematográfico. Machado consta também que a técnica de filmar é um princípio da transformação da realidade: 'em que medida a presença da câmara obriga a realidade a desviar-se de si mesma?'.

O desvio trágico das heroínas dos filmes de João Canijo
Liliana Rosa

Qual o desvio dentro do conceito do trágico? Qual é a relação entre o conceito do trágico e o conceito de desvio? Em que sentido se desvia Antigona da lei do homem imposto pelo tio Creonte, desrespeitando-a para cumprir uma lei divina? Qual o desvio que acontece dentro do conceito do trágico quando o transportamos da tragédia grega para os personagens do cinema português, de João Canijo? Como nota Rosa, o filme Ganhar a Vida (2000) resulta da adaptação da tragédia "Antígona", de Sófocles. Noite Escura (2004) resulta da adaptação das tragédias "Ifigénia em Áulis", de Eurípides e "Agamémnon" de Ésquilo.

VIII Politicas do desvio

O potencial político do desvio; potência e interrupção
Filipe Pinto

abre as suas 20 notas acerca do potencial político do desvio com uma frase que liga o desvio a um destino, direcção : 'Apenas (...) aqueles que têm - destino e direcção podem sofrer desvio. O deambulador - o flâneur - não sofre o desvio; não sofre; quanto muito, acolhe-o.' Nessa orientação cristaliza-se o potencial de resistência do "desvio como insubordinação do trajecto', a 'forma de resistência' ao pré-programado destino politico. Mas será o desvio um conceito do transporte metafórico? Parece que a ideia do desvio 'interrompe' um curso corrente, habitual , e como Pinto explica: 'tudo o que é político interrompe (ou desvia); nem tudo o que interrompe é político'.

Da contingência
Catarina Patrício

Inspirado em Charles Bukovski explica, num tom menos apocalíptico, mas num forte acento politico-performativo, que um 'desvio final' é a condição de viver sobre a ameaça da extinção da espécie humana, visando assim uma mudança do status quo político: 'A extinção é, para o ser humano, um inexorável desvio ao seu insustentável narcisismo teo-político'. Patrício questiona-se assim sobre a metodologia que propõem com um conceito de desvio 'infinito': 'Será, (...) essencial trabalhar sempre com uma metodologia capaz de operar epistemologicamente com a finitude, ou melhor, para além da finitude?'

Como contraponto eufórico a um último desvio performativo infinito, fica a visão de Frank Zappa, como o músico e compositor a ditaria no documentário homónimo de 1971, da importância do desvio da norma, no sentido do avanço colectivo das ideias:

I think that progress is not possible without deviation. And I think it is important that people be aware of some of the creative ways in which some of their fellow men are deviating from the norm. Because in some instances they may find these deviations inspiring and might suggest further deviations which might cause progress. You never know...

I. Desvios Económicos

Economics and Reality: an essay on deviation

João Pereira dos Santos
Nova School of Business and Economics

Abstract

The almost quasi-religious insistence that macroeconomics has to have microfoundations - with no ontological nor epistemological reasons for this claim - has put a blind eye to the weakness of trying to depict a complex economy based on an all-embracing representative agent equipped with superhuman knowledge, forecasting abilities and forward-looking rational expectations. In this article, using contributions from the History of Economic Thought, I analyze the deviation between mainstream economics and reality and I argue why this is the perfect opportunity to redefine the scope and substance of this social science. In this regard, the advantages of behavioral economics are explained.

Keywords: Economics, Reality, Expectations, Social Science, History

Sumário

A ideia que a macroeconomia deve ter fundamentos microeconómicos tem contribuído para mascarar as fraquezas de um modelo complexo em que os agentes económicos possuem capacidades sobrehumanas e apresentam expectativas racionais em relação ao futuro. Neste artigo é analizado, ao longo do tempo, o desvio entre a ciência económica e a realidade e é explicado porque estamos perante uma oportunidade única para redefinir os métodos, os temas e os desafios com que esta ciência social lida.

"...Macroeconomics (...) has succeeded: Its central problem of depression prevention has been solved, for all practical purposes, and has in fact been solved for many decades."
Robert Lucas (2003)

For almost two hundred years, economists have not been exactly known by their forecasting abilities. However, this quote by the Nobel laureate in 1995, a developer of the *rational expectations theory* (which states that agents' predictions of the future value of economically relevant variables equal true statistical expected values), is much more serious as it is the perfect example of a fundamental deviation between economic thinking and reality. Moreover, this disconnect between neoclassical economics and the hot button issues of the new millennium is increasingly evident when confronted with severe recessions and depressions that were not foreseen. In those settings, the negative output gap which is, by definition, the difference between the actual and the potential level of output (the one that could be sustainable in the long-run, given the social and the ecological contexts and the growth rate of technology) has austere consequences both in Welfare (as there are extreme deviations from full employment) and in Public Finances (where deficits are very often perceived as deviations from normality).

The criticisms came not only from outside but also from inside. Paul Krugman, winner of the Nobel Prize in economics in 2008 and columnist in the *New York Times*, argued that much of the work produced in the last thirty years was "useless at best, and positively harmful at most". It was a "costly waste of time", in the words of Willem Buiter from the London School of Economics. As *The Economist* magazine summarized in 2009: "of all the economic bubbles that have been pricked, few have burst more spectacularly than the reputation of economics itself".

At this stage, an important note must be highlighted. The discredit that the broad discipline has been suffering deserves a robust response. As ignorance has allowed politicians, investors and the media to overstate the virtues of economics (recall the speech from Jacques Delors where we said that "Not all Germans believe in God but they all believe in the Bundesbank"), now it blinds them to its benefits. Much of the body of knowledge of this social science remains, not a slavish doctrine, but a useful prism through which to better comprehend the world.

In section I, a short tour on the History of Economics (and the broader context) from Adam Smith to John Maynard Keynes and

from Keynes to Milton Friedman is provided. In the following section, the division in mainstream economics between Freshwater and Saltwater Economists is commented. Regarding section III, it is claimed that Economics remains a central tool to understand the world and, in section IV, the importance of Behavioral Economics is explained. Section V concludes.

1. Lessons from History

The deviation of mainstream economics from reality is not particularly new. In the advent of the Great Depression of the 1930s, classical economics proved incapable in predicting the financial meltdown, in mustering an arsenal of economic tools to fight the crisis and correct enormous deviations from full employment. The idea that Adam Smith's *invisible hand*, briefly mentioned in his masterpiece *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776), will move markets towards their natural equilibrium, without requiring any outside regulation was, at the time, the central lemma. Even though, *laissez-faire* economists admitted that, in some particular cases when externalities came into place, the price system was not able to distribute resources in an efficient manner. This orthodox vision was challenged by John Maynard Keynes' *General Theory of Employment, Interest and Money* (1936) who introduced, among others, the notions of - take some time to breath - *sticky prices* (there exist nominal rigidities), the *multiplier* (there exists some room for governments to stimulate aggregate demand), the *paradox of thrift* (there exists a negative effect if everyone saves more during a recession), the *liquidity trap* (there are limits to monetary policy effectiveness) and, last but not least, *animal spirits* (there are limits to consumers, investors and voters rationality). A revolution took place.

But all revolutions suffer counterrevolutions. For almost thirty years, Keynesians seemed to know what they were doing, conducted by an apparent trade-off between unemployment and inflation (*the Phillips Curve*). But, when the oil-price shocks of the 1970s hit, the previous trade-off disappeared and the developed economies were condemned to *stagflation*. As a response, the monetarist canon headed by Milton Friedman (Nobel Prize winner in 1976) asserted that all that was required to prevent

depressions was a very limited form of government intervention - namely, from almighty Central Banks - to keep the money supply growing on a balanced pace. Furthermore, the Keynesian consumption function, where people's consumption depended on their disposable income, was also replaced by a *permanent income hypothesis* where prospects of future income were also taken into account.

2. An Important Division

Eventually, however, the anti-Keynesian revolution went far beyond Friedman's views and two schools of thought emerged. One accused the other of being uncritical supporters of fiscal stimulus, studying antiquated and undignified Keynesian positions (what would be considered a routine scholarship in the humanities field) as if nothing had been learned for the last seventy years. Real scientists, after all, do not go to classical books to solve modern problems in physics. If the recent global crisis has contributed to question the assumption that "markets clear", it is not enough to claim that there are externalities that should be addressed through government intervention. It must be proved, they claimed, that this type of policies would be able to lead to a superior equilibrium. Conversely, the other side argued that we are now living through a "dark age of macroeconomics" as if everything had been forgotten to return to the neoclassical idealized world in which rational individuals interact in perfect markets, this time gussied up with elegant equations. As Krugman (2009) puts it, "...economists mistook beauty, clad in impressive-looking mathematics, for truth". To be honest, it was a more a matter of convenience, to "close the model", rather than a matter of conviction. "Math is good training for the mind. It makes you a more rigorous thinker. Every economist needs to have a solid foundation in the basics of economic theory and econometrics. You cannot get this solid foundation without understanding the language of mathematics..." said Greg Mankiw, chairman of the economics department at Harvard University.

The purists, named *freshwater economists* because of the lakeside universities where they happened to gather, started from the assumptions that markets clear and that any efforts made by

policymakers did more harm than good. Prices determined by competition were seen as more economically efficient than those set in a centralized manner. In this regard, a wave of deregulation materialized in Western countries since the 1980s. Related with the previous aspect, the Keynesian view of financial markets as a "casino" was substituted by Eugene Fama's efficient market hypothesis, which claimed that assets are intrinsically priced just right, given all publicly available information. As a consequence, financial innovations were always welcome and central bankers were too obsessed on taming inflation and too careless about speculative asset bubbles. Fama (Nobel Prize winner in 2013) declared in a 2007 interview that "the word bubble drives me nuts. People are very careful when they buy houses. It is typically the biggest investment they are going to make, so they look around very carefully and they compare prices". In Krugman's words: "the study of financial markets seemed to have been taken over by Voltaire's Dr. Pangloss, who insisted that we live in the best of all possible words". In a very interesting book published in 2009 (*This time is different: Eight Centuries of Financial Folly*), Professors Carmen Reinhart and Kenneth Rogoff showed how little we have learned from previous financial crises.

In addition, some of these economists returned to Schumpeter's *creative destruction* formulation, considering recessions as a positive phenomenon, an adjustment to change where innovative market entry by entrepreneurs was the disruptive force that sustained long-term economic growth. John Cochrane from the University of Chicago even declared that "we should have a recession. People who spend their lives pounding nails need something else to do".

If people are rational and markets are efficient, if there happens to be a recession (as in Asia in the last decades of the 1990s or the Argentinian financial turmoil in 2002), it must be caused by a "temporary confusion" in these micro-founded macroeconomic models: workers and firms might not be able to distinguish from overall changes in the price level from changes in their specific business situation. Remarkably, some scholars even took this idea a step further. They argued that changes in demand are not related with the business cycle but they reflect fluctuations

in the rate of technological progress. Therefore, in this setting, unemployment is perceived as a deliberate decision by workers to take time off. Real Business Cycle theory appreciates deviations from the potential output as the resourceful response to exogenous changes in technology. The public authorities should therefore concentrate on structural policy changes and not intervene through discretionary monetary or fiscal policies designed to close the output gap. Obviously, this was in clear contrast with Keynes understandings: "in the long run we are all dead", he famously claimed. He even argued that, if *liquidity preference* surged, the investment path would decline with no obvious market force to restore it. Hence, demand would fall short of supply, leaving prepared workers on the shelf. Governments were, according to him, responsible to revive demand by cutting interest rates or by public works if necessary. Another important neoclassical related concept is Robert J. Barro's *Ricardian Equivalence*, an economic hypothesis holding that consumers are forward looking and so internalize the government's budget constraint when making their consumption choices. In this setting, and under very strict assumptions, it results that, for a given pattern of government spending, the method of financing that spending (taxing now or taxing later) does not affect agent's consumption (and saving) decisions, and thus, it does not change aggregate demand.

On the other hand, US coastal universities housed most of the *saltwater economists*. For them, active policy to fight recessions remained necessary. At the 90th birthday festivity for Milton Friedman, Ben Bernanke, a former New Keynesian professor at Princeton and, by then, a member of the FED, declared of the Great Depression: "You are right. The FED did it. We are very sorry. But thanks to you, it won't happen again". These pragmatists recognized a variety of market failures. In particular, New Keynesians assume that there is imperfect competition in price setting, which means that they do not adjust instantaneously to reflect broader economic conditions. In other words, wages, for example, can become *sticky*.

But these scholars were not immune to the charms of rational individuals and perfect markets, where the banking-system

collapse was not possible, and they tried to keep the deviation from neoclassical orthodoxy as restricted as possible. An uneasy truce was celebrated… until everything came apart in 2008.

3. Nobody Saw it Coming

The idea that all forecasts made by economists are incorrect is not completely justified. For example, Keynes's *The Economic Consequences of Peace* (1919) proved to be extremely accurate concerning the Versailles Peace Treaty and the developments that resulted in the eruption of World War II.

More recently, some economists, notably Robert Shiller of Yale (Nobel Prize winner in 2013) and Nouriel Roubini of the New York University, managed to identify the housing bubble (*subprime*) and warned of painful consequences if it were to burst. Yet, very few paid attention. The symptoms that originated the crisis, the timing, the extent that it would achieve and, moreover, the risks of the system as a whole were largely missed.

Nevertheless, there are reasons to be optimistic regarding the future of Economics. There is room to improve our knowledge regarding the topics concerning the fundamental deviation between reality and economic theory. As *The Economist* defended "Economists were deprived of earthquakes for a quarter of a century. The Great Moderation, as this period was called, was not conducive to great macroeconomics. Thanks to the seismic events of the past two years, the prestige of macroeconomists is low, but the potential of their subject is much greater. The furious rows that divide them are a blow to their credibility, but may prove to be a spur to creativity."

4. Behavioral Economics: Why is it important?

"Political Economy presupposes an arbitrary definition of man, as a being who invariably does that by which he may obtain the greatest amount of necessaries, conveniences, and luxuries, with the smallest quantity of labour and physical self- denial with which they can be obtained in the existing state of knowledge."

Having in consideration this premise by John Stuart Mill, thinkers like Alfred Marshall, Léon Walras and Vilfredo Pareto, among others, contributed to develop mainstream economics by using a powerful mixture of objective formalization of assumptions and reasonable analysis of consequences. This conceptualized world, inhabited by unemotional and unethical rational optimizers known as *Homo Economicus*, reigned in economic textbooks since, at least, Paul Samuelson's *Economics* was published in 1948 (Nobel Prize winner in 1970).

However, economists begin to rediscover (see the earlier works of Irving Fisher and Keynes on irrationality) the importance of incorporating the contribution of psychology in these frameworks. Although standard models on *expected utility theory* are more practical and easier to formalize, there are significant criticisms to three implicit assumptions.

The first one relies on the fact that economic agents present limited processing capabilities and are often influenced by *overconfidence, memory bias, cognitive dissonance*, other persons' suggestions (*anchoring*) and fear of feeling regret. Consequently, utility is not always maximized. This *bounded rationality* (as Herbert Simon, Nobel Prize winner in 1978, coined it) explains why people often adopt rules of thumb to save time since it is eminently impossible to digest all the flow of information available nowadays. To develop a more psychologically precise description of decision making, Amos Tversky and Daniel Kahneman (Nobel Prize winner in 2002) wrote *Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk* (1979). This seminal paper on Behavioral Economics revealed that people make decisions based on the heuristic potential value of losses and gains. Even if people can accurately measure probabilities, there is always a subjective interpretation made by each individual. For example, an investor can either be *risk neutral, risk averse* (very reluctant to accept a bargain with an uncertain payoff rather than another bargain with a more certain, but possibly lower, expected payoff) or *risk lover*.

Related with the previous argument there is another concern regarding human willpower. For instance, even if we can target the optimum, there are circumstances where that unambiguous

point is not chosen. We all have drunken, eaten, smoked or spent more than we should have in a particular moment. The trade-off between short and long-run, due to uncertainty, is measured only in probabilistic terms.

Last but not least, it is believed that human cooperation is a purely *selfish* incentive driven act to achieve a greater utility in the future. Economic students study how to overcome the free rider problem in a *public* good context (no individual contribution if there is no improvement in private welfare but fail to recall a lesson present from Adam Smith's *Theory of Moral Sentiments* (1759) to Amartya Sen's The *Idea of Justice* (2009): humans are frequently willing to sacrifice their own interests. Furthermore, recent empirical research conducted by Fehr and Schmidt (2006) showed that concerns for reciprocity, fairness and altruism have a resilient effect on people's motivations.

The take-home idea is not that standard models, by definition simplified representations of reality, should be abandoned or their theories forgotten. These models are, undeniably, useful first approximations to reality. But they are *not* the whole story.

Conclusion

"The ideas of economists and political philosophers, both when they are right and when they are wrong are more powerful than is commonly understood. Indeed, the world is ruled by little else. Practical men, who believe themselves to be quite exempt from any intellectual influences, are usually slaves of some defunct economist."

John Maynard Keynes

In this article, I tried to use History of Economic Though and Economic History - from before the Great Depression of the 1930s until the Great Recession in 2008 – to illustrate and explain in what consisted and what has been done to correct the relevant deviation between reality and several economic theories. I argued that the current crisis is the perfect opportunity to redefine the scope and substance of economic pedagogy. It will require building interdisciplinary bridges with other social sciences (Psychology,

Political Science and Sociology, among others) and a readjustment of the role of Mathematics and Econometrics, always bearing in mind their analytical meticulousness. Essential fields like Behavioral and Experimental Economics, Institutional Economics - the prominence to understand the political frameworks that rule this *Leaderless Economy* as Peter Temin and David Vines named it - and Environmental Economics will expand their influence. It will mean a permanent fall from grace from the world where consumers, investors and voters have *unbounded rationality*, *unbounded willpower and unbounded selfishness*. But we all intrinsically believe - the current and previous economic crises have taught us that in a dramatic way - that those are not sound assumptions for real policymaking if we want to limit the deviation between this social science and reality.

Acknowledgments

The author acknowledges all participants in the Mateus Doc VII and Professor José Tavares for invaluable guidance. The usual disclaimers apply. He is very interested in receiving any further remarks, comments or suggestions on his work: joaorpereirasantos@gmail.com

References

Eichengreen, B. and O'Rourke (2012), "A tale of two depressions", Vox March 2, 2009

Fehr, E. and Schmdit, K. (2006), "The Economics of Fairness, Reciprocity and Altruism - Experimental evidence and new theories", Working paper Zurich University

Kahneman, D. and Tversky (1979), "A Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk", Econometrica;

Krugman, Paul (2009), "How Did Economists Get It So Wrong?" The New York Times September 2, 2009

Lucas, Robert (2003), "Macroeconomic Priorities", American Economic Review Presidential Address;

Mankiw, Greg (2006), "Why Aspiring Economists Need Math", Personal blog

Temin, Peter (2010), “The Great Depression and the Great Recession” NBER Working paper

The Economist (2009), “The other worldly philosophers” July 16, 2009

Buiter, Willem (2009), “The unfortunate uselessness of most ’state of the art’ academic monetary economics” Vox March 2, 2009

Economy 3.0

Rúben Silva Branco
Nova Business School- Universidade Nova de Lisboa

Abstract

"...Macroeconomics (...) has succeeded: Its central problem of depression prevention has been solved, for all practical purposes, and has in fact been solved for many decades."

-Robert Lucas

Has it? Does reality corroborate Lucas? Is his statement fact-consistent? Or is he talking about economic theory exclusively? The fact is there are still many deviations amongst the economic growth rates of countries - hurting those that grow less. This happens in spite of economic theory having already pointed clear drivers for (long-term and sustainable) economic growth... What is preventing these drivers from being put into action? I claim attitudes are the key to answer this question. The implementation of any economic policy inducing growth depends on families' and firms' attitude towards that particular policy and, more impotantly, depends on their attitude towards those growth drivers. A new economic policy paradigm is needed... one that takes attitudes into account as powerful growth drivers also.

Keywords: economic growth; attitude; incentives; public spending; economic policy

"...Macroeconomics (...) has succeeded: Its central problem of depression prevention has been solved, for all practical purposes, and has in fact been solved for many decades."
Robert Lucas

Has it? Does reality corroborate Lucas? Is his statement fact-consistent? Or is he talking about economic theory exclusively?

Between 2000 and 2010, income produced by the economy - the Gross Domestic Product (GDP) - grew, in Portugal, 0.7% per year, on average (excluding inflation). During the same period, GDP

grew, on average, 1.7% per year in the OECD (the set of the most developed economies in the World). This means that, in the first decade of the 21st century, Portugal accumulated a deviation of 10 percentage points from the growth path of the "most developed World".

This deviation hurts people. Less GDP growth in Portugal relative to other countries means that the Portuguese economy is producing wealth and multiplying resources at a lower pace relative to other economies, and this means that, compared to those economies, Portugal will be, sooner or later, constrained to providing less jobs, lower wages, lower pensions, lower unemployment benefits, poorer health services, lower support to science, culture and art... in a nutshell, lower living standards to people.

Therefore, this cumulative deviation generates tension, not only by itself, but also by being added to other deviations. Consider the fiscal policy pursued in Portugal during its current democratic period: in each and every year, State budget had negative balance - deficit, a deviation from budget equilibrium. This means that, in each and every year, the Portuguese State had to borrow funds to honour its expenditures. This accumulation of debt (budget balance deviations), together with the accumulation of low growth (growth-path deviations), generates, in those providing credit to the Portuguese State, the expectation that the State may not be able to repay the borrowed funds - note that economic growth is the source of State taxes, the main revenue allowing the State to pay its expenditures and debt. Those default expetations generated, in turn, the accumulated tension that, in 2011, led Portugal into its third economic assistance program in the country's current democratic period.

Where does this damagind growth-path deviation come from? Economic theory studies the way societies use limited resources to satisfy virtually unlimited needs. In addressing such contradiction between limited instruments and unlimited goals, society finds equilibria - stable states, in which all forces are matched, finding no trigger to move towards any other state, no reason to deviate. In such equilibria, resources are allocated to individuals and needs, obviously leaving others unsatisfied.

Economic theory studies society's choices in the process of building such equilibria. How do societies select the individuals and institutions to be granted with relative more resources? Which are those chosen individuals/institutions? In this study, equilibria are modeled and analysed, on the basis of many assumptions and of one in particular: agents (individuals, firms and the State) are rational in their decision process. There are, thus, three ways of breaching equilibria: (1) agents act irrationaly, (2) interactions between agents lead to irrational choices, (3) or shocks exogenous to the equilibria are introduced. Some deviations from the rationality assumption have already been pursued by the economic science.

The data described above indicates that Portugal lived, during that decade, in an equilibrium growth path characterized by relatively lower growth rates. What forces are producing this equilibrium? What forces could make the Portuguese economy deviate from this equilibrium towards that of the OECD... in order to bridge the growth gap and eliminate the growth-path deviation between Portugal and the OECD?

Economic science points 3 key drivers of long term economic growth: savings (in the sense they allow banks to lend money to entrepreneurs at low interest rates, allowing in turn entrepreneurs to create/develop their firms), education (in the sense it improves labor force productivity) and technological progress/innovation (in the sense in enhaces global firm productivity). Data for some periods between 1990 and 2010 show that Portugal had: (a) lower saving rates than other OECD countries with lower income per person, (b) lower school enrollment than other countries with lower income and lower public spending in education and (c) a lower overall percentage of GDP devoted to R&D and a lower percentage of the economy's R&D being performed by firms (vs. public sector), compared to other OECD countries.

The Keynesian school inspired some policy makers to think that "throwing money" at problems would solve them - I call this Policy 1.0, an economic-policy paradigm according to which economic growth is driven by public spending. This paradigm operates on the basis of the fact that higher consumption/investment

generates, in the short term, increased activity by firms selling the consumed goods/services. Nevertheless, this solution to growth is not enough to generate sustained growth - namely because increasing spending by the State requires (i) increasing taxes over families and firms and/or (ii) increased debt. The case of Portugal proves that a long period of continued public debt accumulation generates a blockage at the financial markets, stopping the flow of lended money, necessary to help people.

Later on, policy makers learned that "incentives" may (gently) push/induce people to take economically healthier choices - Policy 2.0 was born. This paradigm inspired scientific frameworks such as mechanism design, the study of institutions and works such as "Nudge", from Thaler and Sunstein, which is known for inspiring Barack Obama's policy strategy. In mechanism design, economic science studies how to build frameworks (mechanisms) in which incentives induce individuals or firms to follow specific directions or perform choices in a given way. In the study of institutions, social frameworks (such as the legal system) are analyzed, in order to determine what kind of incentives they provide to people. One particular example is labour market legislation. By protecting employed workers from dismissals (e.g. by forbidding firms to dismiss a worker due to bad performance), labour market laws are apparently promoting employment (conditions) and protecting the potential people's aspiration to a stable and long-lasting carrer, but, in fact, they may be hurting labour force productivity and even employment growth. Note that, being performance irrelevant to the job maintenance, the worker has no incentive to maximize effort or to perform well - he just needs to ensure he does not violate given minimum standards. Anticipating (or observing some cases of) this behavior, entrepreneurs will resist or, at least, hesitate before creating jobs or hiring new workers: regardless the high quality standards suggested in candidates' profile, they may all "relax" after being hired. This way, the end result of highly protective labour laws, that sought the stability of the employed people's carreer, may actually be higher unemployment (no carreer at all) and low firms' creation. Note that even multinational firms may choose to settle in other countries with more flexible labour law. In a globalized and highly competitive world, it's the deviation with

respect to other economies that matters, regardless geographic distance, cultural heterogeneity or even developmental stage a pair of economies present - technological progress allows firms to choose host countries based (almost) exclusively on the key variables to their specific business and operation.

But Psychology shows us individuals' ability/availability/awareness to read, interpret or respond to incentives may be legitimately limited. A new paradigm is needed: Policy 3.0, the power of "attitudes". Fishbein and Ajzen (1975) propose a model according to which a person's attitude with respect to a given behavior is determined by (i) her belief about the expected reward from the behavior, (ii) the belief about her own capacity to perform the behavior and (iii) her own assessment on the results produced by the behavior. All these three ingredients put together produce a favorable/unfavorable assessment on any given behavior - the attitude.

Is, thus, the Portuguese society locked in that low-growth equilibrium, without any free will or any ability to change its decisions... or are these attitudes the key for the Portuguese society to take hold of its destinity and choose to deviate, to take another route, in freedom?

Rancière tells us politics is made of interruption. Policy 3.0 promotes a deviation in the attitudes that are leading Portugal to this low growth equilibrium, interrupting the accumulation of dangerous deviations.What are the Portuguese families' beliefs about the reward from saving? Do they "see" the future consumption allowed by savings? Do they value that future consumption more than current consumption? How much future consumption do they require for it to become preferable to a given level of current consumption? Do families believe they are capable of maintaining a saving behavior for a period and with intensity consistent with a satisfactory level of future consumption?

What are Portuguese families' beliefs about the payoff from education? Do they value the access to higher-wage and low-unemployment chances associated to further years in school? Statistics show that, in Portugal, by the end of 2013, unemployment rate amongst the labour force with 3rd level education was lower than

the unemployment rates amongst labour-force groups with any other lower level of education. Do people perceive these payoffs? How much do they value those future potential gains, compared to immediate (lower) wages, accessible through early drop-out from school? Do families and their children perceive themselves as capable of undertaking further years of school enrollment with success, in order to access better labor-market prospects? Are those perceptions realistic?

What are Portuguese entrepreneurs' beliefs about the rewards from innovation? How much added value to their businesses do they expect from innovation? How much do they value that potential reward, compared to the immediate cost of undertaking research and innovative steps? Do they perceive themselves as capable of implementing innovation in a durable way, in order to realize the potencial added value?

How can a political leader induce the change in these beliefs and perceptions, in order to make families' attitudes more favorable towards saving and education, as well as entrepreneurs' attitude more favorable towards innovation? Such endeavor requires both the leader and the People to see reality not as it is, but rather as it could be - the art of possibility.

To practice this art, one must be open to questioning bequested paradigms, socially known and endorsed... one must be available to question the dictatorship of old habits or even apparent intuition.

Current times are characterized by growing flexibility, fluidity and change. This is thus, a context favorable to questioning old paradigms.

Changing attitudes toward saving may help families taking control of their relationship with banks and avoiding excessive debt. Changing attitudes toward education may help individuals freeing themselves from unemployment or low wages. Changing attitudes toward innovation and quality may help entrepreneurs minimizing their vulnerability to cyclical shocks and stepping-up their businesses to higher-profit levels; it may even induce them to further diversify their labour force towards highly skilled

people, changing their business approach from a low-cost/high-quantity paradigm to a high-value/high-quality one.

But, on the other hand, change and disruption may be also easily associated to poison rather than to remedy, to evil rather than to good. Change may be seen as synonym of mistake, error, perversion, unforeseen problem, obstacle, setback, perversion. Changing People's beliefs and assessments may be (perceived as) a paternalistic endeavor by a Government. It is very important to understand that such a process must be done in democracy, in full respect for People's freedom and within a framework of full disclosure and transparency. Information, communication and trust are key, in order to provide People with the possibility to perceive new opportunities for own personal well-being gains.

Maybe a good strategy is to progressively abandon any kind of imitation, taking People to their true cultural routes, to their set of values and principles. Understanding these and showing People that knowledge may be the only way to build the trust needed for a process of beliefs disruption.

Like the hero in the literature, the leader may find himself before the challenge of abandoning the comfort of prudence, learned paradigms and old practices, diving into a new path in which only the interaction between his impulse and the surrounding circumstance can guide him. Throughout the path of attitudes change, there may be moments and stages during which the route only makes sense to the leader; moments during which only the leader envisions the destination. This is possibly the hardest challenge in (political) leadership - to inspire others to trust the virtues and benefits of a destination they may not fully grasp, to inspire them to remain confidently in a path they may not fully understand... in a nutshell: to communicate to People his beliefs and induce the People to make those beliefs also their own, through its own free choice.

In this Policy 3.0 paradigm, the leader is called to show People that change may also be synonym of originality, alternative, opportunity, plan B... and that many times, deviation and change are the gates to discovery.

Human History - and in particular, the History of Science - shows us that, paradoxically, deviations are unwanted and feared, but, simultaneously, crucial to progress and to the birth of new paradigms.

"...
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I—
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference."
(The Road Not Taken, Robert Frost, 1916)

References

Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). Belief, Attitude, Intention, and Behavior: An Introduction to Theory and Research. [Reading, MA: Addison-Wesley.]

Frost, Robert (1916). The Road Not Taken [edited by Edward Connery Lathem].

Thaler, Richard H.; Sunstein, Cass R. (2008). Nudge: Improving Decisions about Health, Wealth, and Happiness. Yale University Press. ISBN 978-0-14-311526-7. OCLC 791403664

II. Desvios Dentro do Desvio

Juventude Gay, Escola e Culturas: Um olhar desviante para lá da margem

Hugo Santos[1], Manuela Ferreira[2] e Sofia Marques da Silva[3]

1. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

2. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

3. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Resumo:

Tornou-se mainstream a ideia da juventude gay como um segmento excecionalmente vulnerável ao suicídio e bullying. Outras perspetivas, mais desviantes, propõem que se interseccionalize vulnerabilidades e se ilustre resistências. Este artigo dá conta de uma pesquisa onde, da auscultação da experiência escolar de rapazes não-heterossexuais, um panorama escolar homofóbico emergiu (corrente). Todavia, foi possível aceder a manobras individuais de afronta-lo ou de lhe ceder (desvio). Espera-se, com este artigo, complexificar o debate em torno do desvio, da norma e dos processos dinâmicos da sua constituição.

Palavras-chave: Escola; Cidadania; Juventude; LGBT/queer; Desvio.

Abstract:

The idea of gay youth as exceptionally vulnerable to bullying and suicide has become mainstreamed. Other deviant perspectives have offered a proposal to interseccionalize vulnerabilities and illustrate young ways to resist. This paper presents a survey focused on the non-heterosexual boy's school experiences. A homophobic school panorama emerged (main stream). However, it was possible to access the individual maneuvers in affronting it (or being abducted by it) (deviation). We hope, through this article, to contribute to a reflection about margins, and the dynamic processes of the norms and deviance constitution.

Keywords: School; Citizenship; Youth; LGBT/queer; Deviance.

Notas introdutórias

Outrora considerado um desvio-mor do sexo, a "homossexualidade" tem adquirido, gradualmente um lugar mais normalizado e de legitimidade nos discursos políticos e sociais. A reivindicação das pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgénero) por direitos, com o argumento de uma igualdade cidadã, tem desafiado noções de norma e desvio, representando o conceito de "homofobia" um símbolo dessa inversão paradigmática (Borrillo, 2010). A entrada declarada nas agendas políticas, uma maior visibilidade mediática, uma proliferação sócio-discursiva evidente, consequentes conquistas legais e uma certa mainstreamização dos estudos académicos LGBT/queer - mais internacional do que nacionalmente, é verdade - impossibilitam um olhar exclusivamente trágico-negativista. Como refere Ken Plummer (2003), a homossexualidade passou de amor que não ousa dizer o nome a uma imensa Torre de Babel.

Em certa medida, pode-se admitir, tal como Giddens (1993), que o estigmatizante "desvio", tenha sido substituído pela "pluralidade sexual" e depara-se hoje, num contexto pós-moderno, com fronteiras limítrofes de natureza ténue e incessantemente negociáveis, não sendo mais do que uma construção social (Becker, 1963 [2009]) ou uma (in)conveniência no interior de posicionamentos discursivos (Foucault, 1988 [1999]). Classificar alguém como "normal" ou "desviante" obedece sempre a uma lógica de poder que salienta uma identidade e suprime outras, isto é, aquilo que Bourdieu denomina de "atribuições interesseiras":

"A lógica do estigma lembra que a identidade social é o pretexto de uma luta em que a réplica do indivíduo ou grupo estigmatizado e, de forma mais geral, de qualquer sujeito social, enquanto é um objeto potencial de categorização, à percepção parcial que o confina em uma de suas propriedades é possível apenas ao enfatizar, para se definir, a melhor de suas propriedades e, de forma mais geral, ao lutar para impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou, ainda, para fornecer ao sistema de classificação dominante o conteúdo mais adequado para valorizar o que ele tem e é." (Bourdieu, 2007: 441).

A teoria queer tem, desde da década de 90, criticado a compulsão das políticas LGBT assimilacionistas com a identidade como se os

sujeitos ficassem reduzidos à sua (homos)sexualidade. "Interseccionalidade" tem sido um conceito pioneiro que tem elucidado como o poder, a opressão e o privilégio dependem da intersecção das várias camadas identitárias dos sujeitos, dos seus múltiplos pertencimentos em diferentes contextos e das suas camadas de vulnerabilidade e forças (Cover, 2012). Significa isto que o sujeito é, simultaneamente, produtor e vítima da desigualdade, ao mesmo tempo, opressor/a e privilegiado/a, inserido em sistemas contínuos de competição e de colaboração.

Estas considerações macroestruturais conduziram-nos a indagações sobre as experiências escolares microfísicas de jovens rapazes não-heterossexuais na esteira de preocupações - ainda que minoritárias - sobre o bullying homofóbico. Será que todos estes jovens sofrem bullying? Será que a violência os marca da mesma forma? Será que constroem uma identidade - e uma cidadania sexual a ela ligada - do mesmo modo? É possível falar-se de diversidade dentro da diversidade, desvios dentro do desvio (isto é, interseccionalidade)? Estas foram as primeiras perguntas-de-partida de uma pesquisa de Mestrado em Ciências da Educação no domínio da "Juventude, Educação e Cidadania" (cf. Santos, 2013) cujo objetivo era, deslindando discursos pessoais, testar uma hipótese repressiva (Foucault, 1988 [1999]).

Do ponto de vista morfológico, este artigo está dividido num enquadramento teórico que dá conta do que se tem produzido sobre juventude gay, escola e culturas, de um ponto de vista mainstream e também marginal. Depois ilustra-se as opções metodológicas que orientaram a pesquisa assim como o diálogo entre o entrecruzamento dos dados empíricos com a teoria e, por fim, numa última parte, apresenta-se algumas possibilidades de resultados finais, dando conta não só das conclusões como também das limitações e dos contributos futuros.

Parte I. Enquadramento teórico

1.2. Juventude gay, escola e culturas: a construção normativa de uma corrente

Desde da sua entrada no discurso científico, que a juventude

LGBT é produzida, através dos seus dilemas e problemáticas particulares (e.g., isolamento, baixa-auto-estima, coming out à família, etc.), como um segmento em risco e excecionalmente vulnerável ao bullying e ao suicídio. A interjeição de que este grupo tem três vezes mais tendência para o suicídio dos que os seus congéneres heterossexuais tornou-se um chavão elevado a slogan (Cover, 2012). A própria ideia de uma "juventude gay" é coextensiva à invenção moderna da figura identitária, corpórea e bioontológica do/a homossexual (Foucault, 1988 [1999]), a partir da qual os modelos do desenvolvimento psicossexual da Psicologia, se vão estruturar (Miceli, 2002).

A escola, que no discurso político emerge como um contexto de inclusão universal, surge nesses estudos como uma dessas instituições difíceis, para este grupo juvenil sendo, ao mesmo tempo, crucial na produção de identidades de género e sexuais, e estruturalmente discriminatória, sendo, por isso, invocada pelas suas falhas. Os estudos sociológicos e educacionais sobre homofobia, com início na década 90, vão ilustrar nela, à semelhança de outras instituições, a sua presença assídua e pontual, com um enfoque especial, quer na construtabilidade de género e, em especial, da masculinidade (Kimmel & Mahler, 2003; Silva & Araújo, 2007), quer nas omissões institucionais, curriculares e pedagógicas sobre a (homo)sexualidade (Epstein & Johnson, 1998; Louro, 2000).

O fenómeno do bullying homofóbico vai adquirindo visibilidade nos últimos anos (Rivers, 2012). Á escola é-lhe atribuída funções políticas de outorgação de cidadanias para todos/as (universalidade) nas suas especificidades (particularidade; diversidade), contudo, o bullying homofóbico, atingindo jovens também heterossexuais, colocam em causa o seu espaço comunitário como um lugar seguro, valorizador das diferenças e o respetivo clima de aprendizagem saudável e de bem-estar que a escola diz promover, assim como impedem, do ponto de vista individual, as possibilidades identitárias dos/as jovens e as suas igualdades de acesso, de oportunidades, de sucesso e de percurso. Investigações longitudinais demonstram que estes/as jovens tem maior propensão para o desengajamento, insucesso e abandono escolar (Rivers, 2012).

1.3. Juventude gay, escola e culturas: a desconstrução desviante de uma margem

Apesar do cenário anteriormente descrito, há, contudo, discursos dissonantes que, nunca negando a existência e permanência de homofobia no circuito escolar, lançam críticas ao extremo negativismo de como a juventude gay é retratada e a/objetificada cientificamente, que a produz, em nome de uma mera descrição do real, como (e somente) "vítima" (Miceli, 2002; Rasmussen et al., 2004; Filax, 2006; Driver, 2008; Puar, 2010; Cover, 2012). Pela sua marginalidade, estas perspetivas são também um desvio.

Por exemplo: Rob Cover (2012) interroga-se de como a juventude gay é, num contexto pós-moderno de mudanças legais (acesso ao casamento civil, homoparentalidade), tecnologias e redes sociais (Facebook, Manhunt), mediatização (Glee, Modern Family) e gadgets tecnológicos (Grindr), um segmento mais lembrado pelas suas derrotas do que pelas suas vitórias. Jasbir Puar (2010) recorda que, nos discursos educacionais contemporâneos sobre o bullying, parece que existe uma identidade homossexual acabada e homogénea, um sujeito concretizado, que se constitui infindavelmente como o alvo perpétuo do próprio bullying, efetuando-se uma redução simplista do sujeito à sua (homo ou bi) sexualidade, como se outras dimensões não influenciassem a forma como o sujeito se perceciona a si, à realidade vivida e as idiossincrasias pelo meio (interseccionalidade). Os próprios estudos sobre bullying tendem a focar mais a "masculinidade hegemónica" do que outras modalidades de ser-se masculino, o que lhe confere, paradoxalmente - tendo em conta a preocupação na denúncia -, mais legitimidade (Landreau & Rodriguez, 2010).

Miceli (2002), lembrando que os/as jovens LGBT são, contraditoriamente, um grupo hiperpolitizado e subpesquisado, salienta que a apropriação histórica da Psicologia sobre este grupo, numa perspetiva do desenvolvimento psicossexual e com recurso a metodologias quantitativas, negligenciou uma abordagem mais antropológica e etnográfica que considerasse este grupo nas suas asserções e práticas culturais. Essa é a razão pela qual a juventude gay e as suas experiências culturais de resistência se apresentem ausentes nos estudos culturais e nos estudos sobre juventude (Huqs, 2006).

Rasmussen et al. (2004) salientam que tal acomodação implicou uma dessexualização da natural libido de uma homossexualidade juvenil, por oposição à juventude hetero-universal. É como se, para aparecerem, os/as jovens não-heterossexuais tivessem que jogar o jogo da respeitabilidade e da civilidade cidadã, apagando tacitamente os indícios problemáticos de uma potencial subversão - como a homossexualidade sempre foi considerada - que ponham em xeque a inviolabilidade heterossexual. É interessante que o (pretenso) ímpeto salvador não raras vezes reifique o poder do grupo dominante (Spivak, 1988) - como se existisse um só modelo monolítico de heterossexualidade - e contribua para a consolidação de um destino fatalista e patológico de um/a homossexual em pranto e de uma homossexualidade - porque vítima - autodestrutiva e infeliz (e.g., nas narrativas sobre os efeitos do HIV-sida na cultura gay).

Parte II. Tendências (trans)metodológicas

As investigações em ciências sociais e humanas pautam-se por um paradigma "fenomenológico-interpretativo" (Amado, 2013: 30) onde o ato de conceder oportunidades de fala a grupos socialmente marginalizados, e por isso silenciados, é comum. É por isso que as Ciências da Educação em particular tendem a privilegiar metodologias qualitativas, estando orientadas para a auscultação de "vozes" no (e sobre o) campo educativo, metáfora poderosa, quer para a denúncia de margens enquanto símbolo da exclusão, quer para a exigência de uma política efetiva de representação e participação. Todavia, contrariando uma perspetiva romântica, é importante reconhecer que a voz pode ser a matriz do conflito por si só, significando isto que os interesses (múltiplos) de cada elemento do grupo podem diferir ou até mesmo colidir. Em todo o caso, ela é o instrumento que visibiliza a experiência de grupos discriminados, neste caso, as pessoas não-heterossexuais, e, portanto, é um veículo poderoso de exigência de cidadania (Plummer, 2003).

Do ponto de vista teórico - uma teoria que vai e vem -, optou-se, entre muitas outras perspetivas, por um olhar desconstrutivista oriundo da teoria queer. A teoria queer pode ser definida como um conjunto de pensamentos teóricos sobre questões de orientação,

identidade, práticas de género e sexuais (mas não a elas circunscrita) que, entre muitas coisas, procura criticar construtivamente um certo essencialismo assimilacionista do movimento LGBT e das suas asserções políticas (cf. Jagose, 1996; Louro, 2000; Cover, 2012). A crítica à ideia de identidade, por exemplo, é uma perspetiva amplamente partilhada por esta teoria.

Se o objetivo da pesquisa era auscultar as experiências (passadas) e subjetividades de jovens, a entrevista semiestruturada e em profundidade, cujos tópicos do guião se organizaram tendo em vista a potencialidade narrativa e biográfica, pareceu-nos aqui não só interessante como também indispensável enquanto método principal. Como o acesso aos sujeitos juvenis, que necessariamente precisariam de se nomear com uma identidade não-heterossexual, exigiria estratégias específicas (e.g, recurso a realidades virtuais), típicas deste grupo (Miceli, 2002), e como questões como violência e intimidade são matérias de potencial sensibilidade, necessitando da conquista de uma confiança que se vai desenvolvendo no sentido de um diálogo aberto e franco, optou-se por marcar pequenos encontros etnográficos (Filax, 2006) em cafés urbanos da cidade do Porto, que estão patenteados em 30 notas de terreno. A etnografia é um método que se caracteriza essencialmente pela estadia prolongada no terreno. Contudo, a natureza das identidades e situações obrigou a que a recolha empírica se processasse a partir de encontros e, por isso, denominou-se de "abordagem etnográfica". Aliás, esta estratégia é tão mais compreendida se tivermos em conta que os sujeitos são jovens e que os modos juvenis de relação com o meio social são, por si só, fluidos.

Selecionaram-se posteriormente sete jovens principais (rapazes porque a tónica nas masculinidades assim o exige), entre os 17 e 23, tendo-se uma atenção especial à diversidade (e.g., de classe social). Os jovens, cuja atenção mais se desdobrou, foram o Leandro (19), o André (19), o Manuel (17), o Francisco (21), o Rodrigo (23), o Fábio (19) e o Luís (23). Todos eles, em especial o André, estão amparados por outras personagens que emergem posteriormente. Os discursos posicionados foram aqui importantes como reveladores das experiências.

Os dados foram analisados posteriormente através da análise de conteúdo - leitura flutuante, categorização, seleção e escrita -. A análise de conteúdo é uma técnica de análise de dados que procura aceder aos significados dominantes presentes nos discursos. Através da análise, acede-se, quer aos significados recônditos que emergem sistematicamente e que, por isso, são dominantes nos discursos (regularidades) - isto é, aquilo que a Ciência, num registo mais positivista, tende a procurar -, quer também - numa perspetiva menos tradicionalista e mais fenomenológica da análise de conteúdo - às situações peculiares e distintivas dos fenómenos (irregularidades) (Amado, 2013). Este esclarecimento é importante se se tiver em conta a separação distintiva, elaborada posteriormente, entre o panorama escolar e as manobras individuais.

De salientar que a análise de conteúdo (e a sua exibição) é a prova demonstrativa de um trabalho de cálculo meticuloso que impossibilita tecer-se considerações desproporcionadas, por exemplo, em relação à opinião do/a investigador/a. Como se reconhece que o objetivo foi a transferibilidade exploratória e não a generalização, sendo a objetividade marcada pelo rigoroso cumprimento das técnicas e sua justificação (Amado, 2013).

Num estudo com esta natureza, os cuidados éticos parecem ser imprescindíveis. É já comum a manutenção do anonimato, confidencialidade e consentimento informado. Porém, além dos cuidados éticos formais (e.g., autorizações) e básicos (como os anteriormente mencionados), teve-se cuidado também na escrita académica.

Parte III. Convecção teórica e convicção empírica: alguns diálogos

Panorama

Estes referenciais teóricos e pragmáticas metodológicas influenciaram a elaboração da pesquisa, onde se argumentou que o panorama escolar é, tendencialmente. heteronormativo e homofóbico. O discurso homofóbico é um regulador forte das

masculinidades (Pascoe, 2007; Silva & Araújo, 2007; Pereira, 2009) e nutre evidentes intersecções com o comportamento de género, sendo a manutenção da masculinidade hegemónica (isto é, arquetípica) o grande centro das ansiedades dos rapazes.

"André: - Era um rapaz que **não fazia o que os outros rapazes faziam**. Tipo dançava no grupo de dança, nunca gostei de jogar futebol, andava sempre com raparigas, essas coisas, e isso bastava para ser, digamos, **o bode expiatório**, percebes?" (André, 17, entrevista).

"Rodrigo: - [...] não me chamavam os nomes por eu ser ou não homossexual **mas porque faziam isso a todos**. Era **uma forma de insultar**, percebes?" (Rodrigo, 23, entrevista).

Se é verdade que não tendo como alvo o corpo ontológico de um homossexual, tem influências no processo de construção de si como entidades abjetas; aliás, num imbricado processo de genderização bastante precoce (Ferreira, 2004).

"Fábio: - Se bem que naquela altura, isto estou a falar ainda mais no básico ainda, **ainda não sabia bem o que haveria de ser**. Eles chamavam mas eu ainda não sabia bem o que é que eu queria. Nem sequer tinha estado com alguém para poder dizer se eu gostava disto ou se gostava daquilo." (Fábio, 19, entrevista).

As consequências do insulto são densificadas pelo silêncio institucional sobre as orientações não-heterossexuais, mesmo que depois, a escola seja uma instituição onde o sexo é aprendido, vivido ("entre nós falava-se na mesma"), e, simultaneamente, regulado e reprimido ("escola pecadora") (Epstein & Johnson, 1998). A sexualidade, na escola, "[...] é uma caixa negra, que está lá e não se mexe." (Rodrigo, 23, entrevista).

"Francisco: - [...] fundei um movimento social que se chamava "SEXO" que lutava pela implementação de uma disciplina de educação sexual nas escolas e, na altura, a Presidente do Conselho Executivo e agora diretora, disse linearmente que **essas questões não eram da responsabilidade da escola**." (Francisco, 21, entrevista).

"Fábio: - Por exemplo, há programas em biologia que é a parte da reprodução do ser humano e é na parte da reprodução que **falam sempre homem, mulher, homem, mulher, homem, mulher.**" (Fábio, 19, entrevista).

Ainda que o panorama escolar (estrutura) condicione a construção de cidadanias (sexuais) legítimas por causa da sua violência intrínseca - na e da escola (Rochex, 2003) -, os jovens tem múltiplas formas de afrontar (ou de ceder) perante esse panorama (agência), isto é, manobras.

Manobras

Essas manobras corporizam estratégias de resiliência e dignidade a partir de exuberâncias (Silva, 2011) e foram consubstancializadas em ideais-tipo (Weber, 2005). Estes perfis-tipo são, no fundo, as expressões do desvio dentro do desvio. Ora, uma dessas manobras é o disfarce; é uma tácita mais baseada na ignorância e dissimulação a que se chamou de cidadanias do faz-de-conta. O Leandro e o Manuel são dela "prisioneiros". Trata-se de dois jovens de classe trabalhadora que conhecem percursos escolares marcados pelo absentismo e abandono precoce, não pela sua sexualidade mas pelo desejo de autonomia financeira. Na escola dizem não ter sofrido bullying pois ninguém sabia da sua sexualidade; uma sexualidade que privatizam com esforço e dedicação, no qual o comportamento de género é milimetricamente vigiado:

"Hugo: - (...) Mas nunca foste gozado por seres bissexual?

Manuel: - Não, porque nunca ninguém soube. Nunca andei por aí com um autocolante na testa "sou gay", "sou bi", sou "isto", sou "aquilo", **sempre me comportei como um homem normal**." (Manuel, 17, entrevista).

Mas não só privatizam a sua sexualidade, interpretando personagens heterossexuais, (passing) num contexto escolar de "sexual preassure" (Santos, Fonseca & Araújo, 2012), como eles próprios reproduzem um conjunto de estereótipos negativos sobre a norma, o desvio e sobre os outros. O próprio Leandro, em vez de ter sofrido bullying, admite ter ele próprio praticado bullying.

"Leandro: - [sobre ser vítima de homofobia] No ciclo sim, até ao 9º ano passei alguns bocados, não é? Eu próprio fiz as **minhas asneiras da juventude de hoje em dia** mas no secundário... Não, eu nunca sofri *bullying*. Estava a falar que vi *bullying*, etc, etc, mas nunca passei por *bullying*. Se calhar eu é que fazia aos outros, infelizmente." (Leandro, 20, entrevista).

Ao contrário do discurso dominante, o Leandro não é, propriamente, uma vítima (óbvia) mas seguramente faz vítimas. Trata-se, pois, de um exemplo clássico de "homofobia interiorizada" em que o sujeito, uma vez socializado por uma cultura heteronormativa, projeta contra os outros o preconceito que à sua identidade lhe é infligido. Bourdieu chama-lhe de "violência simbólica":

"(...) os homossexuais que, tendo sido necessariamente educados como heterossexuais, interiorizaram o ponto de vista dominante podem assumir esse ponto de vista sobre si próprios (o que os vota a uma espécie de discordância cognitiva e avaliativa de molde a contribuir para a sua clarividência especial) e que compreendem o ponto de vista dos dominantes melhor do que estes últimos podem compreender sobre eles." (Bourdieu, 1999: 27).

São jovens que fazem uma separação distintiva entre (comportamento de) género e sexualidade; entre aquilo que são - gays normais (i.e., masculinos), mais aceitáveis aos olhos da sociedade - e os outros - as bichas (homens gays efeminados) que conspurcam a aceitação social do grupo minoritário -.

"Manuel: - Txii, não gosto. Entrar lá [café gay] e **ter aquele bichedo todo a olhar para mim**. Não gosto. Ter aquelas bichas todas a olhar para mim? Naa. Incomoda-me!" (NT, 19-12-2012).

Estes jovens não estão, por isso, excluídos da masculinidade hegemónica mas reproduzem-na por outros meios. A bicha representa aqui uma identidade ultraminoritária que serve para edificar, através do medo expurgatório fantasmagórico, a construção da masculinidade gay.

"Leandro: - **Andei muito tempo a querer enganar-me a mim próprio** mas cheguei a um certo ponto e disse, "é isso que eu quero, é isso que eu vou seguir!". Oh pá, tentei enrolar mesmo sabendo,

por exemplo, eu **namorava com uma rapariga e falava com rapazes**, mudava os nomes no telemóvel, fazia mil e uma coisas para ninguém desconfiar, e é assim." (Leandro, 20, entrevista).

São jovens que crescem com uma noção da sua identidade como um estigma que tem que viver. A homofobia interiorizada, tal como a homofobia explícita, direta e física, é perigosa para a saúde mental destes jovens. Apesar de não terem sofrido *bullying* homofóbico (físico), correm sérios riscos do ponto de vista mental (Rivers, 2012).

Outras manobras são mais respeitáveis e comprometidas, (cidadanias da respeitabilidade). É o caso do Francisco e Rodrigo. São jovens de classe média, com capital cultural e académico, comprometidos com o ativismo político LGBT, consubstancializado numa associação. Sofreram bullying mas tiveram sempre apoio e souberam muito lidar com isso.

"Francisco: - A minha mãe é licenciada, tem o salário de vencimento público: professora. E ambos sempre tiveram como sonho para os filhos, pelos filhos, que eles tirassem a licenciatura e exatamente por isso faziam **tudo possível e imaginário para nós alcançarmos essa meta**." (Francisco, 21, entrevista).

A imagem é, para estes jovens, muito importante senão o aspeto mais importante das suas vidas. Até na forma como se lida com a sexualidade.

"Rodrigo: - Sim. **Dever-se-ia ter cuidado com a imagem com que se passa nessas marchas**. Mostrar mais seriedade. Ser homossexual não é assim tão diferente." (Rodrigo, 21, entrevista).

A associação é, do ponto de vista do investimento destes jovens, um lugar-refúgio. Todavia, não se livra de conter em si certos símbolos diretivos e formais de como se deve proceder. É um lugar que deseja incluir e, porém, podem promover exclusões.

Porém, outras cidadanias não toleram a respeitabilidade. É o caso do André cuja cidadania que exige é agressiva e combativa procurando fazer do dominador dominado com o recurso a jogos da alteridade, estética camp e masculinidades queer (cidadanias

reclamadas). O seu mundo cultural opõe-se, em várias dimensões, ao universo formal da associação. O André é um jovem que frequenta ostensivamente um café gay na cidade do Porto. Com ele tem-se acesso a sociabilidades que naquele espaço têm lugar. A sua experiência na escola é mista. Por um lado, nos primeiros ciclos, a escola apresentava-se como um lugar impossível de estar; por outro lado, o secundário era um momento transfigurado de descoberta de si. Ainda assim, as formas de encarar o preconceito eram ostensivas:

"André: - [André a descrever uma situação onde é vítima de bullying por parte de colegas na escola] De repente, um diz muito baixinho para que só eu pudesse ouvir, "isto aqui é só paneleiros!", eu virei-me porque de certeza que era para mim, abaneime todo e disse-lhe, "**pois sou paneleiro e adoro! Porquê? Algum problema?**". Eles ficaram tipo, não estavam à espera, percebes? Grizei-me! Eu adoro esse tipo de coisas. Às vezes temos que ser assim senão eles vão pensar que a gente ouve e cala. E eu ali. "LOL". In-Your-Face!" (André, 17, entrevista).

Neste episódio interativo narrado, o insulto atribuído é resinificado a partir dos seus próprios termos e posto em démarche a partir da corporalidade genderizada. A "bicha", apregoada nos estereótipos sociais, assume uma personificação real de forma a reivindicar o seu próprio lugar cidadão no mundo como uma perpétua reclamação.

"André: [abana positivamente a cabeça] - Era... Ia ouvir e calar queres ver [o André fica nervoso]. Não engulo sapos e não devo nada a ninguém. Comigo é assim. **Queres ser respeitado respeita os outros**. Não levo desaforo para casa. Já levei, agora não levo." (André, 17, entrevista).

Violência imaginada é o que melhor descreve a estratégia deste jovem, como uma forma simbólica de rearticulação que devolve ao Outro opressor o estigma que ele próprio produz deixando à sua imaginação como seria se as coisas funcionassem ao contrário. Este, ""What if" denotes a potentiality, a possible reality that may only ever exist in the realm of representation but one which creates an "imagined violence" with real consequences and which corresponds only roughly to real violence and its imagined consequences." (Halberstam, 1993: 190).

"Hugo: - Nunca tiveste problemas ou tens no secundário?

André: - Que me recorde não. Quase toda a gente sabia de mim. Os meus colegas sabem de mim. Amigas, amigos, toda a gente mesmo. **Falam comigo, tratam-me da mesma forma**. Nada a apontar. Inclusive elegeram-me para delegado de turma. Eu até acho que os professores sabem de mim [risos]." (André, 17, Entrevista).

Já não é uma *masculinidade hegemónica,* envergonhada e sufocante, habitual voz nos estudos sobre homofobia, a falar mas uma masculinidade queer cuja exibição assenta em "(...) performances that make visible the gaps and fissures of a binary system of gender norms and thus open them to the possibility of transformation." (Landreau & Rodriguez, 2010: 3). Não sendo um mártir tradicional, o André acaba, pela revolta interiorizada, em se consistir como uma vítima menos óbvia. Kimmel & Mahler (2003), ao analisar as narrativas de jovens que entravam a matar em escolas e faculdades norte-americanas, referiam que esses jovens eram vítimas de bullying homofóbico e que o ato delinquente era uma forma de retaliação pela injustiça que sentiam ter sido vítimas.

"O André chega. Os seus amigos já estão em redor da mesa à sua espera. Quando chega faz uma pose e ouve os apupos. Gritam entre gargalhadas: - Diva! Estes pequenos momentos de paródia servem para descomprimir depois do André se sentar e exclamar visivelmente aborrecido: - que seca! **Já não aguentava estar naquela merda de escola**!" (NT, 05-01-2013).

Esta injustiça é colmatada pela incursão em zonas comunitárias gays (e.g., cafés e bares), espaços de conforto e segurança quando outras instituições falham (Driver, 2008). Para alguns, as culturas juvenis, na sua pluralidade ("coisa séria" ou "antro de bichedo") - ou seja, existem desvios dentro de desvio -, são uma zona de relativo conforto, quer para lutar respeitavelmente dentro das regras da corrente heteronormativa, quer para desmantela-las desde da base a partir de subversivos posicionamentos parodicamente desviantes (Halberstam, 1993). A focalização em projetos internacionais contra o *bullying* num caso (*Tudo Vai Melhorar*), ou um show de transformistas/drag queens noutro, são disso exemplo.

Ora, para outros, as cidadanias são claramente frágeis, jogando no universo dos possíveis (cidadanias subalternas). O Fábio, um jovem com uma masculinidade mais *soft*, foi o único que revelou ter sido vítima direta de *bullying* homofóbico, o que o fez querer desistir da escola. A entrevista decorreu, numa fase inicial, com lágrimas detalhando o jovem a forma como era agredido:

"Fábio: - Porque eu não gostava, a parte de eu entrar no balneário e **eles mandarem aquelas bocas** e eu ter que estar ali ao pé deles, não aguentava. Cheguei muitas vezes a **evitar fazer a aula ou então entrava mais cedo para a aula** para me equipar a ir diretamente para o ginásio e então tentava sair 5 minutos mais cedo para tomar banho antes deles, sempre tentar evitar estarmos todos em conjunto." (Fábio, 19, entrevista).

Aqui o *bullying* tem uma carga física, corpórea, um peso e uma marca física estigmatizante que moldam a forma como o sujeito se engaja ou se afasta. A homofobia é acionada performativamente no teatro interativa de operações da masculinidade (Pascoe, 2007) e tem consequências negativas nos sujeitos. O isolamento é uma delas:

"Fábio: - Sim. O polivalente. A minha escola era dividida por blocos: tinha o A, B e C, o átrio. Cada bloco tinha um átrio. Eu **tentava sempre isolar-me mais um bocadinho** para... Ou ficava à porta da sala, tinha sempre um banco para nos sentarmos. Eu tentava sempre ficar enquanto toda a gente ia para o átrio. Isolava-me sempre mais um bocadinho." (Fábio, 19, entrevista).

Não se trata de uma violência com efeitos imediatos mas uma violência insidiosa e precária cujo acumular de situações conduz ao desengajamento e abnegação totais, próximo daquilo que Lauren Berlant denomina de "slow death":

"(...) slow death occupies the temporalities of the endemic" (...) a zone of temporality . . . of ongoingness, getting by, and living on, where the structural inequalities are dispersed, the pacing of their experience intermittent, often in phenomena not prone to capture by a consciousness organized by archives of memorable impact" (...) slow death describes populations marked out for wearing out (...) ordinary work of living on" (Berlant, 2007: 756-761).

Essa morte lenta está muito próxima daquilo que hoje se convencionalizou chamar "precariedade":

"Hugo: - Isso influenciou a que tu pensasses em abandonar a escola?

Fábio: - Influenciou sem dúvida! Naquela altura sim. Eu sabia que tinha que passar por tudo mais um ano, era constrangedor." (Fábio, 19, entrevista).

Investigações demonstram que estes jovens tem maior propensão para o insucesso e abandono escolar (cf. Rivers, 2012). Apesar da distância ao seu contexto de circularidade social, o Fábio, de vez em quando, frequenta uma associação sediada na cidade do Porto. Essa associação representa para ele uma zona de conforto e um espaço para construir pertenças quando o resto falha.

Considerações finais:

Esperou-se com a pesquisa compreender as experiências de jovens rapazes estudantes que, devido à sua orientação/identificação sexual, se diz que se encontram nas margens, quer da "sociedade heterossexual", quer da escola. De facto, esta última instituição é um contexto difícil para estes jovens (e para jovens heterossexuais que sofrem também com o *bullying* homofóbico). Nela, são comuns situações de violência direta - como insultos reiterativos de chamada à norma - ou de *violência simbólica* - que são consubstancializadas no ato de ignorar, ora na sala de aula, ora no espaço físico exterior, possibilidades homossexuais, ao passo que a heterossexualidade é tão exibida até à exaustão que se autonaturaliza. Não se pode dizer que a sexualidade pertence apenas ao núcleo do privado. Por isso mesmo, a escola parece não cumprir os mandatos para a inclusão a que se propõe e, por isso mesmo, é um local que marginaliza. Isto não significa, porém, reconhecer algumas possibilidades de abertura, entremeadas, enfim, com algumas formas camufladas de tolerância, resultantes de influências políticas e mediáticas para a mudança e igualdade.

Do ponto de vista das suas limitações, refere-se o caráter do estudo (exploratório) e o tempo de permanência no terreno, não se

podendo chamar de "etnografia". Espera-se que, com este artigo, se possa contribuir para um olhar mais complexo sobre identidades, grupos e comunidades tidas como marginalizadas e/ou "desviantes", que transcenda uma noção assisten/essencialista. Como se referiu, trata-se de um "[d]uplo desvio [...]: porque se debruça sobre as margens sexuais e porque se desvia, contrariando, a corrente do vitimismo indo sem rumo no argumento da diversidade dentro da diversidade (e da desigualdade que lhe sucede)." (Santos, 2013: 129). Espera-se ainda com este estudo colmatar uma ausência nos estudos educacionais em Portugal sobre as discriminações de jovens não-heterossexuais e apela-se para outras pesquisas que se possam inspirar nesta, por exemplo, em relação a culturas juvenis de raparigas não-heterossexuais, percursos de rapazes heterossexuais vítimas de *bullying* homofóbico ou experiências educativas de jovens bissexuais ou trans.

Bibliografia:

Amado, João (Coord.) (2013), Manual de investigação qualitativa em educação, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Becker, Howard (2009), Outsiders. Estudos de Sociologia do Desvio, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora [1963].

Berlant, Lauren (2007), "Slow Death (Sovereignty, Obesity, Lateral Agency)", Critical Inquiry, 33, pp. 754-80.

Bourdieu, Pierre (1999), A Dominação Masculina, Celta Editora, Oeiras.

Bourdieu, Pierre (2007), A Distinção: crítica e social do julgamento, São Paulo, Edusp.

Borrillo, Daniel (2010), Homofobia. História e crítica de um preconceito, Belo Horizonte, Autêntica Editora.

Cover, Rob (2012). Queer Youth Suicide, Culture and Identity: Unliveable Lives?, Burlington, VT, Ashgate.

Driver, Susan (2008), Queer Youth Cultures, Albany, State University of New York Press.

Epstein, Debbie & Johnson, Richard (1998), Schooling Sexualities, Buckingham, Open University Press.

Ferreira, Manuela (2004), «A gente gosta é de brincar com os outros meninos!» Relações Sociais Entre Crianças num Jardim de Infância, Porto, Edições Afrontamento.

Filax, Gloria (2006), Queer Youth in the Province of the "Severely Normal", Vancouver, UBC Press.

Foucault, Michel (1999), História da Sexualidade I: A vontade de saber, Rio de Janeiro, Edições Graal [1988].

Giddens, Anthony (1993), Transformações da intimidade. Sexualidade. Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas, São Paulo, Editora da Universidade Estadual de São Paulo.

Halberstam, Judith (1993), "Imagined Violence/Queer Violence: Representation, Rage, and Resistance", Social Text, nº. 37, pp. 187-201.

Huq, Rupa (2006), Beyond Subculture. Pop, youth and identity in a postcolonial world, New York, Routledge.

Jagose, Ann Marie (1996), Queer Theory. An Introduction, New York, Melbourne University Press.

Kimmel, Michel S. & Mahler, Matthew (2003), "Adolescent Masculinity, Homophobia, and Violence", American Behavioral Scientist, vol. 46, nº. 10, pp. 1439-1458.

Landreau, John C. & Rodriguez, Nelson M. (eds.), Queer Masculinities. A Critical Reader in Education, New York, Springer.

Louro, Guacira Lopes (2000), O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade, Belo Horizonte, Autêntica.

Miceli, Melinda S. (2002), "Gay, Lesbian and Bisexual Youth", in Diane Richardson & Steve Seidman (eds.), Handbook of Lesbian & Gay Studies, London, Sage Publications, pp. 199-214.

Pascoe, Cheri Joe (2007), Dude, you're a fag: masculinity and sexuality in high school, California, University of California Press.

Pereira, Maria do Mar (2009), "Fazendo género na escola: uma análise performativa da negociação do género entre jovens", ex æquo, n.º 20, pp. 113-127.

Plummer, Ken (ed.) (2003), Modern Homosexualities: Fragments of Lesbian and Gay Experience, London, Routledge.

Puar, Jasbir (2010), "In the wake of It Gets Better", The Guardian, [on-line], http://www.guardian.co.uk/commentisfree/cifamerica/2010/nov/16/wake-it-getsbetter-campaign, 26/05/2012.

Rasmussen, Mary Louise, Rofes, Eric & Talburt, Susan (eds.) (2004), Youth and Sexualities. Pleasure, Subversion, and Insubordination in and out of Schools, New York, Palgrave Macmillan.

Rivers, Ian (2012), Homophobic bullying: Research and theoretical perspectives. New York: Oxford University Press.

Rochex, Jean Yves (2003), "Pistas para uma desconstrução do tema «a violência na escola»", in José Alberto Correia, & Manuel Matos (Orgs.), Violência e violências da e na escola, Porto: Afrontamento/CIIE, pp. 13-21.

Santos, Sofia Almeida., Fonseca, Laura & Araújo, Helena Costa (2012), "Sex Education and the Views of Young People on Gender and Sexuality in Portuguese Schools.", in Educação, Sociedade & Culturas, nº. 35, pp. 29-44.

Santos, Hugo (2013), Um Desvio na Corrente que(er)stionando as Margens. Percursos escolares e culturas juvenis de rapazes não-heterossexuais, Dissertação de Mestrado, FPCEUP.

Silva, Sofia Marques da & Araújo, Helena Costa (2007), "Interrogando masculinidades em contexto escolar: mudança anunciada?", ex aequo, nº. 15, pp. 89-117.

Silva, Sofia Marques da (2011), Da Casa da Juventude aos Confins do Mundo. Etnografia das fragilidades, medos e estratégias juvenis, Porto, Edições Afrontamento.

Spivak, Gayatric Chakravorty (1988), "Can the Subaltern Speak?", in Cary Nelson and Larry Grossberg (eds.), Marxism and the Interpretation of Culture, Basingstoke, Macmillan Education, pp. 271-313.

Weber, M. (2005), The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism, Routledge, New York.

III. Um Pequeno Desvio

O desvio poético

Diogo Fernandes
FCSH/UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Universidade Nova de Lisboa

Abstract:

Can deviation, while interruption of a path or a change in a direction, be considered as a standart in the process of literary creation? We will first seek to assay, for this matter, a possible theoretical expression of deviation presented in *The Anxiety of Influence*, by Harold Bloom, and afterwards we will compare it with the poetic dialogue established between Walt Withman's *Leaves of Grass* and Álvaro de Campos' "Saudação a Walt Withman".

Keywords: Deviation, influence, poetic dialogue, standart, sensations.

Harold Bloom, em *A Angústia da Influência*, refere um processo singular de influência literária que define como clinamen ou encobrimento poético, no qual o poeta constrói a sua obra através do desdobramento de um conjunto de elementos contidos na obra do seu precursor, distanciando-se do mesmo por um desvio[1] que actua como interrupção de sentido - movimento que, sendo da ordem do deslocamento, implica uma mudança paradigmática em relação ao universo de significação do seu arquétipo, procurando simultaneamente conduzi-lo às suas últimas consequências e impedir o seu esgotamento. Ao desvio literário que aqui se menciona está subjacente uma certa noção de continuidade, no sentido em que não existe uma rejeição do trajecto percorrido pelo poeta precursor, pelo contrário, há um conjunto de elementos que serão inevitavelmente análogos à obra de ambos; trata-se, todavia, de uma continuidade que admite a mudança no trajecto, sob a forma de um desvio, na amplitude de uma viagem já iniciada, tornando-a mais densa

1. Leia-se: "retomo a palavra de Lucrécio, quando menciona um «desvio» nos átomos para tornar a mudança possível no universo. Um poeta desvia-se do seu precursor ao ler o poema do seu precursor executando um clinamen em relação a ele. Tal movimento aparece como um movimento correctivo no seu próprio poema, que implica que o poema precursor foi bem até certo ponto mas nessa altura se devia ter desviado, precisamente na direcção em que o novo poema se move" (Bloom, Harold. *A Angústia da Influência* (trad. de Miguel Tamen). Viseu: Cotovia, 2007, p. 25)

através da relação que se estabelece entre o trajecto percorrido pelos dois poetas.

"Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt",[2] afirma Álvaro de Campos em "Saudação a Walt Whitman", como expressão simultânea de um desejo de reconhecimento e o reconhecimento de um desvio entre o trajecto de ambos, cuja origem se define, sobretudo, pelo modo distinto como é percorrido na obra do poeta percursor, e que o remete para um destino diferente, apesar de uma partilha de parte significativa do mesmo trajecto: da apologia das sensações, em Whitman, à procura frenética das sensações que resulta do Sensacionismo de Campos, conforme o próprio o enuncia: "Meu velho Walt (...)/ Pertenço à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,/ Sou dos teus".[3]

Quer na poética de Whitman como na de Campos as sensações assumem, de forma mais ou menos explícita, uma relevância temática determinante, com complexas repercussões na configuração do sujeito poético. São, enquanto experiências adquiridas pelos sentidos, o elemento fundamental que nos permite construir uma representação da realidade. A medida do desvio que aqui se procura expressar substancia-se na diferença de atitude que ambos revelam perante a existência, enquanto forma de estar na realidade: Whitman, em *Leaves of Grass*, celebra-a, aceitando cada manifestação sua com o mesmo júbilo com que se estende na relva absorvendo o perfume do Verão, enquanto Campos a descreve angustiadamente como "um excesso, uma violência,/ Uma alucinação extraordinariamente nítida".[4]

Leaves of Grass, cântico de celebração da existência, do próprio e da humanidade, que Whitman publica pela primeira vez em 1855 - edição que iremos seguir -, revela um sujeito poético inexoravelmente apaixonado pela realidade e pelas sensações que esta lhe suscita ("The atmosphere is not a perfume... it has no taste of the distillation... it is odorless,/ It is for my mouth forever... I am in love with it"),[5] entusiástico, saciado, compadecido, ocioso, uno ("stands what I am,/ Stands amused, complacent, compassionating, idle, unitary");[6] um optimismo surpreendente e uma compaixão irrevogável compelem-no a consagrar o vínculo que existe entre si e a humanidade, todas as coisas que são e que existem

2. Campos, Álvaro de. *Poesia* (ed. de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, p. 162

3. Ibidem, p. 163

4. Ibidem, p. 251

5. Whitman, Walt. *Leaves of Grass.* Mineola, New York: Dover Publications, 2007, p. 21

6. Ibidem, p. 23

("Welcome is every organ and attribute of me, and of any man hearty and clean,/ Not an inch nor a particule of an inch is vile, and none shall be less familiar than the rest")[7] e a aceitar até a morte com o mesmo contentamento que aceita a vida, considerando-a uma circunstância fundamental que une a realidade ("Great is death... Sure as life holds all parts together, death holds all parts together").[8]

Nesse sentido, as pessoas e os elementos toponímicos reflectidos no decurso das suas deambulações por um cenário citadino são apreendidos e voluptuosamente assimilados pelo discurso do sujeito poético através de sensações de natureza visual, auditiva, olfactiva ou táctil, operando como intermediários imprescindíveis no processo de formulação e celebração de uma realidade ("My words are words of a questioning, and to indicate reality") [9]que recria na pluralidade da sua própria essência ("I am large... I contain multitudes").[10]

No entanto, apesar da voluptuosidade e dos contornos sensitivos que o discurso frequentemente adquire ("Walt Whitman, an American, one of the roughs, a kosmos,/ Disordely fleshy and sensual"),[11] o sujeito poético não se deixa sucumbir, em momento algum, à vertigem, ao excesso ou até à expressão de um delírio sensitivo ("I breathe the fragrance myself, and know it and like it,/ The distillation would intoxicate me also, but I shall not let it")[12] que a poética de Álvaro de Campos recorrentemente manifesta, pressuposto sobre o qual se desdobra a produção poética da segunda fase - ou, melhor, face - deste heterónimo, enunciado no poema "Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir", que peremptoriamente se converte em "Sentir tudo de todos as maneiras./ Sentir tudo excessivamente",[13] num esforço derradeiro de abarcar o real:

Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,

Quanto mais personalidades eu tiver,

Quanto mais estridentemente as tiver,

Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,

Quanto mais unificadamente diverso, dispersamente atento,

Estiver, sentir, viver, for,

7. Ibidem

8. Ibidem, p. 113

9. Ibidem, p. 59

10. Ibidem, p. 67

11. Ibidem, p. 38

12. Ibidem, p. 21

13. Campos, Álvaro de. Poesia (ed. de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, p. 251

14. Ibidem

15. Ibidem, p. 188

16. Ibidem, p. 161

Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço fora,
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for[14]

À complexidade da lógica dispersiva aqui expressa está subjacente uma necessidade inequívoca e incontornável de sentir alheia à naturalidade ou espontaneidade sensitiva exibida nos versos de Whitman - procura-se abranger a realidade enquanto "existência total do universo" e alcançar a completude ou unidade através de um processo exponencial de fragmentação identitária que permita incorporar simultaneamente o maior número possível de sensações; busca, aliás, dilacerante, que atinge a euforia e a velocidade quase febril do elogio da modernidade e, também, a exaustão subsequente ao seu inevitável - mas esplêndido - insucesso ("Fiquei o mesmo, tu estás morto, tudo é insensível.../ Saudar-te foi um modo de eu querer animar-me,/ Para que te saudei sem que me julgue capaz/ Da energia viva de saudar alguém!// Ó coração por sarar! quem me salva de ti?").[15]

Resta, assim, apenas o cansaço e o tédio existencial que consomem o sujeito poético em poemas como "Opiário" e "Tabacaria", expressão atormentada de uma decadência que não seria possível prever, com a mesma amplitude ou recorrência, na poesia de Whitman, cuja pluralidade e unidade instrínsecas dispensam qualquer esforço deliberado de procura das sensações, lógica que Campos inverte.

O desvio inerente à apologia das sensações de Walt Whitman para o Sensacionismo de Álvaro de Campos é, também - e como o próprio imediatamente o evidencia no primeiro verso de "Saudação a Walt Whitman" ("Portugal-Infinito, onze de Junho de mil novecentos e quinze...")[16] -, uma questão de posicionamento temporal, dentro da história literária: abrange o hiato que se estende entre uma perspectiva poética derivada do Romantismo e do Transcendentalismo, que considera o sujeito da enunciação como uma entidade una, e o Modernismo, que declara a sua fragmentariedade e determina a impossibilidade da sua unificação; hiato que, todavia, não inviabiliza a celebração e o reconhecimento de um trajecto comum - vínculo que assevera a pertinência do desvio literário, ou clinamen, enquanto norma de evolução literária, de

possibilidade de mudança nos átomos (recorde-se Lucrécio) que constituem tanto a atitude poética de Fernando Pessoa, pela voz de Álvaro de Campos, como a deste poeta americano ("for every atom belonging to me as good belongs to you")[17] e que permite a criação de um espaço literário próprio, legitimamente autónomo do seu arquétipo.

17. Whitman, Walt. *Leaves of Grass*. Mineola, New York: Dover Publications, 2007, p. 21

O carácter específico que Harold Bloom atribui a este processo de influência literária impossibilita, contudo, a sua autonomização numa proposição teórica mais abrangente, uma vez que não considera uma série de mecanismos literários como a ruptura ou o solipsismo poético, pelo que o justapõe precisamente a cinco outros movimentos de influência, cuja definição não interfere, do mesmo modo, com a relevância que o desvio ocupa num espaço reflexivo determinante para uma compreensão mais alargada de uma dinâmica literária.

Bibliografia

Bloom, Harold. Bloom, Harold. *A Angústia da Influência* (trad. de Miguel Tamen). Viseu: Cotovia, 2007

Campos, Álvaro de. *Poesia* (ed. de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Assírio & Alvim, 2002

Withman, Walt. *Leaves of Grass*. Mineola, New York: Dover Publications, 2007

IV. A Arte como Desvio?

Détournement: até que ponto o desvio pode ser o caminho da essência da arte?

Cláudia Matos Pereira
EBA-PPGAV-UFRJ, Brasil

Resumo:

Este estudo pretende refletir sobre o desvio na dimensão da arte. Se ele pode ser considerado uma tentativa de ruptura com a tradição vigente, um 'novo arranjo' para a concepção existente, ou se traz inovação à arte. Propõe-se questionar se o desvio se torna uma norma a ser seguida, que se institucionaliza naturalmente e, se os desvios na arte fazem parte de sua tônica, ou essência fundamental.

Palavras-chave: Arte, desvio, *détournement,* inovação, essência da arte.

Abstract:

This study aims to reflect about the deviation in the dimension of art. Can deviation can be considered an attempt to break with the current tradition, a 'new arrangement' to the current conception, or does it bring innovation to the art. This study proposes to questioning whether the deviation becomes a norm to be followed, which is institutionalized naturally and, whether the deviations in art are part of its tonic, or fundamental essence.

Keywords: Art, deviation, *détournement*, innovation, the essence of art.

1. Introdução

A noção sobre o conceito de desvio é capaz de englobar um panorama transdisciplinar, com inúmeras possibilidades de

interpretação. Assim o desvio – nas perspectivas deste debate na Casa Mateus DOC VII – abre um leque para múltiplos olhares dos participantes, de diferentes áreas do conhecimento: na arte, o desvio como ruptura, transgressão ou percurso essencial; na literatura, as influências mútuas e desvios nas poéticas de autores de projeção; o desvio como potência política e interrupção; a visão da metáfora como desvio; no paralelo entre a poesia e o conto, o desvio entendido como ética e modo de vida; a Guerra como norma ou desvio; no cinema, a ficção como desvio da realidade, como também, herói e desvio trágico, ambos imersos no contexto de finitude e infinitude; a questão do mal como desvio; a juventude e os comportamentos decorrentes de desvios ou não, e suas pluralidades; os desvios em redes de conhecimento, envolvendo professores e investigadores; os desvios na área do design, resiliências e os desafios entre projeto e execução; na arquitetura, os desvios nas concepções de edifício e cidade; os desvios no desenvolvimento urbanístico e suas dissonâncias; o desvio em questões econômicas e históricas; os déficits como desvios da normalidade na economia; os desvios como resultado da interação entre indivíduos e a vulnerabilidade do equilíbrio econômico; os desvios e divergências entre o ótimo individual e o ótimo social; e os desvios entre economia e realidade. A amplitude gerada por esta temática permite discussões enriquecedoras e novas abordagens para o mesmo objeto de estudo – o desvio.

O objetivo deste artigo é propor um 'repensar' para este conceito, com foco direcionado ao campo da arte. Serão breves reflexões para perceber se o desvio seria uma ruptura com antigas tradições, para o surgimento da inovação; se seria a criação de um 'novo arranjo', 'correção' ou 'reutilização' de recursos provenientes de concepções vigentes (*Détournement*) para novas possibilidades; e se ele promove uma ruptura ou negação, como proposta inovadora, para posteriormente se institucionalizar como padrão. Estas dinâmicas possíveis do desvio fazem parte da essência da arte?

2. O desvio é livre?

O desvio, visto como mudança de trajeto previamente determinado gera o sentimento de poder em alterar o curso das coisas,

das atividades; pode gerar a sensação de livre -arbítrio. O filósofo Spinoza (2007) afirmava que decisões mentais pertencem aos desejos, exercidos em circunstâncias pré-determinadas, cujas causas, as quais o homem não tem alcance, são infinitas. Assim, o ser humano acreditaria ser livre por se julgar consciente de seus desejos, mas seriam ignorantes sobre as causas que os levam a querer e desejar. Ou seja, não estariam exercendo o livre -arbítrio e as escolhas seguiriam um traçado determinado. Schopenhauer (2002) afirma que inicialmente, cada indivíduo crê ser completamente livre em suas ações e capaz de alterar a rota para começar uma nova vida, a qualquer momento. Porém, com o tempo, o indivíduo, pela experiência percebe que apesar de todas as reflexões e decisões, não muda sua conduta do início ao fim, conduzindo o mesmo caráter. O querer é conduzido ou é livre? Desvio na Arte - mudança - afastamento: é ruptura, oposição, ou essência da Arte e expressão da condição humana?

3. *Détournement*

A palavra francesa *détournement* significa desvio, reencaminhamento, distorção, virar ao contrário do curso ou propósito normal. Guy Debord (1956) utiliza o termo no sentido de uma correção, rearranjo, reutilização no campo das artes e literatura. Utilizo no título deste artigo, o conceito do referido autor, para logo a seguir, realizar a pergunta se 'o desvio pode ser o caminho da essência da Arte'. Nesta perspectiva de reflexão a que este breve estudo se propõe, o desvio pode ser pensado em uma diversidade de pontos de vista, que ultrapassem os significados imediatos de cada palavra - *détournement* e desvio.

Para Guy Debord (2003:156-158) "o desvio é oposto da citação; o desvio é a linguagem fluida da anti-ideologia". Surge como comunicação sem garantias de nada de forma definitiva. É a linguagem que nenhuma referência antiga poderia confirmar, pois já perdeu suas características de seus elementos de origem, remetendo a uma outras interpretações.

Aquilo que se apresenta como desviado é o que desencadeia uma ação de varredura da ordem existente, que se faz conhecer exclusivamente pela ação histórica, e pela correção histórica, que

é, para Debord, a sua verdadeira fidelidade. "A negação real da cultura é a única que lhe conserva o sentido" (Debord, 2003:158). Em seu livro "*A Sociedade do espetáculo*", ele afirma: "o espetáculo constitui o modelo presente na vida socialmente dominante. Ele é a afirmação omnipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário - o consumo" (Debord, 2003:15). O autor acredita que o espetáculo é uma maneira de dominação da burguesia sobre o proletariado e haveria um domínio do espetáculo sobre todos os membros da sociedade (figura 1).

Figura 1. Sociedade do espetáculo. Fonte: McDonough, Tom (editor) (2004). Guy Debord and the Situacionist Internacional: texts and documents. London: October Books.

No ano de 1956, Guy Debord e Gil J. Wolman, ambos situacionistas, publicaram um "*Guia para um possível usuário do détournement*", na revista surrealista belga chamada *"Les Lèvres Nues #8"*. Nesse texto, introduziram conceitos e teorias. As duas leis fundamentais do *détournement* assinaladas, a princípio, seriam:

a) a perda de importância de cada elemento "*detourned*" (ou "detournado", numa tradução literal para o português), que

poderia ir tão longe a ponto de perder completamente seu sentido original;

b) a reorganização em outro conjunto de significados que confere a cada elemento um novo alcance e efeito (observe na figura 2).

O livro *"Guy Debord and the Situacionist Internacional"* apresenta o texto: "*Architecture and play*", de Libero Andreotti, que afirma claramente a ideia principal do que seria o *détournement*, ao comentar a tática utilizada por Debord: "*In their use of recycled images, the following pages of Memóries exemplified a second play tactic theorized by Debord in the early 1950s: détournement, or the creative pillaging of preexisting elements*" (*apud* McDonough, 2004:217). Debord, em seu trabalho - "páginas de Memórias" - utilizou imagens recicladas e o *détournement* é compreendido como a criativa retirada de elementos pré-existentes, para reconfiguração, reutilização. Assim, novos arranjos e reformulações podem ser feitas de forma criativa, criando novos sentidos de expressão e de interpretação.

Figura 2. *Détournement*. Imagens de Um guia prático para o desvio.
Fonte: Disponível: < http://baixacultura.org/2012/08/16/um-guia-para-usuarios-do-detournement-2/ >
[Consult. 11/06/2014]

Na história da arte pode-se acompanhar uma série de desvios, como forma de romper ou de promover novas abordagens, reutilizações, reciclagens, alterações no padrão estético normativo, e o desejo subversivo de superar o que é o passado, numa sacralização do contemporâneo. Quando o desvio é "institucionalizado"

na Arte, torna-se uma norma, seguí-lo? Duchamp, ao anunciar que "o importante na arte é a comunicação visual de ideias e não os materiais utilizados, nem a obediência aos ditames do gosto vigente" (Janson, 2010) manteve-se desvio, ou tornou-se padrão absorvido pela cultura? Pretende-se analisar estas questões, considerando que os estilos artísticos tanto escondem como revelam (Gombrich, 2003:261).

4. Desvio - ruptura com o estilo vigente?

Alguns exemplos pontuais serão norteadores para este estudo. Segundo Gombrich (1997: 475), do século XVIII à primeira metade do século XIX, tornam-se evidentes as primeiras manifestações de ruptura com a tradição no campo da arte. Factos como: o descobrimento da América por Cristóvão de Colombo em 1492; o Renascimento, período em que os pintores e escultores surgem como profissionais; a Reforma, que traz uma luta contra as imagens e seu emprego em quadros e esculturas nas igrejas da Europa; deslocam o artista para um novo contexto inserindo-o em uma visão de mercado. O artista, em circunstâncias diferentes, permanecia em um esquema de receber incumbências e trabalhos da aristocracia vigente, que encomendava obras para decorar os castelos, residências campestres e retratos dos familiares e antepassados. Mesmo que o artista se interessasse mais por pintar conjuntos de figuras, fizesse pesquisas de cor e composição, ou pintasse retratos, cenas históricas ou dramáticas, a finalidade das pinturas e esculturas continuava a mesma: produzir belas obras que agradassem aos que desejavam possuí-las e que desfrutavam do prazer dessa posse. A retratação da realidade, o naturalismo e o idealismo, assim como o gosto pela antiguidade clássica e busca da beleza, permaneciam.

A Revolução Francesa, em 1789, aparece como um divisor de águas neste cenário, juntamente trazendo a transformação do que se pode chamar de idade da razão (Gombrich, 1997: 476). A primeira mudança se refere à atitude do artista em relação à denominação de estilo. Anteriormente, o estilo do período era o modo de como realizar as coisas, adotado pelas pessoas que acreditavam ser a melhor e mais correta maneira de alcançar efeitos determinados. Na era da razão, a sociedade começou a se dar

conta do que seria estilo, dos demais estilos e das possibilidades de romper com a continuação do estilo. Exemplifica-se, na área da arquitetura, que muitos arquitetos estavam convencidos de que as normas transmitidas nos livros de Palladio garantiam um estilo correto e elegante para os edifícios. Surge então a seguinte questão: por que se deve seguir precisamente o estilo de Palladio? Na Inglaterra, no século XVIII, alguns desejaram ser diferentes dos demais seguidores da tradição. Destaca-se, inicialmente, o questionamento do romancista inglês Horace Walpole (1717-1787) que afirmara ser um absurdo construir sua residência campestre em Strawberry Hill de forma idêntica a qualquer outra construção dentro dos padrões, considerados corretos, do estilo palladiano. Seu gosto pelo extravagante oscilava entre o romantismo e o fantástico, assim como, o gosto pelo gótico. Não só ele, mas outros aparecem dentro desta perspectiva, com assombro, em relação ao que foi tomado como regra da arquitetura clássica, desde o século XV, que era mais semelhante às ruínas romanas, de um período mais decadente, do que propriamente o que poderia ser o estilo verdadeiramente clássico grego. Com a descoberta dos templos de Atenas, imagens gravadas por criteriosos viajantes aparecem como diferentes dos livros de Palladio, o que trouxe à tona, a preocupação: qual seria o estilo correto? Facto é que o ideário do "renascer gótico de Walpole" se rivalizou com o "renascer grego" proposto por outros. Nota-se que neste caso, a ruptura se faz contra as normas vigentes, institucionalizadas como "as melhores e mais corretas a serem seguidas", mas os questionamentos e ações decorrem como forma de exaltação do passado grego, negação do presente e não como proposta inovadora.

Na pintura e na escultura as rupturas com as tradições artísticas não eram tão visíveis. Com o aparecimento das academias, se fortaleceu a ênfase na grandeza dos mestres do passado. Houve a preferência pela aquisição de obras dos antigos mestres. As academias, ao buscar a inserção dos artistas recentes no mercado, promoviam exposições anuais com o objetivo de atrair a clientela aristocrática. Os artistas passavam então, a produzir obras para exibição, de acordo com o gosto e estilo vigente, no intuito de impressionar o público por meio da temática e da cor. Vale ressaltar que alguns artistas que atravessaram o oceano e chegaram à Europa nem sempre estavam dispostos a se enquadrar nos moldes

tradicionais do velho mundo e buscavam novas experiências temáticas (Gombrich, 1997:480-482). Observa-se um desenvolvimento do percurso da arte, mas não um desvio ainda.

A Revolução Francesa surge como impulso a novas temáticas históricas e contribui com uma geração de artistas neoclássicos, como Jacques-Louis David (1748-1825), que foi artista oficial do governo revolucionário. Entre os artistas desta geração, que desprezaram os temas antigos destaca-se o notável pintor espanhol Francisco de Goya (1746-1828), profundo conhecedor da melhor pintura espanhola como fundamento, que não abandona as cores vibrantes, como aqueles que obedeciam ao rigor da grandiosidade clássica. O pintor aparece como isento de piedade ao retratar seus modelos fidedignamente, com sua vaidade e feiura, vícios e cobiça - retratos reveladores. Nenhum pintor da corte anterior ou posterior deixou um testemunho tal de seus mecenas. Produziu grande número de água-fortes e água-tintas na técnica da gravura, primando pelo uso das linhas e manchas, rompendo de forma significativa com os temas religiosos, bíblicos, históricos, para ilustrar temas desconhecidos e chocantes, visões fantásticas de bruxas, figuras espantosas oriundas da crueldade humana, assim como imagens provenientes de pesadelos (Gombrich, 1997:488). Há em Goya uma ruptura, um desvio dentro da tradição clássica. Destaca-se também um pintor mais jovem, William Blake (1757-1827) como exemplo mais marcante de artista depois do Renascimento, que se rebelou conscientemente contra as normas vigentes, muito religioso, isolou-se da academia, das normas e repulsou o desenho do natural, revelando uma mitologia própria (Gombrich, 1997:490). Delacroix (1798-1863) era outro pintor rebelde e revolucionário, que não suportava as normas da academia e a teatralidade sobre gregos e romanos na pintura, assim como, a imitação constante das estátuas clássicas. Considerava muito mais importante a cor na pintura, do que o desenho, e a imaginação muito mais relevante que a inteligência (Gombrich, 1997: 505-506). Muitos são exemplos de desvio nesta perspectiva, que poderiam ser enumerados no decorrer da história da arte, o que seria inviável neste breve estudo. Estes artistas poderiam ser chamados de "desviantes".

A Revolução Industrial no século XIX é marco de uma revolução constante por que passa o mundo. Um exemplo a relembrar é o impressionismo, considerado estilo ou movimento artístico na França, no século XIX entre os anos de 1860 a 1880 aproximadamente, cujos artistas Claude Monet, Édouard Manet, Pissarro, Cézanne, Renoir, Degas, Basile, Sisley e outros, rompem com a tradição. Ao realizarem suas pinturas ao ar livre, saem do atelier para captar a atmosfera de luz e cor da paisagem e das pessoas em cenas reais, numa investigação científica sobre o uso da mistura óptica da cor e seus efeitos visuais. Contrapunham-se à tradição do academicíssimo, ao compartilhar da ideia de que a natureza estava em constante mutação, assim privilegiavam as perceptíveis alterações de luz e cor durante o dia, captando a impressão da realidade. Cenas quotidianas são retratadas. As pinceladas rápidas evidenciam as manchas que aparecem como expressão plástica. A tela "Almoço na relva", de E. Manet (1832-1883) foi rejeitada pelo Salão Oficial e então, este artista juntamente com seus amigos impressionistas realizou a exposição "Salão dos Recusados", como resposta a esta exclusão e ao preconceito apresentado pelos críticos (Gombrich, 1997: 514-524). Apresenta-se um grande e considerável desvio. Observa-se com o decorrer do tempo, que este estilo artístico desviante acaba por ser aceito, "institucionalizado", valorizado e inserido na cultura. Os críticos tiveram que alterar as suas precoces opiniões. A luta dos impressionistas se converteu em uma espécie de lenda áurea dos inovadores em arte. Pode-se perguntar: até que ponto o desvio é ruptura, inovação e não um processo condizente com a essência da arte? Pode-se dizer que os ciclos presentes na história da arte em que se evidenciam - desvios: como rebeldia, contestação, reação, acomodação, aceitação e institucionalização - fazem parte do equilíbrio natural da arte?

5. Desvio - processo próprio da arte?

A velocidade cada vez mais visceral é experimentada pela industrialização, tecnologia, guerras, massificação, consumismo, cujos efeitos se expandem exponencialmente desde o século XIX ao XXI. O homem é abarcado por este novo mercado, pela presença da fotografia, do cinema, televisão, internet e tantas outras

modalidades mediáticas, virtuais, vídeo-arte, happenings, intervenções, instalações, performances e novas poéticas. A figura do artista altera-se, está livre a realizar sua arte, livre do mecenato, porém vulnerável a um mercado imprevisível, sem nenhuma garantia de sustento profissional e de reconhecimento pela sociedade. Alguns se tornam conhecidos, atendem às demandas do mercado, outros ficam à margem, como o extraordinário rebelde Van Gogh (1853-1890) e tantos outros. Surgem aqueles considerados "malditos" ou também os underground. Rebelam-se, rompem - questionam o sistema, a sociedade, a política, o mundo, o quotidiano. Vários estilos e propostas surgem na tentativa de negar a realidade estabelecida, ou de superá-la.

A noção de desvio na arte não é algo novo. Horácio Flaco (65 a.C. - 8 a. C.) poeta e filósofo já afirmava em 18 a.C. , em sua obra "*Arte Poética*": "Quisesse um pintor juntar a uma cabeça humana um pescoço equino, e com variadas plumagens revestir aos membros tomados de todas as partes, de forma que torpemente terminasse em horrível peixe o que em cima fora formosa mulher, levados a contemplar o quadro, amigos, conteríeis o riso? Aos pintores e aos poetas sempre foi propício o poder de tudo ousar". Percebe-se nestas palavras de Horácio o prenúncio do surrealismo, bem como o espírito provocativo e debochado presente em algumas vanguardas dos séculos XX e XXI. A ousadia no percurso da arte se revela pela transformação constante, pelas alternativas criativas de expressão plástica de cada período, em que a quebra de paradigmas e a ruptura são presentes, ao trazer a sensação de escape ao convencional, mas logo a seguir, são absorvidas pela própria cultura. As vanguardas artísticas como: fauvismo, futurismo, cubismo, dadaísmo, expressionismo, surrealismo, abstracionismo, pop art, arte conceitual, minimalismo, body art, land art e tantas outras, enquanto promovem rupturas com os padrões e revelam seu caráter inovador, passam com o tempo, a ser tornar referência. Sob a perspectiva de verificar o desvio como 'aparente ruptura', na construção da inovação, pode-se refletir se há verdadeiramente uma ruptura ou se não seria propriamente o processo interno de renovação e caminho próprio, de um deslocamento temporário, para ser rever o passado e de superá-lo, por meio de novas alternativas de criação.

5.1. O desvio como criação - pode se tornar tradição?

Na dimensão da arte, o desvio está acompanhado da criação e de inúmeras tentativas de se implementar o novo. Alguns exemplos a seguir demonstram esta dinâmica, nem sempre compreendida em seu tempo.

Na '*Exposição Armory Show*', realizada em 1913, na cidade de Nova York, cujo público americano 'em geral, desconhecia a abstração européia'(Adams, 2004), houve sucesso, porém acompanhado de muitas polêmicas. Tratava-se de uma exposição com 1.200 obras europeias modernas, juntamente com outras obras de artistas de vanguarda norte-americanos. Houve comoção por parte do público (Adams, 2004:160). A exposição foi vista por 75.000 visitantes, durante quatro semanas e sofreu críticas impiedosas, inclusive ridicularizando a obra de Duchamp "*Nu descendo as escadas*", apelidada por um crítico como "explosão numa fábrica de ripas de madeira" (Jansen, 2010:1002). O jornal "*Sunday Times*" de 26 de janeiro, antes mesmo que se abrissem as portas da exposição, publicou a visão optimista do fotógrafo e galerista de vanguarda Alfred Stieglitz (1913), que assim declarou:

"*Los huesos secos del arte muerto tiemblan como nunca antes habían temblado. El esperanzado nacimiento de un nuevo arte intensamente vivo lo está logrando. Una multitud de pintores y escultores que se niegan a seguir haciendo lo que la cámara hace mejor se han unido en una demostración de independencia*" (Stieglitz em Adams, 2004:160).

Nem todos os espectadores possuíam o mesmo encantamento com a '*Exposição Armory Show*', como Stieglitz. Os jornalistas criticaram as espessas camadas de tintas e pinceladas dos pós -impressionistas, as formas geométricas e a composição de espaços que se mesclavam nas obras do cubismo. Já alguns críticos formaram uma opinião pessimista e negativa da exposição, por considerarem-na subversiva e perigosa para o bem estar do país (Adams, 2004: 161). Quando a exposição se encerrou em Nova York, o "*Times*" publicou que se havia de recordar que este movimento fazia parte do movimento geral, discernível em todo o mundo, de alterar e degradar, senão destruir, não só na arte, mas também na literatura e sociedade. Assim, o artigo revela:

"Los cubistas y los futuristas son primos de los anarquistas en política, de los poetas que niegan la sintaxis y la decencia, y de aquellos a los que les gustaría destruirlo todo con la excusa de intentar regenerar el mundo, cuando en realidad están tratando de bloquear de todas las maneras posibles la rueda del progreso" (Adams, 2004:161).

Os desvios promovidos por novos estilos e propostas de arte daquele período, causaram escândalos e um discurso opositor, a julgar que as vanguardas estariam por causar desequilíbrios prejudiciais ao desenvolvimento e ao progresso da sociedade. Naquele momento as vanguardas não eram vistas como avanço da sociedade e da cultura. Pode-se interpretar o desvio, naquele cenário, considerado como obstáculo e/ou algo danoso na perspectiva dos críticos daquela época, o que se apresenta como uma situação irónica, aos olhares de gerações posteriores.

Harold Rosenberg (1963), norte-americano, influente crítico de arte que cunhou a expressão action painting, comenta o panorama do outro lado do Atlântico, em um artigo publicado no "*The New Yorker*", a 6 de Abril de 1963, reflectindo sobre a reação do público diante da primeira exposição de arte de vanguarda de Nova York em 1913, "*The Amory Show*" e a de um novo tipo de público, o qual descreve como "público de vanguarda". Segundo o autor, o público de vanguarda estava aberto a tudo. Os representantes entusiastas seriam: conservadores, directores de museus, professores de arte, galeristas, no intuito e afã de organizar exposições e indicar com etiquetas explicativas "os quadros, antes que a pintura tenha secado sobre a tela, ou que o plástico tenha endurecido". Críticos ansiosos em ajudar registavam estudos, como se fossem grandes exploradores, com o objetivo de localizar a arte do futuro e serem, os primeiros em criar reputações. Ele prossegue dizendo que os historiadores de arte estavam sempre com as câmaras e blocos de anotações preparados, para não perder nenhum detalhe novo e assegurarem-se de que este 'algo novo', ficaria registado para a posteridade. Assim, complementa: "La tradición de lo nuevo ha reducido a todas las otras tradiciones a trivialidad (...)" (Rosenberg em Gombrich, 1997: 611) Diante desta abordagem, percebe-se como a "tradição do novo" banaliza as tradições anteriores, e também se aclara outra perspectiva: a

de que a ruptura com a tradição pode se inserir no mecanismo paradoxal da mesma tradição, tornando-se padrão vigente. Ou seja, a busca pela conquista do novo torna-se algo como uma prática tradicional? Esta dinâmica é uma tradição?

Gombrich (1997) comenta a ilustração da figura 3, que extraiu do "*The New Yorker Magazine*" em 1966, onde a mulher irritada questiona o pintor, por que motivo ele teria de ser um 'inconformista', um moderno/rebelde, igual a todo mundo. Esta cena de humor era o prenúncio do que estaria por acontecer na atmosfera da arte. O autor afirma que já faz algum tempo que se tornou facto, o que ele chamou de triunfo das vanguardas, que acabou por levar os 'inconformistas' a uma grande contradição: os jovens estudantes de arte sentiram-se provocados pelos pontos de vista convencionais, a realizar a 'antiarte', porém no momento em que a 'antiarte' começou a receber apoio oficial, converteu-se em Arte com A maiúscula e então - o que havia para se desafiar? (Gombrich, 1997: 622)

Já teria chegado o momento da negação da negação? O desvio existente nas vanguardas teria se tornado uma convenção? Que rumo se deve tomar? Para Gombrich (1997), eis uma história sem fim.

Figura 3. "*¿Por qué tienes que ser un inconformista como el todo mundo?*", Stant Hunt, 1958. Desenho; "*The New Yorker Magazine*". **Fonte**: Gombrich, E.H. (1997). La historia del arte. Madrid: Editorial Debate, p.622.

6. O desvio é momentâneo ou pode permanecer por um tempo?

Em resposta e esta questão, tomemos como exemplo a "*Semana de Arte Moderna de 1922*", no Brasil. Um movimento que se inicia a partir de confluências de pensamentos e ideais estéticos, os quais poderia dizer que também nutriram um desvio, capaz de promover mudanças definitivas no contexto artístico brasileiro. Surge a antropofagia, como conceito para se explicar o ato de se devorar a estética europeia vigente, para transmutá-la em uma arte tipicamente brasileira. Cansados de uma deglutição de valores acadêmicos, de uma estética voltada à representação ideal de uma natureza, com tonalidades atmosféricas da Europa, de temas e de um povo que não correspondiam à realidade quotidiana de um Brasil multicultural, repleto de sonoridades, luzes e cores, etnias, era chegado o momento de verter uma arte de identidade nacional. O desvio neste caso permaneceu, a ponto de alterar a cultura de um país, ou foi algo efémero?

No início do século XX, o Brasil passou por inúmeras transformações econômicas, tecnológicas e sociais, ondas migratórias nos períodos 'entreguerras', toda a sorte de influências estrangeiras e das novas tendências artísticas europeias. No país havia ocorrido um rompimento com o passado colonial barroco e imperial, prevalecendo o culto ao neoclássico, ao ecletismo na arquitetura e ao academicismo na pintura. Alguns artistas tiveram a oportunidade de estudar na Europa, mediante bolsas de estudos e se atualizaram com os novos movimentos, como o impressionismo, o expressionismo, enquanto outros se mantiveram isolados deste conhecimento (Tirapeli, 2006: 19). Vários fatores antecedem a "*Semana de Arte de 1922*", mas a sua gênese provém de uma combinação de elementos, como a atividade crítica e literária de Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Mário de Andrade e outros artistas, unidos a eles, que se conscientizam da atmosfera de mudança mundial. Oswald de Andrade já começa a falar do "*Manifesto futurista*" de Marinetti, mas ao mesmo tempo dá um alerta para a valorização das raízes nacionais e cria movimentos como o "*Pau-Brasil*", redige artigos nos jornais e se reúne com grupos de artistas acerca de novos ideais estéticos (Proença, 2001:229).

Duas exposições realizadas em São Paulo são um marco para o ingresso na arte moderna no Brasil: a de Lasar Segall, em 1913 e a de Anita Malfatti em 1917. A exposição de Lasar Segall não causou polêmica, nem crítica, já que ele foi visto como produção de um artista estrangeiro e houve respeito quanto ao seu estilo diferente do gosto estético brasileiro vigente. Já a exposição de Anita Malfatti, sofreu severas críticas, em que se destaca a crítica implacável e conservadora de Monteiro Lobato, que provocou grande insatisfação, e intensificou a união entre os intelectuais e artistas, em torno da defesa, dentre outros pontos, de uma arte que não tivesse a finalidade de reproduzir a natureza fielmente. Destacam-se as ideias estéticas de Mário de Andrade no "*Prefácio Interessantíssimo*" de sua obra "*Paulicéia Desvairada*", publicada em 1922, em resposta à Monteiro Lobato. Após estas duas mostras, este clima de inquietação, e busca por uma renovação estética no país, acaba por congregar um grupo artistas e intelectuais a trabalharem pelo ideal de uma arte brasileira, liberta das imposições do academicismo (Proença, 2001:229-235).

Na cidade de São Paulo, com o patrocínio de personalidades como Yolanda Guedes Penteado e Paulo Prado, reuniram-se artistas de várias modalidades. Em fevereiro de 1922, foi promovida no Teatro Municipal, a "*Semana de Arte Moderna*" (figura 4). Participam: os literatos Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida, o músico Villa-Lobos, a pianista Guiomar Novaes, os artistas Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Zina Aita, Ignácio da Costa Ferreira,Vicente do Rego Monteiro, Almeida Prado, Jonh Graz, Ferrignac e Martins Ribeiro, os escultores Victor Brecheret e Wilhem Haarber, os arquitetos Antonio Moya e George Pryzrembel (Tirapeli, 2006: 20).

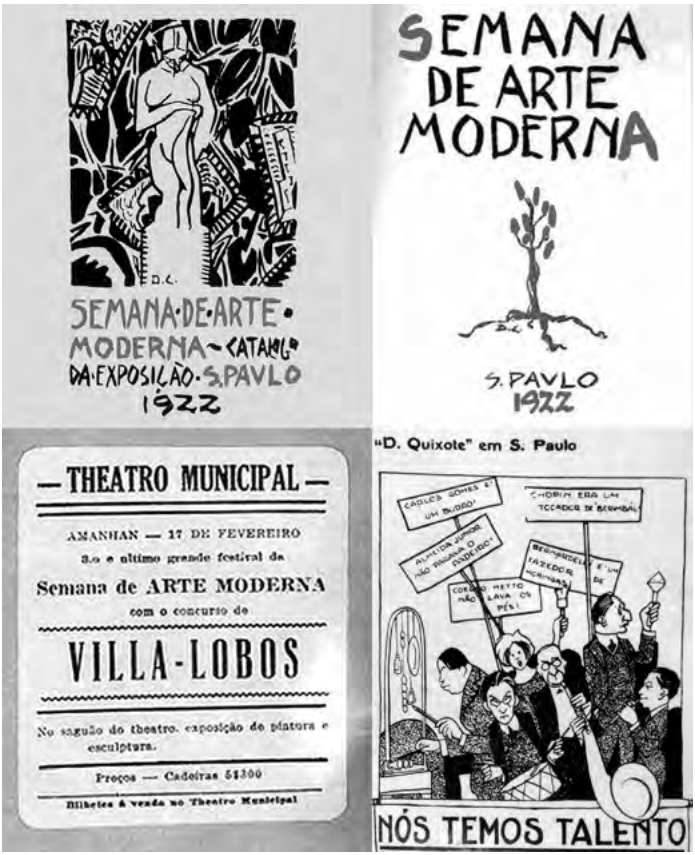


Figura 4. Cartazes oficiais da "*Semana de Arte Moderna*" de 1922 (os dois acima, feitos por Di Cavalcanti) e um anúncio que, na época, publicado pela imprensa paulistana, convidava o público para a apresentação de Villa-Lobos. **Fonte**: Disponível em: <http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=107> [Consult.10/06/2014]

Naquela época a artista Tarsila do Amaral, embora não tenha exposto na "*Semana de Arte de 1922*", colaborou de forma decisiva nos rumos da arte brasileira. Em 1924 iniciou uma fase denominada por ela de "*Pau-Brasil*" e em 1928, deu início à sua fase antropofágica, com a famosa tela "*Abaporu*" (que significa antropófago). A partir desta tela, Oswald de Andrade elaborou sua teoria para o modernismo brasileiro, que resultou no "*Manifesto Antropofágo*", (publicado na "*Revista de Antropofagia nº1*",

neste mesmo ano) o qual replico alguns trechos, a seguir (Proença, 2001:236). Ao dizer: "*Tupi, or not tupi that is the question*", reivindica um caráter nacional para a arte e literatura brasileiras, livres dos condicionamentos europeus:

"*MANIFESTO ANTROPÓFAGO*

Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos.

De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com os sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem.

Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls [...]

Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba.

Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do Cosmos ao axioma Cosmos parte do eu. Subsistência.

Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi o Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. E sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais [...]

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: - Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama".

Oswald de Andrade

Em Piratininga, ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha

("*Revista de Antropofagia*", Ano I, No. 1, maio de 1928)

Oswald de Andrade desejava uma "Revolução Caraíba", na direção do homem, de sua essência de raiz. Música, poesia, literatura, exposições de pintura e escultura, de projetos arquitetônicos, repercutiram não só no Brasil, mas também em Paris, onde viviam outros artistas brasileiros. Operou-se neste momento, um desvio que se torna um marco na cultura brasileira. Não foi um desvio momentâneo, nem efêmero, pois a partir dele, a cultura do país passa a ser tema principal de se pensar o Brasil como nação, frente ao mundo.

Não se pode dizer que se trata de um desvio a ser rapidamente sobreposto por outro, pois houve uma mudança de mentalidades na cultura de um povo - foi um contributo - este desvio foi formador da identidade brasileira. A partir dele, houve um terreno fértil para que outros desvios na arte viessem. Durante as décadas seguintes, mesmo com novas tecnologias, novos intercâmbios, vanguardas, porosidades entre fronteiras culturais, a internacionalização da arte, as grandes Bienais e a Arte Global, há sempre esta pedra fundamental no seio da arte brasileira.

7. A pós-modernidade pode ser um desvio?

Segundo Janson (2010: 1110-1111), o pós-modernismo vem a finalizar com o Modernismo. O termo Pós-modernismo - que inicialmente foi aplicado pela filosofia nos anos de 1960, e que não possui um consenso sobre seu significado, tamanha a complexidade de suas interpretações, é utilizado pelo autor para abranger toda a produção artística, desde os anos de 1980, como também toda a arte produzida após o Modernismo, neste sentido. A ideia do Modernismo em que a arte moderna era vista como uma progressão linear, e que um novo estilo deveria se sobrepor ao anterior, impulsionado pela motivação da arte na realização do "novo", foi marca patente, seguida à risca até os anos de 1950, 1960. A destruição de limites que se vê nas décadas a seguir, disseminação de estilos e de meios artísticos, demonstram nos anos de 1970, que por um lado, parecia não haver mais nada de novo a ser feito. Ao chegar os anos de 1980, os artistas tiveram "autorização para não inovarem", o que possibilitou que eles se apropriassem de qualquer objeto artístico do passado, da história da civilização, se utilizassem de meios artísticos e estilos, os mais diversos, e

dispensaram a premissa de se manter um estilo individual, dando saltos entre meios diferentes de expressão, mantendo uma unidade artística fundada na coerência do tema abordado e não na coerência visual das obras realizadas. A mensagem passa a ser preponderante e não mais a expressão de um estilo único, como foi um dos princípios do Modernismo. Outra questão que se apresenta em oposição ao Modernismo, é a questão da autoria e individualidade da obra, que começa a cair por terra, já que vários artistas começam por trabalhar em grupos, como as "*Guerilla Girls*", o "*Group Material*" e os "*Collaborative Projects*" (Colab) (Janson, 2010:1110).

Neste recorte descrito acima, as mudanças assinaladas, como: a não obrigatoriedade à obsessão "do novo", a oposição à preponderância de um estilo único do artista, assim como o trabalho artístico em grupos, podem ser consideradas um desvio em relação ao percurso anterior?

Para Janson (2010: 1110) a era pós-moderna vem a reconfigurar o mundo artístico. Assim, ele afirma: "o *establishment* artístico expandiu-se para poder acolher artistas de todas as etnias e raças e passou a aceitar todos os meios, estilos e assuntos sem hierarquias de valorização". Este ambiente multicultural aceitou em seu *mainstream* artistas marginalizados nos anos de 1970, artistas de todos os pontos do mundo, não somente da Europa e da América, que contribuíram para modelar a arte contemporânea. O autor comenta que esta "Aldeia Global", favorecida pelas tecnologias nos últimos 25 anos criou alternativas valiosas à cultura do mainstream, cujo impacto decorrente dos movimentos de direitos civis americanos, movimentos de independência em África e Ásia e suas repercussões nas tradições culturais, fortaleceram "uma grande tapeçaria de cultura mundial", onde se encontra a criação de um mundo artístico global (Janson, 2010: 1110-1111).

O mercado de arte tornou-se também global. A arte caminhou através do pluralismo, dos anos de 1970 a 1990, mediante a diversidade de temas, estilos e meios; a pintura teve um regresso triunfal nos anos de 1980, com o reforço do neoexpressionismo; a estética pós-minimalista reflecte-se nas esculturas dos anos de 1980 e 1990, mediante objectos orgânicos, em meio a

diversidade de formas e propostas, também incorporadoras da fotografia, vídeo e instalações (Janson, 2010:1141). Os artistas questionam o meio em que vivem, questionam as culturas, os símbolos, os imaginários, se preocupam com as classes sociais, com as identidades de diferentes grupos, de géneros, desenvolvem narrativas, penetram nas camadas e culturas populares, buscam imergir e intervir nas realidades. Experimentam. Interferem nas vivências.

É difícil avaliar o momento presente, mas diante deste contexto mais global da arte, qual seria o próximo desvio na arte?

Seria uma tentativa de ruptura da arte global, para se olhar o local, o regional? Uma visão para a micro realidade? Não há como prever aquilo que é imprevisível.

8. Considerações Finais

O desvio na dimensão da arte não é acidental, é um processo complexo que envolve contexto, história, memória, sensibilidade, conhecimento, lógica, intuição e, sobretudo criatividade, assim como visão aberta a novas possibilidades de actuação como artista na sociedade. Muitas vezes o desvio ocorre, envolvendo diversos artistas de um determinado contexto ou grupo, pois de alguma forma, todos os envolvidos encontram-se integrados em uma sintonia, que expressa a partilha dos mesmos anseios na realidade.

Ao longo de diversos períodos da história da arte, o desvio surge de formas variadas, com diferentes facetas, mas o que é comum a todos eles, é o anseio de renovação, de reconfiguração, correção ou alteração de uma realidade.

Poderia surgir a seguinte questão: arte é desvio? Acredito que a arte favorece um ambiente para que o desvio aflore, pois a arte é um espaço de reflexão e criação. A arte pode conter desvios, mas ela não se revela apenas como desvio.

Creio que o desvio surge na arte, porque o próprio ser humano é um ser desviante, vulnerável, e como tal, a arte expressa esta condição, em seus processos.

Assim como Debord e Wolman (1956), revelam que "a luz do desvio se propaga em linha reta", conclui-se que o desvio complementa o percurso da arte. O desvio é a "mola mestra", a "alavanca", a "força motriz" que impulsiona a essência da arte.

Bibliografia

Adams, Laurie Schneider (2004), Explorar el arte, Barcelona, Blume.

Andrade, Oswald (1928), "Manifesto Antropófago - Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha", Revista de Antropofagia, Ano 1, nº. 1, maio de 1928, disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf > [Consult.: 19/04/2014].

Debord, Guy (2003), A sociedade do espetáculo, São Paulo, Projeto Periferia, eBooksBrasil.com.

Debord, Guy/ Wolman, Gil (1956). "Métodos de Desvio na Antologia da Internacional Situacionista", Jornal surrealista belga Les Lèvres Nues #8, maio de 1956, trad. Ken Knabb, "Um guia prático para o desvio", trad. portuguesa, disponível em: <http://www.bopsecrets.org> [Consult. em: 20/03/2014].

Flaccus, Q. Horatius (1994), Arte Poética, trad. Mauri Furlan, disponível em: <http://www.nucleodelatim.ufsc.br/wp-content/uploads/2012/05/5.b.-Ars-Poetica.pdf> [Consult.: 15/04/2014].

Gombrich, E.H. (1997), La historia del arte, Madrid, Editorial Debate.

____. (2003), Los usos de las imagines: estúdios sobre la función social del arte y la comunicación visual, Barcelona, Editorial Debate.

Honour, Hugh/ Fleming, John. (2004), Historia mundial del arte, Madrid, Ediciones Akal.

Janson, H.W. (2010), A nova história da arte de Janson, 9ªed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

McDonough, Tom (editor) (2004), Guy Debord and the Situacionist Internacional: texts and documents, London, October Books.

Proença, Graça (2001), História da Arte, São Paulo, Ed. Ática.

Schopenhauer, Arthur (2002), Contestação ao livre- arbítrio, trad. Lurdes Martins, Porto, Portugal, Editora Rés-Editora.

Spinoza, Benedictus de (2007), Ética, trad. Tomaz Tadeu, Belo Horizonte, Autêntica Editora.

Tirapeli, Percival (2006), Arte brasileira: arte moderna e contemporânea, figuração, abstração e novos meios - séculos 20 e 21, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

V. Desviar para Conhecer

Enhancement as Deviation: Notes on a Philosophy of Enhancement

Alexander Gerner[1]
Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, University of Lisbon

1. 1. Alexander Gerner (PhD), Post-Doc Fellow FCT (CFCUL). This paper was made possible by a FCT post-doc grant SFRH/BPD/90360/2012 on "Philosophy of Cognitive Enhancement" http://cognitiveenhancement.weebly.com/

Abstract

This paper performs four rehearsals on a Philosophy of Enhancement as deviation. (I) Can deviation be explained as epistemic cognitive enhancement? Is deviation intrinsic in epistemic development? We will follow these questions by (a) Habit change as deviation, (b) abduction as a strategy of deviation, (c) deviation as diagram transformation, (d) deviation as divergent thinking and abstractive distraction (II) Different modes of deviation and its possibilities for enhancement in different realms and conceptions of health will be introduced. (III) The paper outlines the concept of enhancement as deviations in the framework of the >Pharmakon< (Plato/Stiegler) - an important concept of a philosophy of technology assessment. What could be the consequences for a society that proposes cognitive deviation as a societal rule to follow for example in social moral bio-enhancement? (IV) Is the unfolding of human beings well described in a training ethics? In a forth philosophical model of deviation in enhancement the paper underlines an 'Ethics of Exercise' (Sloterdijk, 2009): Exercising in all its forms- including the way we do philosophy and science (Sloterdijk, 2010)- is based on repetition and necessary deviations from a status quo (transcending activity).

Keywords: Enhancement (cognitive), Deviation, Peirce, Pharmakon, Ethics of Exercise

Resumo

Neste artigo são ensaiadas quatro voltas sobre uma filosofia do aprimoramento como desvio. [I] Pode o desvio ser explicado como um melhoramento epistémico e cognitivo? Pode o desvio ser intrínseco ao desenvolvimento epistémico? Estas perguntas são seguidas pelos temas da (a) mudança de hábito como desvio, (b) abdução como uma estratégia de desvio, (c) o desvio como transformação do diagrama, (d) desvio como pensamento divergente e distracção abstractiva. [II] Na segundo volta, introduzem-se diferentes modos de desvio em diferentes concepções de saúde e as suas possibilidades de enhancement. [III] Delineia-se uma descrição breve do conceito do enhancement como desvio no âmbito do > Pharmakon < (Platão/Stiegler) - um conceito crucial de uma filosofia da avaliação da tecnologia. Que consequências poderiam surgir para uma sociedade que segue o desvio cognitivo como um princípio, como por exemplo no melhoramento biológico da moral? [IV] Num quarto modelo filosófico do desvio como enhancement, destaca-se uma 'Ética do Exercício' (Sloterdijk, 2009): o exercício em todas as suas formas - incluindo a forma como fazemos filosofia e ciência (Sloterdijk, 2010) - é baseado na repetição e os desvios necessários partindo de um status quo para uma actividade de transcender esse status quo.

Palávras Chave: Aprimoramento (cognitivo), Desvio, Peirce, Pharmakon, Ética do Éxercicio

[I]

First we will give an outlook on necessary epistemic drive of deviation: cognitive deviations in epistemological dynamic change of habits, abduction, diagrammatic reasoning, hypostatic abstractions and theoric/theorematic shifts for the introduction of new ideas.

How can deviation as enhancement be seen within the philosophical framework of Peirce's philosophy? With Peirce´s epistemology we not simply ask as with Kant how something is possible, but, moreover, how the new is possible and enters our thought and reasoning which has to do with epistemic actions and processes

of abstractive deviation. This includes a variety of non-trivial methods, strategies and concepts in Peirce such as his [a] unorthodox habit concept, [b] the logic of abduction, [c] diagrammatic and theorematic reasoning as well as hypostatic abstraction in which predicates are made things or collateral knowledge that through a deviating shift may become central and others may be distracted and as such transformed. This is as well the case in what - with Rudolphe Gasche´s reading of Kant- we can call 'abstractive distraction'. Therefore we will turn to [d] Deviation as a principle of divergent thinking and abstractive distraction.

I will now underline some aspects of deviation in relation to epistemic enhancement.

[a] Habit change as deviation

For Peirce all things have a tendency to take habits. Different from any routine like behavior in the tradition of David Hume[2] Peirce conceives habit- taking as a principle for growth and development:

"(...), all things have a tendency to take habits. For atoms and their parts, molecules and groups of molecules, and in short every conceivable real object, there is a greater probability of acting as on a former like occasion than otherwise. This tendency itself constitutes a regularity, and is continually on the increase. In looking back into the past we are looking toward periods when it was a less and less decided tendency. But its own essential nature is to grow. It is a generalizing tendency; it causes actions in the future to follow some generalization of past actions; and this tendency is itself something capable of similar generalizations; and thus, it is self-generative."

(Peirce, 1958: CP1.409)

For Peirce habit is "not formed by mere slothful repetition of what has been done" (Peirce 1976: NEM 4,143). In the words of Kilpinen (2009):

"The older habit notion might be called classic 'Humean' variant, treats habit as a routine-like behavior pattern where the acting

2. "habit can never be acquir'd merely by one instance": David Hume, D. (1739). A Treatise of Human Nature, Book 1, section VIII

3. Besides subpersonal, e.g. bio-physiological enhancements level that I would name enhancement type I

subject's consciousness, rationality, and intentionality are not involved. Its alternative stems from the philosophical tradition of pragmatism, and understands 'habit' as open for the acting subject's reflection, during the course of action."

Important when we think about deviation is exactly not the acceptance or instilment of a habit (habituation, routinization), habit in reasoning, life conduct or action, but Peirce's emphasis on the deviation of habit lies on *habit change* that Peirce pragmatically understands as "a modification of a person's tendencies toward action" (Peirce, 1958: CP 5.476 [1907]), such as a initial stopping of an habitual neglect in observing certain collateral facts that often pass unnoticed in the way we are institutionally are habitualized and put into perspective by disciplinary point of views, approach a certain problem, phenomenon, situation or process.

Habit change includes - according to Peirce- an active or "a deliberate, self-controlled, purposive, muscular effort. In a word, the performance is that of an **experiment**, or, at least, of a quasi-experiment..." (Peirce, s.d: Ms. 318 [1907]; my emphasis; cf. Bergman, 2012).

Let´s hold on to this notion here: habit change is a self-controlled purposive form of action that gets near to what can be called an 'experiment'. As Mats Bergman (2012) rightly notes this effortful, self-critical and self- controlled 'performance' should not be understand exclusively in the sense of personal (symbolic) meliorism (that despite of my designation of deviation as enhancement type II is still the level we start with)[3] in which the overcoming of certain limitations is an inherent goal, but as well may apply to a meliorism in relation to social communities or collaborative relations (enhancement type III), as a community, according to Peirce- anticipating Dewey's notion of reformism- can be seen as a pars pro toto of a person: a "man's circle of society (...) is a kind of a loosely compacted person" (Peirce, 1998: EP 2:338 [1905]). The social idea of personhood is an important notion that leads to the conclusion that an account of enhancement should initially start from a second-person perspective, and not from a first-person perspective or a sub-personal naturalistic point of view.

The Peircean notion of habit- taking and habit change is a very actual idea of the 'habit of habit taking' in which habit- taking can itself evolve, parallel to the thought of 'evolvability' (cf. Pigliucchi, 2008 in Fernández, 2010), an idea in which the capacity of evolving can itself evolve.

[b] Abduction as a Strategy of Deviation?

Peirce in 1903 exactly defined abduction as the „only logical operation introducing any new idea" (Peirce, 1958: CP 5.171). Thus with the idea of abduction in mind we can call Peirce's epistemological account occupied with historic and personal creative scientific discoveries and finding a logic of discovery, as well as how we get new explanatory hypothesis and how symbols grow and the new enters our thought, a perspective of knowledge development (cf. Hoffmann, 2005; Hoffmann, 2007; Hoffmann, 2010). Accordingly, abduction can be seen as part of an epistemic logic of deviation in the sense of a scientific strategy of knowledge development in the context of scientific discovery. *In abduction, searching for something anomalous or surprising or disturbing in the sense of a deviant phenomena or behavior in observation, is looked for- based on a general rule of never letting an exception escape unnoticed.*

Thus deviant phenomena become raw material for learning and the introduction of the new. However, this is not true for the event of deviation, that can be shocking or lead to an status-quo bias[4] reaction in which people can´t accept the new complexity arising by deviant behavior, as an opportunity to experience something 'out of the box'. In deviant observation, observing strange details and clues and tones hold importance. As in the Hansonian form of abduction (Paavola, 2006) searching for "patterns" and connection that fit together to make a reasonable unity - finding a more general higher order or pattern. Disturbances and deviant behavior of a system leading to abduction[5] can be seen as a heuristic trigger to find higher order continuity. Deviation -in the sense- as included in an abductive strategy and methodology is necessarily helpful for an abductive heuristic to find the 'new'. Besides deduction and induction one of Peirce´s three elementary kinds of reasoning" (Peirce, 1958: CP 8.209)

4. Cf. on the status quo bias and its reversal test in relation to enhancement: Bostrom/Ord, 2006

5. "There are two basic ways of understanding the term 'abduction' in philosophy of science nowadays. One starts from Charles S. Peirce's use of the term as a third mode of inference besides deduction and induction, which is connected to the generation of new ideas. This use has continued in debates concerning the "logic of discovery" (...). In the following, I shall call this basically Peircean use of the term, 'Hansonian abduction', because Peirce's own versatile writings have left also room for other interpretations of the term (...). Further, Norwood Russell Hanson was an important forerunner in the 20th-century philosophy of science who researched the "logic of discovery". Another way of using the term 'abduction' is to treat it as a synonym for the Inference to the Best Explanation (IBE) –model (...). Peirce is one part of the background for IBE, but more importantly IBE is based on Gilbert Harman's writings and formulations in the 1960s (...)" (Paavola, 2006: 2-3)

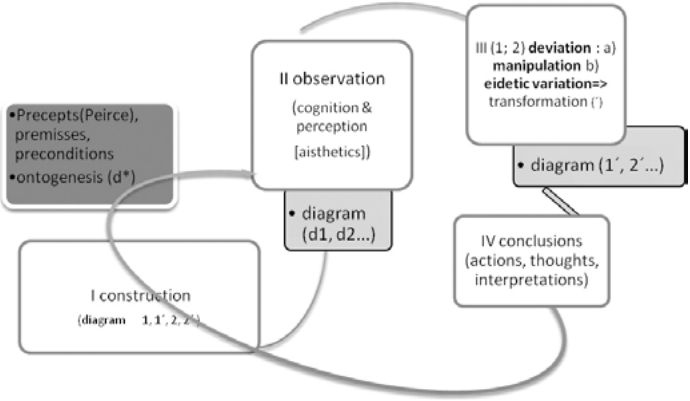
abduction is of utmost importance for scientific reasoning and especially for scientific discovery (cf. Pombo/ Gerner, 2007). However is abduction not just a syllogistic manner to reason, but as well a non-syllogistic 'guessing instinct' - not actually being programmable, and as such often deviant to our exact intention emerging from the "uncontrolled part of the mind"(Ibid.: CP 5.194) that leads towards perceptual judgments that may cause surprise in the 'Interpretant', deviating observational and theoretical point of view from pre-planed rules or perceptual paths taken towards observing inexplicable irregular phenomena, that may even recur -and thus start to get noticed- as disturbing the actual hypothesis, thought or even the current representational system in use. This principle of abduction could properly deviate the attentional scope towards the recalcitrant background noise- normally excluded- in relation to the new observed fact/singular event, that might show itself on a higher level as a new form of continuity, generality or regularity. Another point to be considered is the significance of – shifting the perspective. Can shifting of perspective be interpreted as an epistemic deviation of point of view? If the answer is affirmative then this would be one of the main strategies to develop new knowledge inside a framework of 'transformational realism' (cf. Hoel, 2012).

6. Stjernfelt (2007, chapter 4, 89-116ss.) in his exemplary study "Moving Pictures of Thought. Diagrams as Centerpiece of a Peircean Epistemology" underlines not only the non-trivial notion of iconicity of the general notion of the diagram in Peirce (CP 2.279), but as well introduces the diagram- icon as a type, as an Interpretant of a symbol and as a "formal machine of Gedankenexperimente" beyond the concrete notion of diagrams in material diagram tokens (the concrete triangle diagram on the blackboard) or a specific representational system -for instance Peirce´s system of 'existential graphs' (cf. Pietarinnen, 2006,103-179ss.)

[c] Deviation and Diagram transformation

Krämer calls attention to the operativity criteria (Krämer, 2010) of the diagram. This means that icons are signs from which more and new information operationally by observation and manipulation can be derived than what sufficed their construction (Stjernfelt[6], 2000; Stjernfelt, 2006; Stjernfelt, 2007; Peirce, 1958, CP 2.279). Iconicity is hereby a firstness category in which the difference of the perceivable ('visible', 'audible', sense of 'taste', by 'prorioception', by the sense of 'cronoception', 'thermoception', 'equilibrioception', 'nociception', or 'interoception') and the intelligible is being bridged and the importance of 'spatiality', 'temporality', 'form' and 'technology' of thinking is instilled. This happens not only inside the most abstract form of knowledge such as in mathematical reasoning but as well holds true for epistemological growth of knowledge and cognition in general

in all realms, for example when we read and orient ourselves with the diagrammatic tool of an underground map of Lisbon, to find a certain route. In Peirce's tripartite taxonomy of signs (icon, index, symbol) in the "Syllabus" of 1903 the diagram is treated as a special class of the icon. The diagram is defined by similarity to the object that it represents and performs. In this point of view, in diagrammatic reasoning a diagram[7] presents its object by a "skeletonlike sketch of relations" (Stjernfelt, 2007; Peirce, 1976, NEM VI, 316s.[8]). In this process of diagrammatic reasoning then the deviation of the first constructed diagram, diagram 1, to its variation- diagram 1'- is one of the basic operations of diagrammatic reasoning by which new knowledge is developed with. This for example happens when by technical manipulation and 'eidetic variation' in which types or categories for instance a 'type' of triangle can be prescinded/ mentally separated from material tokens, the concrete printed 'token' of a triangle in a school book, or a not perfect trangle on the blackboard is identified as such an ideal type.



Map 1 (Scheme of the Operational Diagrammatic (blue sections) and the ontological apriori notions (red sections) for diagram operations by A. Gerner inspired by Peirce and Stjernfelt (2007). The deductive and necessary steps are the transformation of the first constructed diagram towards its technically deviated or manipulated and by the prescinded types free from material tokens as by eidetic variation, then a second step in deviation is introduced when after the conclusion a new diagram 2 has to be constructed or the plane of construction principles rules or premises have to be changed.

7. „Meantime, the Diagram remains in the field of perception or imagination; and so the Iconic Diagram and its Initial Symbolic Interpretant taken together constitute what we shall not too much wrench Kant's term in calling a Schema, which is on the one side an object capable of being observed while on the other side it is General. (Of course, I always use 'general' in the usual sense of general as to its object. If I wish to say that a sign is general as to its matter, I call it a Type, or Typical.) Now let us see how the Diagram entrains its consequence. The Diagram sufficiently partakes of the percussivity of a Percept to determine, as its Dynamic, or Middle, Interpretant, a state [of] activity in the Interpreter, mingled with curiosity. As usual, this mixture leads to Experimentation. It is the normal Logical effect; that is to say, it not only happens in the cortex of the human brain, but must plainly happen in every Quasi-mind in which Signs of all kinds have a vitality of their own." Peirce, 1976, NEM IV, 348)

8. „The Diagram represents a definite Form of Relation. This Relation is usually one which actually exists, as in a map, or is intended to exist, as in a Plan. But

'Observation' by an abstractive schematic interpretant and 'experimentation' (including manipulation) are the key words in linking diagrammatic reasoning to deviation as a strategy of knowledge growth. We can enhance our knowledge by observing irregularities in the diagram 1 (d1, d1') we created and by reintroducing these irregularities into a system of higher complexity (the second diagram d2 by deviation of the first construction/ gestural manipulation principle in order to recreate a new diagram. Deviation from the inductive prediction/expectancy (cf Peirce, 1958: CP 5.196) becomes a handy/ pragmatic & mental tool of real (as in chemistry) and imaginary (as in theoretically thinking things through and abducting hypothesis in arm-chair philosophy) experimenting on diagrams[9]. Diagrammatic reasoning[10] therefore is an observational and experimental manipulative technical tool used from its use in the most simple daily life form of learning and knowledge growth up to understanding higher order theorematic shifts in mathematics, and even by introducing changing an entirely new representational system- e.g. the shift from Euclidian planar geometry to non-Euclidean curved geometry. Hereby it is important to note that for Peirce "reasoning is strictly experimentation" (Peirce, 1958: CP 6.568), and the majority of discoveries for him are a direct result of diagram experimentation (Peirce, 1958: CP 5.51). Therefore even mathematical and highly abstractive activities are experimental and observational actions[11] being manipulated in diagrammatic reasoning.

[d] Deviation as divergent thinking and abstractive distraction

Habitually attention- besides bottom-up and top-down approaches is often divided in different modes: selective attention, alternating attention, divided attention, sustained attention (vigilance), focused attention as well as attention is conceived in two modes in task relevant performance approaches: a) spatial attention, tied to a particular region in space and b) object-based attention in which attention is said to orient towards a particular "object" in a scene - as for instance in perception (visual, tactile etc.) a dual (fast/slow; unconscious/reflexive, egocentric/world-centric etc.) dorsal/ventral processing stream and its logical

this is so far from being essential to the Diagram as such, that if details are added to represented existential or experiential peculiarities, such additions are distinctly of an undiagrammatic nature. The pure Diagram is designed to represent and to render intelligible, the Form of Relation merely. Consequently, Diagrams are restricted to the representation of a certain class of relations; namely, those that are intelligible."(Peirce, 1976, NEM IV, 316)

9. "Chemists have ere now, I need not say, described experimentation as the putting of questions to Nature. Just so, experiments upon diagrams are questions put to the Nature of the relations concerned." (Peirce, 1958: CP 4.530)

10. Peirce defines diagrammatic reasoning as follows in his Carnegie Application: „By diagrammatic reasoning, I mean reasoning which constructs a diagram according to a precept expressed in general terms, performs experiments upon this diagram, notes their results, assures itself that similar experiments performed upon any diagram constructed according to the same precept would have the same results, and expresses this in

interpretation (Stjernfelt, 2014: 123-140ss.). However, I will assume a non-orthodox concept of attention here that implies not only its focused form or an alternating form of different predefined tasks, but as well a divergent attention, that elects and new objects or transforms spatial-temporal, technical and formal organization of reality as related for example to divergent thinking. This type of attention - according to a reading of Kant by Rudolphe Gasché (1998)- is based on ***abstractive distraction.***

Peirce in 1902, in the year of introducing his phenomenology, follows another distinction of abstraction: He seperates mental separation, dissociation and prescission from hypostatic abstraction:

Prescission for Peirce- a form of selective attention in which elements of a pregiven set of elements are selected- is the "operation of the mind by which we pay attention to one feature of a percept to the disregard of others" (Peirce, 1958: CP 4.235). For example if we disregard the blue color of a blue triangle we dissociate it from the form, but we cannot do this in relation to its spatiality, that is why for Peirce it is important to note that we can "imagine red without imagining blue, and vice versa; we can imagine sound without a melody, but not a melody without sound" this kind of seperation in appearing Peirce calls dissociation (CP 1.353; 1.549) and is a first mode of exclusive or selective attention in Peirce. The second mode of selective attention is a imagination of seperation of phenomena that in reality can't be dissociated as colour and space: "Thus, we can suppose uncolored space, though we cannot dissociate space from color. I call this mode of separation prescission." (CP 1.353)

The other form of abstraction, however, is the process of transformation in a kind of abstractive observation that takes a concrete attribute in a percept -"honey is sweet" (Peirce, 1958: CP 4.235)- and transforms it into a conceptual general "fictious thing"(Peirce, 1958: CP 4.235) such as in "honey possesses sweetness": a hypostatic abstraction.

Peirce does officially not see attention as important for "salience" in the big topic of abstraction, as for instance in the well known Gestalt-switch, and morphological transformation from one gestalt towards another. On the contrary he is much more

general terms. This was a discovery of no little importance, showing, as it does, that all knowledge without exception comes from observation." (Peirce, 1976, NEM IV, 47-8)

11. Peirce distinguishes two forms of necessary reasoning, corollary and theorematic reasoning: "Theorematic reasoning invariably depends upon experimentation with individual schemata. We shall find that, in the last analysis, the same thing is true of the corollarial reasoning, too; even the Aristotelian 'demonstration why.' Only in this case, the very words serve as schemata. Accordingly, we may say that corollarial, or 'philosophical' reasoning is reasoning with words; while theorematic, or mathematical reasoning proper, is reasoning with specially constructed schemata." (Peirce, 1958: CP 4.233)

interested in the more fine-grain and controlled methodological process, that he calls abstractive observation- because the process of abstraction for Peirce is in itself a form of theoric distractive observation.

*

As already mentioned, I assume a non-orthodox view on attention (a distraction that abstracts, a distraction that introduces a new point of view) and as such would partake in theoric transformations and in all forms of abstraction including not only selective exclusive types as in prescission- important to selecting types from tokens in diagrammatic reasoning- but as well inclusive, elective-transformative types of attention as in hypostatic abstraction or theoric transformations.

But let us stay first with abstractive distraction that we lean from Rudolphe Gasché (1998) who reads Kant´s anthropologic account of attention anew. In Gasché´s reading of Kant´s anthropology (especially chapter 44 on distraction [Zerstreuung]) in his article "Über das Wegsehen. Aufmerksamkeit und Abstraktion bei Kant" (Gasché, 1998) evokes abstractive distraction as the necessary condition of the appearance of the phenomenon of attention. Gasché notes that a distraction that abstracts [abstrahierende Zerstreuung; Gasché, 1998: 151][12] is different from mere distraction, the evasion of attention- as often described in attentional negatively judged 'task deviation' for example when talking on the mobile phone while driving a car and thus being less attentive for what happens on the road, as well as it is different from non-attention or complete inattention (Gasché 1998, 152). Gasché, doubts a clear distinction and segregation of attention and abstraction that he sees not only valid in the realm of the inner sense or self-affection [Gemüth]. This also includes a logic general account of attention beyond a mere empiric approach, that has been criticized by Peirce and Husserl among others as "psychologism" (cf. Stjernfelt, 2014: Chapter 2). In relation to Gasché this means that it is very questionable if there can exist attention "without anyone abstracting or reflecting (...)" (Gasché, 1998: 145, my translation), that "anyone" in the case of Peirce would mean an Interpretant or quasi-mind, and without

12. "Die Aufmerksamkeit abzulenken um ihr zu ermöglichen sich selbst zu stärken und auf ihr Objekt zu konzentrieren, ist ein Akt der Abstraktion. Dieser Akt macht Aufmerksamkeit aufmerksam.(...) Aus der abstrahierenden Zerstreuung, ohne die Aufmerksamkeit nicht möglich ist und die ihr daher innewohnen muß, erwächst auch (und erst) die Möglichkeit das Abstraktionsvermögen als solches vom Aufmerksamkeitsvermögen zu unterscheiden, wie Kant dies auch zu Beginn der Anthropologie vertrat." (Gasché, 1998: 151)

attention predicative abstractions or concepts and general hypostatic abstractions would not be possible to be conducted.

*

Let me show this in an example derived - not from listening task (that is known from the start) as in the dichotomic listening task of speech recognition of a proper name and its intelligibility in the 'Cocktail Party'[13] phenomenon- but from the aesthetic experience of listening to an unheard of type of music as for instance atonal 12 tone music or polyphonic music: The possibility of distractive abstraction as condition of being able to follow a atonal piece of music. It seems important in listening to a atonal polyphonic piece of music that attention has necessarily to be open to distraction. It is abstractive distraction that is necessary in order to attend to something new and meaningful that goes beyond our known and recognizable selected patterns, if not only one string or one part of the polyphony, or parts of a 12tone music in its atonality is to be attended to. This implies a domain-general attention mode (cf. Janata et al, 2002) based on abstractive distraction. As Bruns puts it:

"[W]hereas the speaking subject moves consequently along syntactical lines, the listening subject is (...) nonlinear open to distraction, indeed in a constant state of eruption, because a world organized according to listening is a world of simultaneous events, unless one is ready to exclude most of what happens, one is bound to sort out into lists rather than into narratives or propositions." (Bruns, 1999: 152s., in Gritten, 2011)

Listening to a polyphonic musical gesture is therefore already entering an atmosphere of necessary distraction:

"This means, fundamentally, that it is not that distraction is opposed to the concentrated structural listening advocated by Adorno, Schoenberg, Stravinsky and others, and that the latter is pure and uncontaminated by the sound and noise of music and its performers, rather distraction is built into structural listening as an integral moment of its Modernism" (Gritten, 2011)

*

13. cf. Cherry, 1953; Deutsch/ Deutsch 1963, Driver, 2001. In the cocktail Party effect we can focus our auditory attention on a particular stimulus while filtering out other stimuli. For instance out of a noisefull mix of conversations on a Cocktail party we are able to "filter-out" or selectively attend to someone that says our proper name.

Divergent thinking is clearly exemplified in a talk called "Changing Education Paradigms" by Sir Ken Robertson[14] as an essential capacity for creativity (defined by Robertson as the "process of having original ideas that have value", advocated- not as a synonym - but as one of the essential conditions for creativity. In this talk also another phenomenon is critized: the creation of an 'artificial epidemia' of Ritalin busted 'attention deficit school children', that are fixated in a standardized school-system that does not allow the development of divergent thinking in which one principle rules: many possible answers and lots of ways to interpret a question and ways of thinking laterally: a 'divergent attention strategy' for learning and knowledge growth. This divergent attention strategy has to be seen as complementary modes of plurimodal attention inside a dynamic tension with "convergent" or concentrated attentional modes.

14. Cf. http://www.youtube.com/watch?v=-zDZFcD GpL4U&feature=player_embedded

Thus "abstractive attention" shows itself as an epistemic dynamic between focus and distraction; in nuce: a distraction that abstracts. Becoming attentive is interpreted as impossible without a transformative abstractive distraction, the fact that attention not only selects out of a pre-given set of elements some of them (red ones) leaving the others unattended (blue ones), but attention actually as well elects and transforms structurally the spatial situation, event or object of attending. Tasks that are way more difficult and thus seem more relevant to our real life phenomena of attention are for example listening to a piece of contemporary classical music 12 tone music as Schoenberg, Webern etc. Can we easily attend fully to a piece of polyphonic, atonal 12tone music? I don't think so, but we can learn and train ourselves by doing/listening to it. What kind of attention do we have to possess to be able to follow to these pieces of modern music and still be able to grasp its proper musicality while listening? Surely, a distractive type of attention, grasping certain singular musical phrases while not loosing a general schema of perception and understanding – in the moment of catching up with another phrase or pitch change and its instrumentation. Polyphonic, atonal and 12tone listening suggests a distractive attention type that is able to "eidetically" listen the whole composition at once while structurally being distracted. The structural deviation and expansion beyond a center of polyphonic music lets us discover a

new worldview linked to listening to music such as being able to appreciate distracted pitches and 'keyless' atonality as in Alban Berg´s opera "Wozzeck". It seems obvious to me that attention cannot be conceptualized only by applying the metaphor of the focusing lense of attention, in the idea of a positive convergence in the point B that at the thematic axis through the lense of attention finds a punctual or subjective focal point. I think one should think of a "metaphorical theoric tool" of attention of several or multiple lenses that for instance not just account for the metaphoric moment of "concentration/ convergence" but also of the moment of >Distention<, >distraction<, >thematic opening< >theoric restructuring<, thematic shifts or >amplification< of the >thematic radius<, or to stay in the metaphoric imagery of the lense metaphor: we introduce >divergence/deviation< as a possibility in which by poly-modal attention diverging thought is followed or triggered and not only a preconceived object is found under the convergent thematic focus or predefined task. A divergent strategy of observation and reasoning necessarily implies "opening" diverging point of views and perspectives.

***

[II]

Secondly I >put into perspective< modes of deviation in different realms and conceptions of health and medicine (Lenk, 2011) beyond the enhancement - treatment (Lenk, 2002) dichotomy. Orthodox concepts of medicine often are aiming at regaining an ideal-normative or natural-functional state of health expressed in the principle of "restitutio at integrum", the restoration of an integral condition. The bio-statistical model by Boorse (1975, 1977)- besides claiming to be a naturalistic- functional model of health (cf. Ananth, 2009), seems the standard idea behind a species-typical reference class of humanity in relation to health and the restitutio at integrum model, that seems to deal with deviation in the only way of making it disappear by the value of reinstituting the 'normality' of 'natural' functionality. The relation of 'Natural' and 'norm' appears in a biological-cultural tension and may even contain a certain contradiction, and therefore leads to the question: what else could 'integrum' or integrative medicine

mean today in the face of enhancement debates especially triggered by "new medical technologies to change us beyond therapy and in accordance with our own desires" (Gordijn/ Chadwick, 2008: 4)? Should we scrutinize critiques of restitutio ad integrum models when reflecting on future trends in medical activity, research and treatment that include enhancements and going beyond of a status quo of a given or predefined standard ´natural' norm of functioning? I will try to hint on overcoming a classic normative approach to health- in medicine. It seems important to face the limitations to deal with individual qualitative indicators of wellbeing (cf. Lenk, 2011; WHO, 1948; United Nations, 1966) becoming more and more important in personal integrative medicine (besides classical approaches to personalized pharmaceutic therapies and medicine). Lenk (2011) realizes that taking up different concepts of health gives us different forms of enhancement types and might as well give us different notion of deviation. Thus enhancement as deviation is seen hereby not necessarily as a state to be overcome as illness or disease states. If we see health in the framework of wellbeing- proposed by the WHO- as individual, psycho-social and as cure then from the point of view of situational and personal enhancement other standards than natural parameters of bio-physiological models[15] or norms of health have to be looked at which are more open to the idea of deviation as enhancement according to the norm "**Melioratio ad optimum**", or the idea of *human optimization* and self-perfection.

15. The bio-statistical model by Christopher Boorse (1977) or Boorse (1997) seems to be the philosophical idea of a statistically obtained species-typical reference class of humanity and inside decision-making in health related issues.

16. The EU >NERRI< consortium [http://www.nerri.eu] is headed by the Portuguese Science Agency >Ciência Viva<. It recently started to organize public debates on enhancement in Portugal; e.g. "Mexer no Cérebro" in the Science Café at the Library of the Portuguese Parliament: http://www.parlamento.pt/Paginas/XIIL3S_CafedeCiencia_OCerebro.aspx.

This competes with positions that assume a clearcut dichotomy of 'enhancement versus treatment', formulated in a classical sense by Elisabeth Hildt one of the European Think tank on Enhancement of the NERRI[16]-project:

"Whereas on a descriptive level enhancement serves to characterize a certain measurement to lead to some form of improvement, on the normative level enhancement could be described as dwelling outside of the field of medicine and beyond medical obligations, measurement not legitimized by medical needs." (Hildt, 2013: 3)

I think that we should question this seemingly clearcut descriptive/ normative split that has consequences if accepted for

instance in political decision-making on enhancement technologies. Which would make all medical indication oftreatment that as well enhances functions immune against societal or political scrutiny as long as it is has been judged as indicative for medical treatment or treatment research. As exactly from medical treatment arise desires to a normative quest for a betterment as optimization, an ontological deviation that for Hildt lies outside of the medical realm, might actually evolve out of the medical realm anyway, or exactly because it is discursively segregated from what is called enhancement. Thus a critical point of view has to be applied inside medicine and health related issues and not be veiled by the predecisions of what is medical treatment and what stays outside and uncoupled from the medical realm as enhancement. The quest for the desired change - actually still impossible - in relation to medicine and health is not new (Wiesing, 2008). Enhancement as deviation in health related concepts become virulent when we note a shift from disease focus to a well-being focus.

***

[III]

Let's briefly outline the concept of enhancement as deviations in the framework of the >Pharmakon< (Plato/Derrida) - an important concept of technology assessment in which deviation is contextualized as a concept we have to ethically evaluate -among other significations- as 'remedy' and/or 'poison' and as such presents itself to us as an technology assessment concept of the positive effects and risks of techniques and technologies ofdeviation.

*

What could we imagine this to be: techniques and technologies of deviation? Can there be an art of deviation or even a science based on deviation?

*

Already since Plato the idea of pharmakon goes deeper than the legal regimes. Rinella encounters at least three others, the somatic

regimen, the noetic and the discursive regimen of speech of the pharmakon. Each of one can be said to hold at least one specific type of deviation a) somatic (e.g.illness/ freshness/ decadence etc.)), b) noetic (e.g. altered states of mind) and c) discursive (e.g. distraction, excursive, abstractive, abductive etc.). Plato in the myth of Theuth in Phaedrus opposed vehemently against the pharmakon of writing [graphema] triggered by his ethical worries of this technique of fixation entering into conflict with vivid conversation - always able to be corrected and deviated in the moment of speaking- and thus - according to Plato would negatively deviate its user from real life memory towards a secondary auxiliary technique of remembering that for Plato seemed to weaken human capacities such as intrinsic memory and the importance of direct argumentation that could be rebutted if necessary in an alive dialogue.

*

This introduces another level in enhancement as deviation: What is the relation of Deviation to Anthopogenesis. Is anthopogenesis conceivable as a proper technogenesis (Bernard Stiegler), in which the co-development of techné and anthropos/homo are postulated. In the first moment this development of technical exteriorization techniques may be perceived as disturbing deviations of human activity just in order to be reintegrated in the concept human technogenesis:

Deviation as externalization:

“The pharmacological nature of technology means both its poisoning and its curative character. It is both poisoning and curing. (...) So, the problem of disadjustment is what was called by Shakespeare ‘the time is out of joint’. What is creating this being out of joint? That is the question. And my answer is: the process of technical exteriorization./ For instance: at this very moment I am exteriorizing myself. Speaking with you, I am exteriorizing myself. And this means: I am technicizing myself. If I talk with you, I create new words [laughter]. A word is also a new technical object. The opposition between technics and speech for me is completely artificial. (...) Now the problem is, what is the gain

of the process of exteriorization for humanity? Is it creating heteronomy or autonomy? (...) If you use the technique of writing for example, not for creating a dependency and heteronomy in the youth of Athens, like the Sophists did who appear in Plato´s dialogues, but on the contrary for taking care of one´s self, for creating the academy, for producing philosophy books, etcetera, then one individuates oneself with these books. (...)" (Stiegler/ Lemmens, 2011)

An important issue arises hereby: have we always been a 'self-forming' being a 'homo formator sui ipsius' (Kipke, 2011), and what are the actual limits and advantages of this claim in relation to self-deviation and an developmental idea of identity, may it be individual, social or cultural? Self -formation can be conceived according to Kipke in relation to personal identity, freedom, moral and pursue of happiness. The knowing and understanding self-relation can be intensified or augmented by self-formation.

Is the scientifically induced "experimentum humanum" (Hermínio Martins 2011) part of man that forms itself on purpose and let's itself be formed by others and by occurring deviations, in the sense of unplanned or non-intentional change? How can a technology be put into perspective relative to the enhancement/deviation it introduces? Who has the authority to judge about the effect/ consequence of remedy/poison of deviation? And then looking from another point of view again: How is the development of our species dependent on the right choice on which kind of change or deviation of normative behavior we are willing to accept? In which sense can we critically assess deviations without simultaneously assuming the interdependence of deviation and enhancement and the technological self-development of human beings? Deviation seems to ask permanently for new description for alternative rules, possible new behaviors, the introduction of new actions, manipulations of the status quo, change of plans, variations of life forms or conducts, in this enhancement can be defined as Grunwald does as an "open process without Telos"(-Grunwald 2013, 203). Thus it is different from normative claims of necessary telos-driven deviations. Deviations in this sense are always possible -however- are not normatively claimed as to be necessary. Thus, when we talk about deviation as enhancement

we have to be sure that we balance between Measures and counter-measures in so called Enhancements:

"Measuring the size of an enhancement is primarily significant in weighing processes if enhancement in one place is offset by deteriorization in another, and balancing is necessary."
(Grunwald, 2013: 203)

For Grunwald, enhancement is understood as "an action that changes particular performance indicators relative to certain starting points" (Grunwald 2013, 204) giving rise to 4 distinctions or types of enhancement or in his way of speak three distinctions from enhancement:

"Healing: The elimination or compensation of an individual's deficits relative to the accepted standards of an average healthy human being as a starting point/ Doping: An increase in an individual's performance potential without there being a deficit in terms of the accepted standards of an average healthy human being and without the individual's performance exceeding what still appears as conceiveably normal, i.e., within the spectrum of usual human performance, weather in sports or normal life. / Enhancement: An increase in performance that goes beyond abilities, that are regarded normally achievable by humans who are healthy, capable, and ready to perform under optimal conditions./ Alteration of the human composition that exceeds increasing the performance of existing functions (Jotterrand 2008), for example by implanting new organs."
(Grunwald 2013, 204).

Hereby, Grunwald separates 'Cure' from 'enhancement' as well as from 'alteration' (that I prefer to call 'radical enhancement' (cf. Agar, 2009) and as such is in need of a debate on the ontology of what is enhanced radically, especially on biomedical moral enhancement and as such might create new ontological distinct beings and realities that are fundamentally different from 'non -enhanced' or 'average' (human) beings.

*

How do we self-deviate with technology?

If we look at recent technologies of the self and self-other relation especially in the mode of immersive interfaces (VR/ Avatar technologies in relation to OBE, body swapping and schizophrenia therapy) we encounter differentiated 'degrees of enhancement'.

*

Should we be enabled to extend our bodily 1P perspectives on the world and others e.g. to switch seeing from my and from your visual position[17] for an technologically „enhanced" visual self-other perspective taking?

*

17. See: the art investigation and Art/ Gender Project "The Machine to be another" by Barcelona-based artists from BeAnother Lab: "Through the use of Oculus Rift headsets, and first-person cameras, the Gender Swap experiment creates a visual-perceptive enhancement that partner A can see what is being recorded by the visor worn by partner B, and vice versa" http://www.themachinetobeanother.org/

Notes on radical enhancement

Radical forms of changing our biological or functional make-up have become under attack not only from bioconservatives or ideological and religiously motivated groups, but as well from a position of bioethics and philosophy of science: Especially ontological issues have to be cleared: Is alteration ontologically still is a type of deviation? Or are we on the grounds of "radical enhancement" of our biological make-up entering other conceptual fields that are distant of mere deviation?

For Nikolas Agar the task of defining Human Enhancement is the following:

"An account of radical human enhancement is in need of an account of human enhancement. It's possible to identify two basic types of what it means to enhance a human being in the philosophical literature. The broadest concept of human enhancement identifies it with improvement".

(Agar, 2014; cf. Buchanan, 2011: 5; Savulescu/Bostrom 2009)

To enhance a human being is to improve him or her, thus he or she will consequently deviate from her former state. Thus Agar´s approach is necessarily normative, in the sense of biological or species norms:

"A concept better suited to expressing the concerns of opponents of human enhancement appeals to human norms. I propose calling it 'enhancement beyond human norms'. According to this account, the modification of a human capacity counts as an enhancement only if it enhances beyond human norms. The norms in question are biological." (Agar, 2014; cf. Boorse, 1975; Daniels, 2000)

Agars influenced conception of Boorse´s biostatistical approach to define human "normal levels of functioning" of enhancement, therefore contrasts 'enhancement' from 'therapy', in the sense of therapy including measures "designed to restore or to preserve normal levels of biological functioning." (Agar, 2014: 18-19)

*

Armin Grunwald recently asked, if we are heading towards an 'enhancement society', thus fostering a theorical perspective shift from an individual approach towards a socio-political approach towards enhancement:

Are we witnessing a historical change from a performance society to an enhancement society with an inherent and infinit spiral of enhancement? Does such a shift include increased self-exploitation and self-instrumentalization? (Grunwald, 2013: 201)

Grunwald doubts "weather the purely individualistic approach to liberal ethics would be able to tell and assess the full story of cognitive enhancement" (Grunwald, 2013: 214) and therefore criticizes the manifesto position of Greely et al in their article in Nature "Towards responsible use of cognitive enhancing drugs by the healthy" (Greely et al., 2008: 705) as either "naïve, because they ignore the fact that individuals are not free but subject to pressure and external forces" (Grunwald, 2013: 214) or that these kind of statements are merely "ideological(...) because they intentionally ignore those pressures and forces" (Grunwald, 2013: 204).

*

What if deviation from the norm in the sense of a 'strive for perfection' becomes normative for society itself?

*

Do we actually need to improve "human performance" to reach out for a better human social or individual living being? Hermínio Martins as well questions in his book Experimentum Humanum (2011) the tendency of ontological transformation - seen as necessary in posthumanist proposals by radical enhancement thinkers (such as Kurzweil, 2005[18] or Nick Bostrom, 2008 among others) in its deficient and eccentric condition, eradicating deficiency from a deficient being is at least extremely paradoxical as Hermínio Martins in an interview of the Portuguese magazine *Nada* lucidly remarks:

"A questão do progresso através da ciência coloca-se em termos muito diferentes. No passado, a ciência avançava, depois a técnica avançava e depois a economia avançava e depois o progresso social avançava, numa sequência lógica, harmoniosa, relativamente harmoniosa, um modelo de perfeição. Mas agora tudo se recoloca. E nas ciências da vida não se postula o bem para o homem, o bem para a sociedade, mas postula-se a transformação da condição humana, das estruturas ontológicas do ser humano. Já não se colocam questões de como satisfazer as carências humanas mas de como transformar o ser que tem carências. Transformar a carencialidade do humano, de facto é extremamente paradoxal (...)." (Martins, s.d.)[19]

If we should actually or soon enough live in a time where- as Igmar Persson and Julian Savulescu put it "the solutions of the mega problems of today, if there is one, lies (...) in moral enhancement of the citizens in democracies" (Persson/ Savulescu, 2012) this would mean we would live in deviant times with certain deviant lives -especially work-lives- in which some are being claimed successful while others are seen as "average" or "normal", but where essentially the postulates holds that "average is over" (Cowen, 2013).

For Cowen the future of mankind in an economic perspective looks like the following:

"There are more rich people and more poor people in our country than ever before. That widening gap means dealing with one big,

18. Kurzweil and his idea of the singularity in which computing powers will supersede the human (brain) capacities humans will "upload their minds" in computers "overcoming biology" (cf. Kurzweil, 2005); for a philosophical sound critique of the idea of "uploading" cf. Schneider, 2009

19. "The question of progress through science arises now in very different terms. In the past, science advanced, after that technology advanced and then the economy would advance and social progress and all would have proceeded in a logical, harmonious sequence, relatively smooth, a model of perfection. But now everything resets. And in the life sciences not wellbeing for Mankind is postulated, or the good for society, but what is postulated is the transformation of the human condition, the ontological structures of the human being. It already is not anymore about the questions of how to satisfy the human deficiencies but how to transform the being that has deficiencies. Transform the deficiency of human being, in fact is extremely paradoxical (...)" (Martins, s.d.: online: http://www.nada.com.pt/?p=artigos&a=va&ida=40&l=pt my translation), cf. Martins (2011)

uncomfortable truth: The middle is growing thinner and thinner (...) It might be called the age of genius machines, and it will be the people who work with them that will rise. One day soon we will look back and see that we produced two nations, a phantastically successful nation, working in the technologically dynamic sectors, and everyone else. Average is over." (Cowen, 2013)

Deviation in this context sounds almost as a pretending promise of 'salvation': 'be fresh, young and different, think out of the box, diverge from the mass and achieve what others are not able to do'. Are we on the way to loose all of the "middle" ground[20] from where it is possible to deviate from?

20. Regarding the loss of the middle ground of society in the sense of "the rich-get-richer dynamic of increasing inequality" (Sollow 2014) of economic wealth by the top 1 % of wage-earners also called "supermanagers" and by inheritance in relation to income earned by work of (average) salaried and independent professionals, cf. the comment of Robert M. Sollow (2014) on Pikettey's book "Capital in the Twenty-First Century"

***

[IV]

In a forth philosophical model of deviation in enhancement, that I like to introduce as a final note, we underline an Ethics of Exercise (Sloterdijk, 2009): Exercising in all its forms- including the way we do philosophy and science (Sloterdijk, 2010)- is based on repetition and necessary deviations from a status quo (transcending activity).

Sloterdijk distinguishes in his ethics of exercising life or life in training in between two types a) exercises of equal degree of difficulty {Erhaltungsübungen}. Hereby the status quo is maintained and the exercise has the function of self-preservation. This type of exercise implies neither 'deviation' nor any type of 'enhancement'. However his second type of life in training is what brings enhancement and deviation to the front:

b) exercises with increasing difficulties, exercises of unfolding {"Entfaltungsübungen"}. Hereby deviation makes part of logic of unfolding and self-development. With Sloterdijk we are located in an imminent turn of anthropotechnics: the hero of Sloterdijks' position of acrobatic ethics of hyperbolic tension and excessive repetition is the 'homo immunologicus' that has to give his life within endangering hazards and excesses; becoming a deviating symbolic animal in which the transition between nature to culture

stands wide open and leads - according to Sloterdijk- over an easily accessible bridge that is the exercising life.

As an ethical human being he characterizes him as the 'Homo repetitivus' and the 'homo artista' or in general the "human being in training" [den Menschen im Training] (Sloterdijk, 2009: 24-25). This human being in training project of Sloterdijk in which this human being in training operates on his thought and at the same time lets itself be operated on, is an anthropologically broadly funded concept of exercise with which -according to Sloterdijk- we get an instrument at hand to bridge the methodologically supposedly impossible to be overcome gap between biological and cultural phenomena of immunity, that is between a) natural processes and b) actions (Sloterdijk 2009, 24).

This in-between-zone between natural processes and culturally/symbolically influenced performative and productive actions forms a region- as Sloterdijk makes explicit- that is rich in forms, as well as it shows itself in between stability and variability and can be described by the conventional concepts for now of 'education', 'practice', 'habit', 'habit formation', 'training' and 'exercise' (cf. Sloterdijk, 2009: 25). In this in-between-zone deviation as enhancement can be seen as augmentation of habitual abilities under the permanent tension of promotion. Deviation in the sense of self-development creates -as if out of its own- 'augmented ability' (cf. Sloterdijk, 2009: 503) in the sense of necessary change and thus becomes an inherent motor of 'exercise', 'excellence', growth and learning.

References

Agar, N. (2009), Humanity's End. Why we should reject Radical Enhancement, Cambridge Mass, MIT Press.

Bergman, M. (2012) "Improving Our Habits: Peirce and Meliorism", in C. de Waal, K.P. Skowronski (eds.). The Normative Thought of Charles S. Peirce, Oxford, Oxford University Press, 125-148.

Bostrom, N. (2008), "Letter from Utopia", Studies in Ethics, Law, and Technology, Vol. 2/1, 1-7.

_, N., Ord, T. (2006), “The Reversal Test: Eliminating Status Quo Bias in Applied Ethics”, Ethics 116, 656-679.

Boorse, C. (1977), “Health as a Theoretical Concept”. Philosophy of Science 44, 542-573.

_ (1997). “A rebuttal on health” in J. Humber, R. Almeder (eds), What is Disease? Totowa, New Jersey, Humana Press.

_ (1975) “On the Distinction between Disease and Illness”, Philosophy and Public Affairs 5, 49-68.

Bruns, G. (1999), Tragic Thoughts at the End of Philosophy: Language, Literature, and Ethical Theory, Evanston, Illinois, Northwestern University Press.

Buchanan, A. (2011), Beyond Humanity. The Ethics of Biomedical Enhancement. Oxford/ New York, OUP.

Cherry, C. (1953),”Some Experiments on the Recognition of Speech with One and with Two Ears”. The Journal of the Accoustical Society of America, 25, 975-979ss.

Cowen, T. (2013), Average is over. Powering America beyond the age of the great stagnation, New York: Dutton.

Daniels, N. (2000), “Normal Functioning and the Treatment- Enhancement Distinction”, Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics 9, 309-322.

Deutsch, J../ Deutsch, D. (1963), “Attention: Some Theoretical Considerations.”, *Psychological Review* 70 (I), 80-90.

Driver, J. (2001), “A selective review of selective attention research of the past century.” Br J Psychol 92, part I, 53-58.

Fernández, E. (2010), “Peircean habits and the life of symbols“, online: http://www.lindahall.org/services/reference/papers/fernandez/Peirce_habits.pdf

Gordijn,B./ Chadwick, R. (eds.) (2008), Medical Enhancement and Posthumanity. Dordrecht, Berlin, Heidelberg and New York, Springer.

Gaché, R. (1998), “Über das Wegsehen. Aufmerksamkeit und Abstraktion bei Kant”, in N. Haas, et al. (eds.), Lichtensteiner Exkurse III Aufmerksamkeit, Eggingen, Edition Isele, 129-159.

Gritten, A. (2011), “Distraction in Polyphonic Gesture”, in A. Gritten & E. King (eds.), New Perspectives on Music and Gesture. Farnham/Burlington, Ashgate, 99-122.

Grunwald, A. (2013). “Are we heading towards an ‘Enhancement Society’?” in E. Hildt/ A. Franke (Eds.) Cognitive Enhancement. An Interdisciplinary Perspective. Dordrecht: Springer, 201-216.

Hildt, E. (2013), ”Cognitive Enhancement- A critical Look at the Recent debate” in E. Hildt/ A. Franke (Eds.). Cognitive Enhancement. An interdisciplinary Perspective (=Trends in Augmentation of Human Performance 1), Dordrecht, Springer Science +Buisness Media, 1-14.

Hoel, A. (2012), “Technics of Thinking”, in Aud Sissel Hoel/ Invild Folkvord (eds.), Ernst Cassirer on Form and Technology. Contemporary readings. Palgrave, London, 65-91.

Hoffmann, M. (2005), Erkenntnisentwicklung, Klostermann, Frankfurt.

_ (2007), “Seeing Problems, Seeing Solutions. Abduction and Diagrammatic Reasoning in a Theory of Scientific Discovery”, in O. Pombo, A. Gerner. (eds.), Abduction and the Process of Scientific Discovery. (= CFCUL, Coleção Documenta 1), Lisboa, Publidisa, 213-236.

_ (2010) ” ’Theoric Transformations’ and a new classification of abductive inferences”, Transactions of the Charles S. Peirce Society, vol.46/4, 570-590.

Hume, D. (1896), A Treatise of Human Nature, Book 1, reprinted from the original Edition in three volumes and edited, with an analytical index, by L.A. Selby- Bigge, M.A ., Oxford, Clarendon Press [1739].

Janata, P et al (2002), “Listening to polyphonic music recruits domain-general attention and working memory circuits”, *Cognitive, affective and Behavioral Neuroscience*, 2, 121-140.

Krämer, S. (2010), „Epistemology of the Line. Reflections on the Diagrammatical Mind“, in O. Pombo, A. Gerner (eds), *Diagrammatology and Diagram Praxis* (=Studies in Logic 24, Logic of Cognitive Systems), London, College Publications, 13-38.

Kipke, R. (2011), Besser werden. Eine ethische Untersuchung zu Selbstformung und Neuro-Enhancement, Paderborn, Mentis.

Kilpinen, E. (2009), “The habitual conception of action and social theory”, Semiotica 173 (1-4), 99-128.

Kurzweil, K. (2005). The Singularity is near. When humans transcend biology, New York, Penguin Books

Lenk, C. (2002), Therapie und Enhancement. Ziele und Grenzen der modernen Medizin, Münsteraner bioethische Schriften B.2, Münster, Lit. Verlag.

Lenk C. (2011), “Enhancement vor dem Hintergrund verschiedener Konzepte von Gesundheit und Krankheit.” in W. Viehhöver, P. Wehling (Eds.). Entgrenzung der Medizin. Von der Heilkunst zur Verbesserung des Menschen, Bielefeld, Transcript, 67-88.

Martins, H. (2011), Experimentum Humanum: Civilização Tecnológica e Condição Humana, Lisboa, Relógio D'Água Editores.

_,H. (s.d.), Em Casa de Hermínio Martins. Entrevista da revista NADA online: http://www.nada.com.pt/?p=artigos&a=va&ida=40&l=pt#topo

Paavola, S. (2006), "Hansonian and Harmanian Abduction as Models of Discovery", International Studies in the Philosophy of Science 20(1), 93-108.

Peirce, C.S. (1976), New Elements of Mathematics, [refered to as NEM], C.Eisele (ed.) I-IV, The Hague, Mouton.

_ (1958). Collected Papers [CP, references given by volume and paragraph numbers], Vol I-VIII, Hartshorne and Weiss; Burks (eds.), London, Thoemmes Press[1931-1958].

_(1998). Essential Peirce. Vol.2, ed. by The Peirce Edition Project, Bloomington, Indiana University Press.

_ (n.d.), Manuscripts at the Houghton Library referred to by Ms. Numbers in the Microfilm edition 1966 The Charles S. Peirce Papers, Microfilm Edition, Thirty Reels with Two Suplementary Reels Later Added, Cambridge, Harvard University Library Photographic Service.

Pietarinnen, A. (2006), Signs of Logic. Peircean Themes on the Philosophy of Language, Games and Communication (= Synthese Library. Studies in Epistemology, Methodology, and Philosophy of Science; Vol. 329), Dordrecht, Springer.

Pigliucci, M. (2008), "Is evolvability evolvable?", Nature Reviews Genetics 9, 75-82.

Rinella, M. (2011), Pharmakon. Plato, Drug Culture and Identity in Ancient Athens, Plymouth, Lenxington Books.

Savulescu, J., Bostrom, N. (2009), "Human Enhancement Ethics. The State of the Debate", in J. Savulescu/ N. Bostrom (eds.). Human Enhancement, New York, Oxford University Press, 1-22.

Schneider, S. (2009). "Future Minds, Transhumanism, Cognitive Enhancement and the Nature of Persons." In: V. Ravitsky, A. Fiester and A. Caplan. (eds). The Penn Center Guide to Bioethics. Springer: New York, 95-110.

Sollow, R. M. (2014). "Thomas Piketty is right. Everything you need to know about 'Capital in the Twienty-First Century'" New Republic, April 22, 2014, online: http://www.newrepublic.com/article/117429/capital-twenty-first-century-thomas-piketty-reviewed

Sloterdijk, P. (2009), Du musst dein Leben ändern. Über Anthropotechnik, Frankfurt, Suhrkamp.

_ (2010), Von Philosophie und Wissenschaft als Übung, Frankfurt, Suhrkamp.

Stiegler, B./ Lemmens, P. (2011), "This System does not produce anymore". An Interview with Bernard Stiegler, Krisis Journal for Philosophy 2011, Issue 1, online: http://www.krisis.eu/content/2011-1/krisis-2011-1-05-lemmens.pdf, 36-37.

Stjernfelt, F. (2014), Natural Prepositions. The Actuality of Peirce's Doctrine of Dicisigns, Docent Press, Boston.

_ (2007), Diagrammatology. An Investigation on the Borderlines of Phenomenology, Ontology, and Semiotics(= Synthese Library. Studies in Epistemology, Methodology, and Philosophy of Science; Vol. 336), Dordrecht, Springer.

United Nations (1966), "International Covenant on Economic, Social and Cultural Rights", online: http://www2.ohchr.org/english/law/pdf/cescr.pdf

World Health Organisation (1948), "Constitution of the World Health Organisation", online: http://www.who.int/governance/eb/who_constitution.pdf

VI. Desvios Históricos

História, origem e desvios. Angra do Heroísmo 30 anos de Património da Humanidade

Antonieta Reis Leite*
CES Universidade de Coimbra
CHAM Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores

* Antonieta Reis Leite (PhD). Investigadora em pós doutoramento com financiamento FCT SFRH/BPD/93497/2013. Projeto intítulado: 10 Vilas de Fundação nos Açores (séc. XVI). Urbanística e ordenamento do território na colonização do atlântico.

Abstract:

In 1980 Angra do Heroísmo, a Portuguese medieval new town in the Azorean Terceira island dating back to the last quarter of the Sixteen century, was almost entirely destroyed by a violent earthquake. About 80% of its buildings fell to the ground and the ones remaining were badly damaged. The death toll stood at 51, although initially there were fears of many more fatalities.

A strong dynamic emerged from this tragedy. Powered by the resilience of the population and by a well-informed regional government, a rebuilding strategy was rapidly imposed. Within four years, and after three UNESCO missions to the island, Angra managed to get the classification of World Heritage, the first urban area in Portugal to achieve that status. In order to regulate the town reconstruction, new and innovative legislation was introduced, and a new municipal department created, charged with the supervision of the project.

These extraordinary circumstances also led to new approaches regarding Angra´s urban history. In part to support the UNESCO candidacy, new studies started to emerge, some authored by architects, others conducted by historians or geographers, but all of them emphasizing the exceptional character of Angra's urban plan - one of the first to be established by the Portuguese in its overseas -, and the need to restore its fabric and its buildings.

To this, one must add the strong sense of collective memory that was vital to rebuilding the town 'as it was'. In fact, one of the

most remarkable aspects of this strategy was how, for the first time in Azorean history, there was no population exodus after a large catastrophe.

30 years have passed since Angra's World Heritage classification and reconstruction. The aim of this paper is to critically reappraise that process.

Resumo:

Passados 30 anos sobre a classificação de Angra (Terceira - Açores) como Património Mundial da Humanidade e 33 sobre o sismo que praticamente a fez desaparecer, vale a pena aproveitar a oportunidade para numa perspetiva construtiva, revisitar alguns dos problemas (desvios?) associados ao processo de reedificação e classificação da cidade, bem como ao processo contínuo de manutenção e salvaguarda.

São obviamente muitas as temáticas associadas a tais processos e de natureza disciplinar diversa. Não podendo abranger toda a questão, esta comunicação propõe debater a relação entre a história urbana, a urbanística e o urbanismo como valores patrimoniais, bem como a vantagem de aprofundar o seu conhecimento para de modo o melhor informado possível se atuar na preservação sustentável deste bem patrimonial na atualidade.

Em Angra a dimensão destes problemas tem sido de algum modo empolada (e por vezes salvaguardada) pela classificação como Património Mundial. Após anos de tendência para a mimetização como estratégia, que não obstante todas os defeitos garantiu, aliada a uma enorme escassez de meios materiais, a manutenção da escala urbana, limitando a densificação desgovernada, passou-se, nos últimos 15 anos para uma intervenção errática, embalada pelo vai e vem de fundos comunitários e pelas modas do planeamento e da arquitetura, sendo difícil prever as consequências para o futuro.

É pois necessário, mais do que nunca, distinguir o que verdadeiramente merece ser valorizado em Angra e para tal integrar no mesmo discurso a sua história urbana, a sua morfogénese e o

desenvolvimento urbanístico, analisando as "invariantes" do seu processo construtivo, que garantiram a coerência formal do conjunto, mas também os "desvios" permitidos ou, numa linguagem mais dirigida tecnicamente, as "dissonâncias" que contribuíram e contribuem para a montagem da sua imagem, nem sempre próxima do planeado.

Comemora-se ao longo deste ano e até Dezembro próximo, os 30 anos da inclusão de Angra na lista de bens classificados pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade.

Angra, fundada na linha da frente da Expansão atlântica, foi a primeira cidade portuguesa a integrar a então restrita lista, dando expressão a um desejo das autoridades culturais açorianas mas também à necessidade de definição de uma estratégia de reconstrução e salvaguarda imposta pela tragédia de 1 de janeiro de 1980, quando um violento sismo deitou por terra 80% (OLIVEIRA,1983) do edificado urbano.[1]

Não é especificamente e em exclusivo da fundação da cidade ou do processo moroso e doloroso de reconstrução da cidade que pretendo tratar, tão pouco do processo negocial e legislativo que conduziu à referida classificação. Mas antes fazer uma leitura abrangente sobre o todo da questão, tendo como fio condutor, não a norma e a "invariante" na sua história de tempo longo, mas antes o desvio ao planeado, os momentos de rutura que sintetizam a sequência historiográfica e evolução morfológica de uma entidade complexa que se entendeu classificar como herança de todos.

Contudo, foi a sua forma urbana extraordinária e todo esse contexto de suporte que catapultou Angra para uma posição primordial no âmbito de qualquer estudo sobre a questão da salvaguarda urbana em Portugal pelo que há que fazer um enquadramento do tema, mesmo que breve, esclarecendo desde logo alguns dos desvios observados.

Desvios que se observam, quer na interpretação histórica (de suporte ao processo de classificação) que resulta mais da emergência do momento, do imponderável da tragédia e da necessidade de respos-

1. Um conjunto extenso de dados pode também ser consultado disperso pelas atas da VI semana de estudos dos Instituto Açoriano de Cultura, intitulada: Problemática da Reconstrução – Sismo de 1 de Janeiro de 1980, 2 vols., Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 1983.

ta, do que de uma interpretação abusiva e assim propositadamente desviada da realidade. Quer os desvios consentidos no presente, no que toca ao aparentemente restritivo plano de salvaguarda.

Logo no primeiro relatório da missão destacada pela UNESCO para avaliar a candidatura, ainda em 1980, a equipa de técnicos sintetiza o que considera ser verdadeiramente relevante em Angra.[2] Refere, em palavras parcas, as circunstâncias urbanísticas, como a sua malha urbana reticulada ou os edifícios destacados, e claro, não esquece de mencionar o recente sismo e o esforço então levado a cabo pelas autoridades locais que empreendiam já obras de recuperação, mencionando até o valioso espólio fotográfico entretanto recolhido.

Mas o que esse primeiro relatório acima de tudo destaca é o valor histórico de Angra como símbolo da herança cultural coletiva de um período tão importante da história mundial, como a Expansão. Valor aliás reforçado nos relatórios seguintes e finalmente compilado no relatório final de 1982, onde é acentuado. De resto os critérios UNESCO escolhidos para a justificação da inclusão de Angra na lista dão disso mesmo conta:

Dans Ie cadre d'une proposition thematique sur 'les explorations maritimes des XVe et XVIe siecles', l'ICOMOS recommande l'inscription d'Angra do Heroísmo sur la liste du Patrimoine Mondial au titre des critères IV et VI.

- critere IV : Ie port d'Angra, escale Obligatoire des flottes de 1 'Afrique et des Indes en plein Ocean Atlantique, est l'exemple eminent d'une creation liee a la fonction maritime, dans Ie cadre des grandes explorations.

- critere VI : comme la tour de Belem et Ie couvent des Hieronymites de Lisbonne, comme Goa, Angra do Heroísmo est directement et materiellement associee a un evenement ayant une signification historique universelle : I' exploration maritime qui permit les échanges entre les grandes civilisaticns de la planète.[3]

Não obstante, ao invés dos anteriores, o relatório de 82 conducente à classificação, acrescenta um parágrafo acerca do potencial valor urbanístico do tecido central de Angra, palavras que em

2. A documentação relativa ao processo de classificação está disponível e ordenada cronologicamente em: whc.unesco.org/en/list/206/documents

3. "Advisory Body Evaluation" in whc.unesco.org/en/list/206/documents

simultâneo deixam antever a importância deste estudo de caso para a história do urbanismo português, mas também, em boa verdade, o pouco que se sabia então sobre a morfogénese e evolução da malha urbana angrense. De resto, à semelhança do pouco que se sabia sobre as outras vilas açorianas, sobre as outras vilas atlânticas, ou seja, o pouco que se sabia sobre a cidade portuguesa[4] da Expansão.

Vale a pena, por isso, analisar essa parte do texto que acabou por moldar o que a partir daí se disse sobre a malha urbana de Angra.[5]

Le site, admirablement choisi par les premiers navigateurs, etait protege des vents dominants par une serie de collines et de nomes; le port comportait deux bassins naturels, celui du Fanal et celui de l' Ancrage (Angra) qui donna son nom au village. Un système défensif inexpugnable fut mis en place dés la fondation avec les grandes forteresses de São Sebastião et de São Filipe (appelée aujourd'hui São João Baptista). Simultanément, l'implantation de la ville se decidait, sur la base d'un tracé original: le plan en damier caractéristique des villes neuves s'infléchit ici pour tenir compte des vents daninants. Angra do Heroismo offre ainsi un exemple peut-être unique d'adaptation d'un modèle urbanistique à des conditions climatiques particulières. On conjecture, non sans vraisemblance, que ce choix fut imposé par les navigateurs et leurs cartographes.[6]

O texto começa por ressaltar a admirável escolha do sítio onde Angra se implantou, para em seguida concluir que tal se deveu à sabedoria dos primeiros navegadores que aportaram no local, admitindo no fim que o traçado regular se deveria ao labor dos cartógrafos que os acompanhariam e que em conjunto com as fortalezas Modernas programadas para a baía sintetizavam um plano original.

Tal visão da cidade, produzida com base nas escassas fontes então disponíveis e buscando a acreditação superior, surge algo efabulada, certo é que acabou por influenciar as narrativas posteriormente elaboradas sem que uma revisão crítica das fontes entretanto trazidas a lume pela historiografia do urbanismo, pela historiografia açoriana, e pela historiografia da Expansão tivesse sido feita, assumindo o que nesse relatório se escreveu como uma fonte de verdades irrefutáveis.

4. Veja-se: Rossa/ Trindade (2006). Artigo reenquadrando com nova amplitude na tese de Trindade (2009) Urbanismo na composição de Portugal, Dissertação de doutoramento na área de História, especialidade de História da Arte, Coimbra, FLUC, 2009 com o título "a construção do conhecimento da cidade medieval portuguesa", tese entretanto publicada em 2012, Veja-se também a listagem bibliográfica reunida e comentada por Teixeira (2008). Enquanto conceito cidade portuguesa foi entretanto revisto, depois de em 2005 Walter Rossa ter reformulado a questão apresentando o tema na perspetiva da construção do conceito, com "A construção da cidade portuguesa", (cf Rossa, 2002: 193-359) que trouxe a debate nas provas de agregação o tema da cadeira leccionada ao curso de doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa dedicada ao tema "a desconstrução da cidade portuguesa". Walter ROSSA, Relatório da disciplina: Construção da Cidade Portuguesa (...); Walter Rossa, desconstrução da cidade portuguesa: urbanização e conceito, unidade curricular do 4º semestre do Programa de Doutoramento

O facto é que Angra se tornou um objeto de estudo mais apetecível após a candidatura a património mundial e não são poucos os trabalhos que integrados em obras de carácter mais abrangente sobre a urbanística e o urbanismo portugueses, ou exclusivamente referentes à cidade dedicam páginas à anunciada originalidade do plano angrense.[7]

Fig. 1 Jacques Nicolas BELLIN (1764), "Porte et ville d'Angra dans L'isle Terceira [Coleção Particular]

É comum ler-se que Angra se "estrutura num desenho renascentista", ou até que Angra é o primeiro plano urbano renascentista português, admitindo a generalidade das interpretações que o seu traçado parte do cruzamento de dois eixos principais, Rua da Sé e Rua Direita, sobre o qual se implantaria desde o início uma praça central. A ortogonalidade do plano dever-se-ia à sucessão de ruas traçadas a partir desses eixos. (Fernandes, 1989; 2008 e Teixeira, 2001)

Em grande medida esta leitura sobre o espaço urbano de Angra assenta na observação do mais antigo retrato que se conhece da cidade, a carta de Linschoten, datada da última década do século XVI. Mas segundo se entende da documentação disponibilizada

Patrimónios de Influência Portuguesa, Coimbra, Centro de Estudos Sociais e Universidade de Coimbra, 2012. (policopiado). A expressão cidade portuguesa foi utilizada pela primeira vez por José Manuel Fernandes (1987: 79-112), contudo de forma mais dirigida ao enquadramento geográfico, como bem expressa o título.

5. Sobre este assunto, ainda que sem incluir a importância historiográfica agora atribuída aos relatórios UNESCO veja-se: Antonieta Reis Leite, Açores Cidade de Território. Quatro vilas estruturantes, Tese de doutoramento na área de Arquitetura, especialidade de Teoria e História da Arquitetura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012 (policopiado).

6. "Advisory Body Evaluation" in whc.unesco.org/en/list/206/documents

7. Efetivamente a partir dos anos 80 do século passado observa-se uma dinamização historiográfica a que não será alheia a criação, na década anterior, da Universidade dos Açores e da Secretaria Regional de Educação e Cultura no contexto da fundação do regime autonómico

pela UNESCO, o primeiro relatório não se fundamentou neste desenho mas sim na carta setecentista de Jaques Nicolas Bellin que acompanhou o documento essencialmente como elemento ilustrativo. [fig.1 e 2]

e do I Governo Regional dos Açores, donde nasceu, nomeadamente, uma profícua política editorial.

Num à parte, note-se aliás como entre o primeiro e último relatório não é apenas a descrição da malha urbana que aparece mais elaborada, como também a área de classificação é revista e ampliada, coincidindo a versão final com todo o espaço urbano desenhado por Linschoten, resultando portanto bastante maior do que o proposto inicialmente que apenas incluía a unidade morfológica reticulada. Bem mais recentemente, em 2004, foi acrescentado ao perímetro classificado uma área de proteção da zona classificada.

Fig. 2 Excerto de: Jan Huygen van LINSCHOTEN (1596) "A Cidade de Angra na Ilha de Iesu Xpo da Terceira Que Esta em 30 Graos ..." [PT-TT-CRT-196]

De volta à imagem produzida pelo holandês Linschoten, quando a cidade contava já mais de um século de história, e que seguramente sustentou o relatório final da UNESCO, veja-se como apresenta uma malha urbana já consolidada, com um traçado viário praticamente coincidente com o atual.

Todavia a verdade é que a cronologia conhecida e factual referente à história da cidade, bem como a própria estruturação interna da malha, aconselha a que se olhe para o todo como produto

de um crescimento faseado, não obstante planeado, mas com o pragmatismo e flexibilidade suficientes para que a malha se adaptasse às funções que progressivamente Angra veio a adotar, permitindo o plano diversos desvios.

Angra, a sua essência urbanística e o seu caracter especial, só podem ser devidamente entendidos se, sem preconceitos, se aceitar analisar o seu tecido urbano, bem como a cultura que o produziu, num quadro de construção histórica e não numa perspetiva de rutura e modernidade forçada.

Fundada como Vila, cerca de 1474, foi escolhida para sede da diocese dos açores em 1534 e elevada a cidade nesse mesmo ano. Entretanto era já casa da Provedoria das Armadas (a força que comboiava a frota da Carreira das Índias na sua aproximação à Europa) desde 1522 e desde os primeiros anos de 500 Alfândega primaz dos Açores era ainda base para o corregedor régio, o que no conjunto atesta a seu enorme potencial estratégico ao longo das várias fases de construção do Império português, mas também a passagem por diferentes estádios de urbanidade, aos quais, obviamente terão correspondido diferentes materialidades e consequentemente diferentes imagens urbanas.

Cai pois por terra a ideia de que Angra foi uma cidade fundada e construída com um propósito único, fechado e inflexível, definido de raiz e do qual teria resultado a sua excecional forma. A experiência de colonização açoriana, de resto à semelhança de toda a Expansão fez-se de avanços e recuos, de incertezas e experimentação e muitos desvios, que deixaram marcas no território. O que não significa, de todo, a ausência de plano, de caminho.

Tudo isto em nada diminui a importância de Angra no contexto do Universo Urbanístico Português. Pelo contrário, foi pelas ilhas atlânticas próximas e também por Angra, que começou a colonização ultramarina, servindo esta como uma das primeiras experiências e assim de exemplo para processos de ocupação futura. Tal como a experiência continental de colonização interna de Portugal medieval terá servido para informar o processo de ocupação das ilhas e a formação dos seus espaços urbanos, numa

lógica de continuidade entre antecedentes e consequentes da cultura do território portuguesa.

É, aliás, de destacar a comprovação da utilização nas ilhas de programas urbanísticos de fundação, semelhantes nos procedimentos aos que a tradição urbanística medieval divulgara também em Portugal continental nos séculos precedentes, mas tal como nos originais continentais sempre diversificados na morfologia final.[8]

8. Sobre os programas urbanísticos de fundação de cidade na Idade Média consulte-se a obra de Luísa Trindade supra citada.

Como se a lógica não bastasse para se esperar que assim fosse, também os resultados da investigação recente, levada a cabo no âmbito do doutoramento o vieram demonstrar, de forma particularmente clara aqui em Angra (mas também noutras vilas açorianas), associando defesa, casario e igreja matriz, tal como dois séculos antes no continente se programava uma povoação nova. (Leite, 2012)

Comprova-se assim, em primeiro lugar, que Angra nasceu desde início dotada de um plano, que esse plano nasce de uma tradição urbanística que, mais do que um modelo inflexível que não aceita desvios, assenta num programa de morfologia adaptativa ao terreno. E que esse modelo permite reconhecer a origem e a matriz cultural da forma urbana pela imposição do referido programa base, garantindo ao mesmo tempo a sua singularidade e autenticidade.

A reconhecida autenticidade que, de resto, trouxe Angra para a linha da frente da historiografia do urbanismo português.

Vale, por isso, a pena olhar com um pouco mais de pormenor para esse plano e descortinar os momentos de mudança, ou desvio, a que correspondem também as suas sucessivas fases de crescimento e transição urbana. E perceber, quase de repente, que o plano "renascentista" aparentemente opaco e inflexível de Angra, revela a sua morfogénese adaptativa, herdada da tradição medieval e que perdurará na cultura do território portuguesa por muitos séculos.

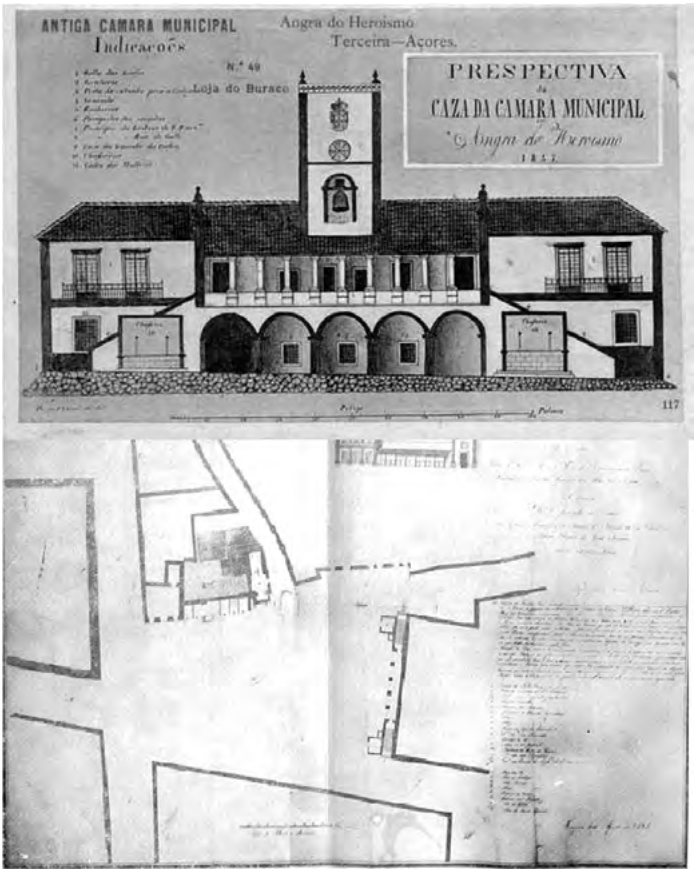


Fig. 3 O edíficio da Câmara e a Praça de Angra, depois de 1610 e antes das obras oitocentistas, em Postal da Loja do Buraco (1849) [Coleção Particular]

Nesse âmbito ressalto, de entre outros, dois momentos maiores de intervenção urbanística. (Leite, 2012) A implantação da Sé na malha já estabilizada (a partir da década de 60 de seiscentos) e a abertura da Praça programada em 1610 (mais de 100 anos depois da fundação de Angra). Momentos e obras marcantes que souberam qualificar e adaptar aos contextos de diferentes épocas o plano. Desvios consentidos e necessários à modernização da cidade, tão bem integrados que à primeira vista (vejam-se os citados relatórios UNESCO) até pareciam parte integrante, desde sempre, desta estrutura urbana.

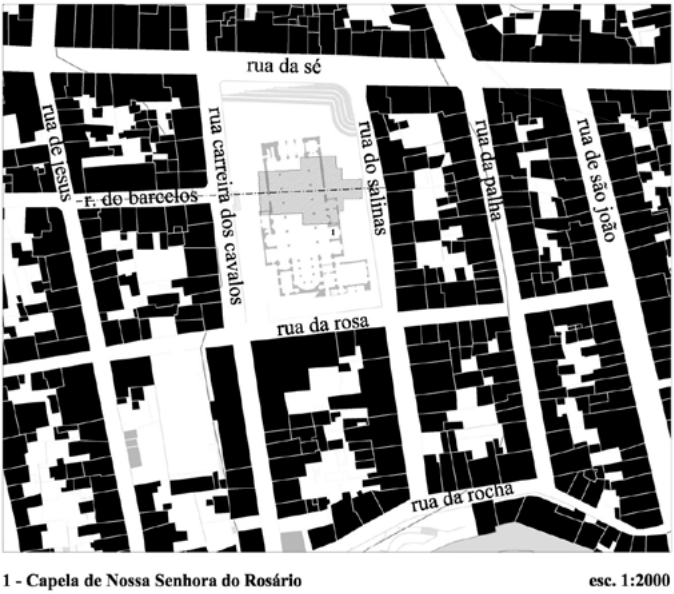


Fig. 4 Hipótese de inserção da desaparecida Igreja de São Salvador. A dimensão e contorno do volume proposto foram desenhados a partir da matriz da Praia. [desenho de A. Reis Leite 2012]

Mas ressalto também outros desvios, mais recentes, datados de um tempo em que a cidade estava já dotada dos instrumentos de planeamento (com força de lei) para a defender e em teoria garante, não da sua estagnação, mas da sua valorização.

Refiro-me em concreto, de entre um conjunto mais vasto de intervenções "dissonantes", à construção da marina (e do seu hotel) e à nova biblioteca. Obras, com um enorme impacto, cuja inclusão acrítica veio transformar de forma profunda e estrutural o plano e a paisagem urbana de Angra.

Não pretendo enveredar pela crítica de arquitetura, e se possível prefiro apenas analisar a influência desviante destas obras no plano urbano que, ao contrário dos projetos de arquitetura, raramente tem autor. É que se a famosa lei da persistência do plano insiste em manter-se passados quase 500 anos de história, o contacto com a realidade sugere ao objeto de construção coletiva

que é a cidade, neste caso classificado como património mundial, uma contínua mutação.

Fig. 3 Vista sobre a marina e hotel ainda em construção [A. Reis Leite 2011]

Fig. 4 Imagem aérea assinalando o lote de implantação do edifício da nova biblioteca [tratamento de imagem aérea de A. Reis Leite 2014]

Serve este conjunto de reflexões para em torno do tema da evolução morfológica de Angra, em torno da questão da salvaguarda do património e de um conjunto sugestivo de imagens históricas e atuais debater temas concretos que merecem ser trazidos à luz e à crítica, nomeadamente:

Como se espera que o plano de Angra se comporte hoje e no futuro?

Que mecanismos (de salvaguarda) existem para controle dos ímpetos políticos e/ou sociais permanentes? Para que servem esses mecanismos? E quem os deve gerir?

É a "arquitetura de autor" compatível com a salvaguarda do plano consolidado, coerente e classificado de Angra?

Em síntese que comportamentos desviantes podem ser autorizados, tendo sempre presente que é sobre a cidade contemporânea que se trabalha (pois o território de hoje foi também o de ontem) mas que é também para ela e para o seu futuro que pode operativamente contribuir a investigação no sentido de efetivamente se conhecer o objeto, para melhor informar futuras intervenções e decisões sobre o património urbanístico que herdámos, escolhendo que desvios devem ser permitidos e de quais se pode e deve avisadamente abdicar.

Bibliografia

Fernandes, José Manuel (1987), "O Lugar da Cidade Portuguesa", Povos e Culturas - A Cidade em Portugal : Onde se Vive, Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa, no2, pp. 79-112.

Fernandes, José Manuel (1989), Angra do Heroísmo, Lisboa, Editorial Presença.

Fernandes, José Manuel (2008), Angra do Heroísmo. Aspectos urbano-arquitectónicos, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.

Leite, Antonieta Reis (2012), Açores Cidade de Território. Quatro vilas estruturantes, Tese de doutoramento na área de Arquitetura, especialidade de Teoria e História da Arquitetura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, (policopiado)

Oliveira, Carlos Sousa, Arcindo Luca, J.H. Correia, Guedes (1992),10 Anos Após o Sismo dos Açores de 1 de Janeiro de 1980, 2 vols, Secretaria Regional da

Habitação e Obras Públicas e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa.

Rossa, Walter (2002) "A cidade portuguesa", A Urbe e o Traço. Uma década de estudos sobre o urbanismo português, Coimbra, Almedina, pp. 193-359.

Rossa, Walter/ Luísa Trindade (2006), "Questões e antecedentes da 'cidade portuguesa': o conhecimento sobre o urbanismo medieval e a sua expressão morfológica", Murphy. Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo, Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, nº1, pp. 70-109.

Rossa, Walter (2012), desconstrução da cidade portuguesa: urbanização e conceito, unidade curricular do 4º semestre do Programa de Doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa, Coimbra, Centro de Estudos Sociais e Universidade de Coimbra,. (policopiado)

Teixeira, Manuel/ Valla, Margarida (2010), O Urbanismo Português - séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil, Lisboa, Livros Horizonte, Lisboa.

Teixeira, Manuel (2008), "O estado da arte da investigação urbana em Portugal. A investigação dos núcleos urbanos de língua portuguesa no mundo", http://revistas.ceurban.com/numero8/artigos/manuelcteixeira.htm, consulado a 06.08.2010.

Trindade, Luísa (2013), urbanismo na composição de Portugal, Coimbra, Imprensa da Universidade.

VI semana de estudos dos Instituto Açoriano de Cultura (1983), Problemática da Reconstrução - Sismo de 1 de Janeiro de 1980, 2 vols., Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo.

www.unesco.org/en/list/206/documents

VII. Cinema e Desvio

O verso e reverso do cinema, a ficção como desvio do real

Isabel Silveira Machado
Universidade de Lisboa · Instituto Politécnico de Lisboa

Resumo:

A realidade do cinema interfere com a nossa percepção do real, e constrói uma realidade própria que pretende dar continuidade ao nosso tempo e ao nosso espaço, instrumentos da nossa percepção do real. Mas na verdade o cinema desvia-nos para um outro tempo e um outro espaço. Qualquer imagem filmada está condenada a ser um desvio do real, uma ficção. Mas essa imagem é também sempre uma revelação do real e uma realidade em si, infinitamente desdobrável.

Palavras-Chave: Imagem, Cinema, Real, Ficção, Desvio

Abstract:

The reality of cinema interferes with our perception of the real, and builds up its own reality that pretends to give continuity to our time and our space, instruments of our perception of the real. But actually cinema detours us to another time and another space. Every filmed image is doomed to be a shift of the real, a fiction. But in fact it is always also a revelation of the real and a reality in itself, endlessly unfoldable.

Keywords: Image, Cinema, Real, Fiction, Detour

(...)
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I—
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.
The Road Not Taken, Robert Frost (1916)

Uma investigação é, como sugeriu Heidegger, um percurso na floresta em que amiúde nos internamos em caminhos menos desbravados, em trilhos menos percorridos, em desvios menos prováveis. A nossa reflexão centra-se nas fronteira entre o documental e o ficcional enquanto géneros de base das artes da imagem em geral e das imagens em movimento em particular, partindo agora da hipótese de a ficção ser um desvio da realidade.

A matéria, para nós, é um conjunto de 'imagens'. E por 'imagem' entendemos uma certa existência que é mais do que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a 'coisa' e a 'representação'.
(Bergson, 1990: 1)

Entendendo a imagem não como uma entidade puramente visual mas como o que está entre o mundo real e a nossa percepção, a imagem cinematográfica é constituída intrinsecamente por representações documentais e por representações ficcionais de forma indissociável.

A distinção habitual entre filmes documentários e filmes de ficção releva de condicionantes históricas em relação a intenções primordiais e a modelos de produção que geram ainda hoje inúmeros equívocos. Habituámo-nos a dividir os filmes entre documentários e ficções para designar ou distinguir géneros que são eminentemente híbridos. As definições que tentam determinar um e outro género não são consensuais, e os limites que os circunscrevem não são definitivos nem incontornáveis. O documentário e a ficção são, em cinema, o verso e o reverso do mesmo, conferindo-lhe identidade e personalidade.

Por verso e reverso não se entende aqui pares antagónicos, nem mesmo complementares. Verso e reverso são intrinsecamente o mesmo não sendo possível entender um sem o outro. Verso e reverso fazem ontologicamente parte de forma indissociável, e é por isso que não podem ser entendidos como um par complementar: o verso pura e simplesmente não existe sem reverso e vice-versa. Como num caleidociclo[1], não há direito e avesso, frente e trás, nem princípio e fim. Ambos, se definem infinitamente como parte complementar do outro mas também como o limite

da sua negação. Verso e reverso giram com um mesmo centro, não como contrapeso gravitacional um do outro mas como potência e acto um do outro. Assim: no cinema não há realidade sem ficção nem ficção sem realidade. Uma imagem puramente documental corresponderia à realidade em si e uma imagem puramente ficcional não poderia coincidir com ela em nenhum ponto. As imagens cinematográficas encontram-se pois no desvio entre uma e a outra.

Não nos referimos a uma identificação pura, em que realidade e ficção se confundem aleatoriamente, mas antes a uma atenção sensitiva e racional aguda e incandescente tendencialmente esquecida ou inconsciente que é imensamente poderosa e que decorre filosoficamente do conceito de cinema enquanto forma audiovisual[2] e psicologicamente do humano enquanto ser em movimento. Um filme documentário e um filme de ficção não são a mesma coisa, mas esta divisão é cada vez mais posta em causa tanto teoricamente como na prática.

O que queremos defender é que além de todos os filmes documentários serem igualmente ficcionados e de os filmes de ficção serem também documentais, este é um problema que se coloca filosoficamente na fronteira entre a realidade e a sua representação mas também empiricamente no interior da própria linguagem cinematográfica.

Trata-se pois de percorrer um caminho em que nos questionamos sobre como as imagens se relacionam com o mundo e como nos relacionamos com elas. Não há documentário sem ficção nem ficção sem documentário. Desde a sua invenção no início do século passado, a imagem fotográfica animada tem levantado esta questão – de forma visual física e também do ponto de vista da sua linguagem, do significado das imagens. As duas entidades estão tão interligadas que mesmo uma eventual ausência de realidade, por exemplo num ecrã negro, é entendida no cinema como uma presença – a do silêncio ou a de quebra de ritmo implícito no movimento.

Qualquer imagem filmada está condenada a ser uma simulação e um artifício da nossa realidade, mas é também uma revelação do real e uma realidade em si. As obras ficcionais podem ser total ou parcialmente baseadas em factos reais, e as obras documentais

1. Um caleidociclo é um círculo tridimensional de tetraedros, numa cadeia simétrica e flexível em que se articulam arestas que servem como charneiras para girar o círculo continuamente pelo seu centro. Com cada rotação a forma muda de aparência até voltar à forma inicial, então o ciclo de transformação pode começar de novo. O nome vem do grego Kálos (belo) + eîdos (forma/essência) + kýklos (ciclo).

2. O 'contraponto audiovisual' é um conceito fundador nas teorias de montagem de Eisenstein, que corresponde à combinação simultânea entre imagens e sons unidos por harmonias e motivos comuns mas também por tensões contrastantes. O contraste do contraponto é mais uma vez um desvio, operado pela montagem, entre imagem e som.

muitas vezes apresentam total ou parcialmente re-encenações históricas, animações e outros dispositivos que não foram captados directamente da realidade. O objecto ou evento filmado, no momento da sua gravação, estava presente e a sua imagem gravada é disso uma prova física, um documento, um memorial. Mas além da sua indexicalidade essa imagem apresenta sempre também inevitavelmente um desvio: uma divergência em relação ao real - condicionante sobre ser uma imagem e não o real em si; um intervalo sobre o tempo - que já não é presente mas memória fixada e futuro projectável, uma perspectiva - de máquina óptica que nos devolve um olhar próprio. Esse desvio configura uma operação que altera o aspecto do mundo e que é eminentemente utópica.

Apesar do aparato cinematográfico estar cada vez mais aperfeiçoado, o cinema reflecte inevitavelmente não apenas a luz e as ondas sonoras reflectidas e emitidas pelo mundo real mas a sua própria presença. Ao posicionar câmaras e microfones está presente sempre uma consciência que olha e que ouve e que co-existe com o que é visto ou ouvido. O cinema é uma arte fenomenológica por excelência, unindo consciência ao mundo.

Robert Bresson, nas suas notas sobre o cinematógrafo apresenta várias observações sobre a escrita e a relação de imagens e sons que problematizam essa consciência e implicam as imagens como reflexão e reflector, acumulador e condutor; a afirmação das margens de indefinição; a intenção de retocar o real com algum real; a criação como projecto de subtracção e ainda a proposta de um novo mundo que nenhuma das artes se permitiu imaginar. Estas observações incluem alguns pontos que questionam directamente a relação do real com a ficção:

A imaginação vai exigir menos dos acontecimentos do que dos sentimentos, enquanto deseja que estes últimos sejam o mais documentais possíveis, (...) Reconhecemos o verdadeiro pela sua eficácia, pelo seu poder (...)A mistura do verdadeiro e do falso gera o falso (...). O falso quando é homogéneo pode gerar verdade (...) Numa mistura de verdadeiro e falso, o verdadeiro acentua o falso, o falso impede a crença no verdadeiro (...) Como esconder de si mesmo que tudo termina num rectângulo de tela branca

pendurado numa parede?(...) Formas que parecem ideias. Considerá-las verdadeiras ideias. (...) O real quando chega à mente já não é real. O nosso olho é demasiado pensativo, demasiado inteligente (...) O verdadeiro é inimitável, o falso é intransformável." (Bresson, 1975)

Considerando que 'o cinema é um fenómeno idealista' e que 'a ideia que o homem faz dele já existia completamente estruturada no cérebro, como no céu platónico' como afirma André Bazin, a ambição da imagem cinematográfica sempre foi a de uma representação total e integral da realidade, que restituísse uma completa ilusão do mundo exterior, uma aproximação realística do movimento da vida, que este autor identificou como 'o mito do cinema total' (Bazin, 1992: 23).

O mito director da invenção do cinema é pois o daquele que domina todas as técnicas da reprodução mecânica da realidade que apareceram no século XIX, desde a fotografia ao fonógrafo. É o do realismo integral, a recriação do mundo à sua imagem, uma imagem na qual não era ponderada a hipótese da liberdade de interpretação do artista nem a irreversibilidade do tempo. Se o cinema ao nascer não teve logo todas as virtudes do cinema total do futuro, foi contra vontade sua e somente porque as suas fadas eram tecnicamente incapazes de lhas conceder, não obstante os seus desejos. (...) Todos os aperfeiçoamentos que o cinema alcança só o aproximam assim paradoxalmente das suas origens. O cinema ainda não está inventado! (Bazin, 1992: 28)

Realidade e ficção são muitas vezes consideradas opostas, identificando-se a primeira com o factual, verdadeiro, fenomenológico e a segunda com o imaginário, 'falso', virtual. O termo documentário é usado para reivindicar narrativas factuais e o termo ficção é aplicado geralmente para designar narrativas imaginárias. Neste contexto, interessa-nos particularmente o território onde a imagem assumidamente documental, que procura aproximar-se transparentemente da "verdade factual" tende para a ficcional e a imagem ficcional tende a ser real ou a adquirir realidade, criando uma ambiguidade que toca por vezes o indecidível.

De que tipo de verdade estamos a falar quando vemos uma imagem de registo documental e de registo ficcional? Onde acaba

o real e começa a imaginação? Onde morre o casual e nasce o intencional? Onde termina o espaço e se inicia a linguagem de quem aponta a câmara? Ou seja, em que medida a presença da câmara obriga a realidade a desviar-se de si mesma? Num filme estamos ainda perante uma montagem, que condiciona inteiramente a nossa percepção do tempo e da realidade, operando em cada corte e em cada justaposição um novo desvio. Perante as novas tecnologias em que tudo é manipulável e digital, que outros desvios são realizados? Como se desdobram as imagens em várias camadas de sentido senão através de infinitos desvios? Qual a fronteira entre uma apresentação pura da realidade e uma representação? No cinema o movimento não é mais que o desvio de fotograma a fotograma [...]

Jean Baudrillard, na sua obra *Simulacros e Simulações* (1981), descreve um tipo específico de relação entre imagem e realidade, ligado às contingências do mundo que apelidamos de pós-moderno. O centro do seu argumento encontra-se na experiência de excesso de imagens com o qual nos deparamos na vida quotidiana:

O real já não tem de ser racional, pois já não se compara com nenhuma instância, ideal ou negativa.(...) Na realidade, já não é o real, pois já não está envolto em nenhum imaginário. (...)*Hoje a abstracção já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: um hiper-real.* (Baudrillard, 1991: 8)

A intenção primordial de Baudrillard é superar as descrições convencionais de 'imagem' e 'reprodução' bem como as consequentes implicações no entendimento sobre o que é o 'real' e o 'irreal', e para isso apresenta dois novos conceitos: simulacro e simulação. A simulação opõe-se à representação porque quebra a equivalência fundamental, ainda que utópica, do signo e do real.

A simulação parte, ao contrário da utopia, do princípio de equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro. (ibidem, p.13)

O simulacro implica um colapso entre as distinções sobre os objectos representados e a representação em si mesma. Não há diferença entre uma experiência "de facto" e a sua representação, ou seja entre a "verdade em si" e a sua "adaptação". Tal como para simular uma doença é necessário contrair os seus sintomas reais também as imagens contaminaram a verdade de tal modo que esta deixou de se distinguir. O simulacro é pois uma imagem sem referente, que remete para si própria instituindo uma relação ilusória com o real. A sua virtualidade intensifica-se incontrolavelmente regendo todas as ligações possíveis. As imagens abrangem tudo construindo um novo ambiente hiper-real.

Quanto mais nos aproximamos da perfeição do simulacro (e isto é verdade para os objectos, mas igualmente para as figuras de arte ou para os modelos de relações sociais ou psicológicas) mais aparece à evidência (...) porque é que todas as coisas escapam à representação, escapam ao seu próprio duplo e à sua semelhança. Em resumo, não existe real. (ibidem, 135-136 ss.)

Esta abrangência das imagens é mais do que uma experiência de imersão total, como procurava Wagner na obra de arte total ou como suspeitava Platão ao descrever a caverna enquanto mundo de projecções que substitui a percepção do mundo em si. Trata-se de um simulação que ao se estender à realidade, se torna também uma relação social entre as pessoas, em que os meios se identificam com os fins, e é portanto uma ideologia que se traduz materialmente nesse movimento de tudo ser imagem, tudo ser alienação, como descreve Guy Debord na *Sociedade do Espectáculo*. Trata-se também de uma utopia que se aproxima desse "mito do cinema total" de André Bazin, uma ilusão ou representação perfeita do mundo que o substitui.

O cinema aproxima-se cada vez mais, e com cada vez mais perfeição, do real absoluto, na sua banalidade, na sua veracidade, na sua evidência nua, no seu aborrecimento e, ao mesmo tempo, na sua presunção, na sua pretensão de ser o real (...). Simultaneamente a esta coincidência absoluta com o real, o cinema aproxima-se também de uma coincidência absoluta consigo próprio - e isto não é contraditório é mesmo a definição de hiper-real. (Baudrillard, idem, 64)

A relação entre o cinema e a realidade inverteu-se pela perda de especificidade de ambos. A diferença de profundidade, ou mesmo a de validez, entre uma experiência de facto e a sua representação mimética deixou de existir, ou seja, de novo, não há diferenciação entre o real e a ficção. O mundo, que poderia ser empiricamente experimentado, é reconsiderado numa ideia de hiper-real, que não se encontra fundada na experiência em si mas numa conjunção activa de imagem, realidade e ideologia.

Se no cinema, como referimos, o movimento não é mais que o desvio de fotograma a fotograma, de imagem em imagem, o próprio mundo hiper-real parece ter uma dinâmica infixável, multiplicando infindavelmente esse desvio.

Com o cinema "é o mundo que se torna a sua própria imagem, e não uma imagem que devém mundo" e no entanto, o cinema também pode ser entendido como "o órgão por aperfeiçoar da nova realidade" (Deleuze, 2004: 84, 19)

Se por um lado André Bazin considera que "O cinema ainda não está inventado" (OpCit p.28) ou seja que apesar de o cinema como imaginação e desejo de representação total e integral da realidade sempre ter existido, a sua verdadeira materialização ou concretização técnica está longe dos seus objectivos ideais; temos por outro lado Gilles Deleuze a afirmar que o cinema reproduz os nossos próprios mecanismos mentais e a defender a possibilidade do cinema não ser "o aparelho aperfeiçoado da mais antiga ilusão, mas pelo contrário, o órgão por aperfeiçoar da nova realidade." (Deleuze, 2004: 19)

A realidade do cinema interfere com a nossa percepção do real, e constrói uma realidade própria que pretende dar continuidade ao nosso tempo e ao nosso espaço - instrumentos da nossa percepção do real - apesar de na verdade nos desviar para um outro tempo e um outro espaço.

Esse tempo e esse espaço desviantes constituem-se como ficções reais ou realidades fictícias às quais não exigimos o predicado da existência para com elas nos relacionarmos, mantendo uma dinâmica efectiva e afectiva.

Bibliografia

Arnheim, Rudolf (1957), *Film as Art*, Berkley-Los Angeles, University of California Press.

Augé, Marc (1998), *A Guerra dos Sonhos: Exercícios de Etnoficção*, trad. Miguel Serras Pereira, Oeiras, Celta Editora.

Aumont, Jacques (2009), *A imagem*, trad. Marcelo Felix, Lisboa, Edições Texto e Grafia.

Barthes, Roland (1970), *L'Empire des Signes*, Genève: Editions d'Art Albert Skira e Paris: Flammarion.

Barthes, Roland (2001), *A Câmara Clara*, trad. Manuela Torres, Lisboa, Edições 70.

Baudrillard, Jean (1991), *Simulacros e Simulação*, trad. Maria João da Costa Pereira, Lisboa, Relógio d'Água [1981].

Bazin, André (1992), *O que é o Cinema?*, trad. Ana Moura, Lisboa, Livros Horizonte.

Bergson, Henri (1990), *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, Trad. Paulo Neves da Silva, Martins Fontes Editora, São Paulo [1896].

Benjamin, Walter (1992), *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, trad. Maria Luz Moita et al., Lisboa, Relógio de Água.

Bragança de Miranda, José A. (2012), *Corpo e Imagem*, Lisboa, Nova Vega.

Bresson, Robert (1975), *Notes sur le Cinématographe*, Paris, Gallimard.

Cavell, Stanley (2006), *Philosophy: The day after tomorrow*, Cambridge & London, Belkamp Harvard University Press.

Chion, Michel (2010), *Un Art Sonore, le Cinéma*, Paris, Cahiers du Cinéma - Histoire, Esthétique, Poétique.

Debord, Guy (1991), *A Sociedade do Espectáculo*, trad. Francisco Alves e Afonso Monteiro, Lisboa, Mobilis in Mobile.

Deleuze, Gilles (1983), *Cinema 1, L'Image Mouvement; Cinema 2, L'Image Temps* Paris, Les Éditions de Minuit.

Didi-Huberman, Georges (1990), *Devant l'image*, Paris, Les Éditions de Minuit.

Foster, Hal (1996) *The Return of the Real: the avant-garde at the end of the century*, Cambridge/London, The MIT Press.

Kracauer, Siegfried (1974), *Theorie of Film: The Redemption of Physical Reality*, Londres, Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press.

Levy, Pierre (1995), *Qu'est-ce que le virtuel?*, Paris, Éditions la Découverte.

Mendes, João Maria (2001), *Por quê Tantas Histórias: o Lugar do Ficcional na Aventura Humana*, Coimbra, Edições Minerva.

Morin, Edgar (1980), *O Cinema ou O Homem Imaginário*, trad. António Pedro Vasconcelos, Lisboa, Moraes Editores.

Rancière, Jacques (2011), *O Destino das Imagens*, trad. Luís Lima, Lisboa, Orfeu Negro.

Rancière, Jacques (2012), *Os Intervalos do Cinema*, trad. Luís Lima, Lisboa, Orfeu Negro.

Schefer, J. L (1980), *L'Homme Ordinaire du Cinéma*, Paris, Éditions Gallimard.

Sontag, Susan (2012), *Ensaios sobre Fotografia*, trad. José Afonso Furtado, Lisboa, Quetzal Editores.

Vernant, Jean-Pierre (1990), *"Figuration et Image" in Mèties: Anthropologie des mondes grecs anciens*, vol.5, n.º1-2.

Watzlavick, Paul (1991), *A Realidade é Real?*, trad. Maria Vasconcelos Moreira, Lisboa, Relógio d'Água.

Žižek, Slavoj (2006), *Bem-Vindo ao Deserto do Real*, trad. Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Lisboa, Relógio d'Água.

O desvio trágico das heroínas dos filmes de João Canijo

Liliana Rosa
IFILNOVA, Universidade Nova de Lisboa

Resumo

A reflexão sobre o tema do desvio necessita de uma abordagem a um dos aspectos que o podem caracterizar, o aspecto trágico. Desta forma, o artigo centra-se nos conceitos de trágico e tragédia. Para além de assim podermos melhor compreender os temas desvio e desvio trágico, este artigo pretende estabelecer uma relação entre estes temas e as heroínas dos filmes de João Canijo: Ganhar a Vida e Noite Escura.

Palavras-chave: desvio, trágico, tragédia, destino, João Canijo

Abstract

To think about deviation needs an approach to one of its possible aspects, the tragic aspect. The article focuses on concepts such as tragic and tragedy. To better understand the issues deviation and tragic deviation, this article proposes to establish a relationship between those issues and the heroines of João Canijo's movies: Ganhar a Vida and Noite Escura.

Keywords: deviation, tragic, tragedy, destiny, João Canijo

O estudo sobre a tragédia e o trágico não é recente, mas a sua influência reflecte-se ainda no pensamento e no comportamento do homem, nomeadamente a tragédia grega da época clássica, pois continua a ser uma fonte de inspiração para as pesquisas, reflexões e práticas artísticas contemporâneas, das quais destaco o cinema. Embora a tragédia contribua para a construção de um imaginário cinematográfico português, a adaptação e articulação da tragédia à contemporaneidade não é realizada de forma literal, sobretudo por causa das grandes diferenças que separam a antiga Grécia e a realidade portuguesa actual.

Em traços gerais, o artigo tem como principais objectivos: aprofundar os conceitos desvio, trágico e tragédia; estabelecer uma relação entre esses conceitos e os filmes do realizador João Canijo; relacionar a ideia do desvio trágico com os destinos das heroínas [nomeadamente Cidália em Ganhar a Vida (2000) e Sónia em Noite Escura (2004)]. Para tal, o estudo divide-se em quatro partes principais: [a] Desvio entre a tragédia grega e a tragédia contemporânea; [b] Desvio entre a tragédia grega e os filmes de João Canijo; [c] A revelação do trágico a partir da leitura dos filmes de João Canijo; [d] Desvio trágico das heroínas Cidália em Ganhar a Vida (2000) e Sónia em Noite Escura (2004)

Desvio entre a tragédia grega e a tragédia contemporânea

No seu estudo Pensar o Trágico, José Pedro Serra chama a atenção para a dificuldade de se tentar definir os conceitos de tragédia e de trágico, por causa da enorme pluralidade de definições que têm sido elaboradas em torno dos conceitos, ao longo dos séculos. Na opinião do autor, aceitar a tragédia equivale aceitar toda uma herança cultural repleta de propostas que procuram, de alguma forma, delimitar o contorno da tragédia. Assim, na sua investigação, o autor desvia-se da questão o que é a tragédia ou o que é o trágico da tragédia? para como se revela a tragédia? (Serra, 2006: 39ss.) O autor também salienta o carácter flutuante da noção de tragédia que, ao ser utilizado nos mais diversos contextos, conduz-nos "(...) a concepções de tragédia e de trágico completamente diferentes e até antagónicas entre si." (ibid.,: 26ss.)

No entanto, autores como Eduardo Lourenço insistem na tentativa de definição dos conceitos do trágico e da tragédia, chegando mesmo a contestar o facto de se confundir os conceitos e a evidenciar as diferenças entre eles, ou seja, entre o ser e a sua expressão:

"O Trágico enquanto ser é o que escapa à 'compreensão', à variabilidade humana, é o domínio dos deuses, quer dizer, de *outra-coisa-que-o-homem*. Mas o Trágico enquanto apreendido, expresso (e é isto antes de tudo a Tragédia Grega) é por natureza des-tragificação". (Lourenço, 1964)

Segundo Lourenço, a tragédia é a obra de arte que, por um lado, expressa o trágico e, por outro, suprime o mesmo. Segundo o autor, o trágico tem o centro na exterioridade e parte dessa exterioridade para o núcleo primordial, a Linguagem. É na Linguagem, ou seja, no lugar que privilegia a ordem do mundo, que o caos dessa exterioridade é percepcionado e apenas resgatado através de um sacrifício que nos mostra, sem complexos, a inevitável impotência humana. Assim, a tragédia é o modo de revelação, de recriação do trágico ou "Recriação de destinos trágicos sem dúvida, recriação através da qual a comunhão no mistério inicial, no trágico original inexpressivo, é sempre possível, mas cada vez mais sob o modo anti-trágico por excelência (...)" (ibid.). O autor arrisca afirmar que o percurso histórico da tragédia foi, de certa forma, a redução da sua própria fonte de inspiração, o trágico, e que "(...) os Gregos não foram um povo trágico mas o primeiro dos povos nossos conhecidos que o não foi" (ibid.).

Independentemente da anti-tragicidade da tragédia, esta continua a ser uma fonte de ensinamento e de reflexão sobre um lado bárbaro do ser humano que escapa à nossa própria compreensão (ibid.). Nesse sentido, Paulo Filipe Monteiro afirma "Se a tragédia é memória daquilo que, não sendo a coisa em si, é pelo menos um assalto à harmonia, à pacificação que dominantemente atravessa a história da arte (...)" (Monteiro, 2010: 348ss.). Também Giorgio Ieranò entende que "O homem arcaico continua a viver dentro de nós. O mito antigo habita uma dimensão que permanece sempre presente, possui um lugar que coincide com a nossa íntima e inextirpável dimensão arcaica." (Ieranò, 2005: 119ss.) Por tudo isto, o pensamento trágico, longe de ser extinto, transporta em si toda a actualidade do medo, do horror, da angústia dos desvios com os quais o homem se debate. O Renascimento e o Romantismo são apenas dois exemplos de épocas trágicas [porque são intensamente marcadas pelo pensamento trágico] de grande importância, na medida em que lançam as bases para um entendimento do trágico actual (Argullol, 2009: 14ss.). Visto isto, podemos levantar a seguinte questão: como se desvia o trágico/tragédia contemporânea da antiga tragédia grega?

Na tentativa de entender o trágico e a tragédia, George Steiner eleva a dimensão da tragédia ao absoluto, chegando a alegar a

inexistência da tragédia depois de Shakespeare "A tragédia absoluta é muito rara. (...) No absolutamente trágico, o crime do homem é ser, é existir." (Steiner apud Monteiro, 2010: 348ss.). Em contrapartida, Rafael Argullol considera que "Shakespeare é unicamente a ultima cena do primeiro acto da moderna 'tragédia do Eu'. (Uma 'tragédia' em que o segundo acto é o Romantismo e em que o terceiro acto - ou talvez o desenlace? - é representado por Nietzsche, Kierkegaard, Kafka, Joyce, Beckett...)" (Argullol, 2009: 22ss.). É com base nas perspectivas de alguns destes autores e na análise de um corpus poético que Argullol propõe um mergulho ao mundo conceptual do romantismo pois considera que "(...) no mundo moderno o trágico-heróico vai dando lugar ao trágico-absurdo." (ibid.,: 272ss.) e que o pensamento romântico ao dar-se conta deste desvio, está na base do pensamento trágico contemporâneo. Entre os autores referenciados por Argullol, Nietzsche foi um dos que mais profundamente alicerçou essa "tragédia do Eu". Segundo Argullol, o próprio Nietzsche encontra-se na charneira, no centro da contradição que caracteriza o artista romântico.

"Enquanto o herói clássico, e mais ainda o herói renascentista -shakespeariano, se move em coordenadas - ideias, fins, acções, adversidades - que fazem com que possa conciliar em si próprio - conciliação trágica - o antagonismo entre o seu tenaz *pathos* e o Destino, o herói romântico sente a disformidade do mundo que o rodeia. Um mundo onde ideais, fins, situações e, inclusive, adversidades, não têm perfis definidos; um mundo onde o herói não se sente guiado pelo apelo de uma vigorosa moral colectiva nem impelido a grandes objectivos prometeicos. Em suma, um mundo no qual o relativismo dos valores não só condena o herói a uma solidão sem rumo, como também o afasta de toda a possibilidade de conciliação trágica. O titanismo da razão romântica contém precisamente a vontade de fazer frente a este relativismo, através da construção de uma identidade subjectiva que seja o vigoroso fruto da contradição trágica. Não podendo avaliar o seu comportamento pelo procedimento moral de um mundo que julga despojado dele, o romântico submete toda a escala de valores ao seu jogo individual de gozo e sofrimento". (ibid.,: 272-3ss.)

Neste sentido, Paulo Filipe Monteiro conclui

"A expressão mais intensa do trágico contemporâneo melhor se encontra, talvez, no desespero, no vazio, na ausência de sentido e no absurdo, nesse sentimento que um nada consome tudo, um tudo que não é mais que um outro nada" (Monteiro, 2010: 350ss.).

Desvio entre tragédia grega e os filmes de João Canijo

Como já foi referido anteriormente, os filmes Ganhar a Vida e Noite Escura do realizador João Canijo resultam da adaptação e articulação das antigas tragédias gregas com a realidade portuguesa. O filme Ganhar a Vida resulta da adaptação da tragédia "Antígona", de Sófocles. Noite Escura resulta da adaptação das tragédias "Ifigénia em Áulis", de Eurípides; "Agamémnon", primeira peça de "Oresteia", de Ésquilo.

Com base no que foi dito até aqui, em que sentido a noção do trágico/tragédia é desviado nos filmes de Canijo em relação às tragédias gregas? Em Ganhar a Vida, podemos afirmar que Canijo mantém a estrutura narrativa essencial da tragédia, no entanto constrói todo um imaginário cinematográfico que acaba por se desviar do mito de Antígona: desviamo-nos de Tebas para uma comunidade portuguesa de emigrantes que vive nos subúrbios de Paris; desviamo-nos de uma família aristocrática amaldiçoada pelo passado de Jocasta e Édipo para uma família comum, também ela amaldiçoada, mas pelo próprio contexto social que a envolve.

Dentro do próprio mito de Antígona existe um enorme desvio por parte de Antígona face à lei, à norma estabelecida por Creonte. Ao executar o cerimonial de enterro do irmão, Antígona contraria não só a ordem estabelecida pelo tio, como também estabelece a sua própria lei. Como uma metamorfose da personagem principal do mito, surge Cidália: "A mulher metamorfoseada em combatente da justiça como uma assombração de Antígona (...)" (Canijo, 2001). Em relação às adaptações da tragédia, Walter Benjamin debruça-se sobre o conceito drama trágico, para diferenciar a tragédia clássica e as suas adaptações posteriores. A propósito da distinção entre a tragédia e o drama trágico, Benjamin aponta a repetição como um dos principais argumentos utilizados para delimitar essa diferença, porque em função da repetição, não

apenas a culpa e a grandeza da tragédia grega deixam de ser prioridade para o drama trágico (Benjamin, 2004: 268ss.), como também o drama trágico torna-se um fantasma do que a tragédia imortalizou.

Assim como Antígona, também Cidália entende a existência de valores universais, que não podem ser submetidos a leis tirânicas e conservadoras e, por isso, decide enfrentar o poder estabelecido, tanto pela autoridade francesa como pela comunidade portuguesa. Assim como Antígona, Cidália é punida pelas consequências práticas do seu acto em si, resultantes da sua vontade individual, não só pela ordem, pela lei social imposta pelo local de acolhimento, como também pela lei imposta pela própria comunidade 'a lei do silêncio e da não-participação' (Canijo apud Lisboa).

Tal como o mito de Antígona é uma fonte de inspiração pelas suas problemáticas ligadas ao tema da justiça, também o mito de Ifigénia em Áulis é igualmente uma fonte de inspiração, sobretudo pelo seu tema do sacrifício. Noite Escura adapta o mito de Ifigénia à realidade da prostituição provinciana do interior de Portugal. De uma família aristocrática em Áulis desviamo-nos para uma família vulgar proprietária de uma casa de alterne, algures no interior de Portugal; em vez de serem os deuses, nomeadamente a deusa Ártemis que pede o sacrifício, é Vladimir, chefe da Máfia russa que pede a Nelson o sacrifício da sua filha mais nova (Ferreira, 2007: 236ss.).

No seu estudo sobre a tragédia grega, Gronningen determinou a representação de três mundos principais, com os quais o antigo homem grego entrava em conflito: o mundo que o rodeia "(...) o homem é oprimido pelo mundo que o cerca, ou seja, pelos seus semelhantes, pelo meio, pelas circunstâncias (...)" (Gronningen, 1957: 61ss.); o mundo da sua própria alma "(...) pelo que se agita no seu foro íntimo, as suas convicções, ilusões, emoções e paixões (...)" (ibid.,: 61ss.); o mundo acima dele "(...) por um poder sobrehumano que se opõe às suas vontades e decide contra os seus desejos" (ibid.,: 61ss.). Contudo, Benjamin considera que "A marca identificativa da tragédia não está, pois, num 'conflito de níveis' entre o herói e o mundo circundante, (...), mas sim a

forma única, grega, de tais conflitos" (Benjamin, 2004: 108ss.) e deve ser encontrada no tema do sacrifício. Este difere no seu objecto (o herói) quando é tratado pelo drama trágico. As ideias posteriores acerca do sacrifício anulam o sentido do sacrifício expiatório, que resultava de uma crença nos deuses e dão origem ao sentido de uma acção que é o resultado da própria vida do herói e que acaba por destruí-lo (ibid.,: 108ss.). Ou seja, perante os deuses, o antigo herói trágico grego não procurava justificar-se ou entrar em desacordo, na medida em que a realidade exterior era decretada por seres superiores (ibid.,: 108ss.). No drama trágico a realidade é decretada pela acção e pela vontade individual do herói, a qual já não está dependente das directrizes divinas. O homem, o herói, o 'eu' reinvindicou para si o último valor do sagrado mas, ao centrar em si tal responsabilidade, apercebeu-se da sua enorme fragilidade: estar entregue a si mesmo.

Visto isto, podemos constatar um grande desvio face às leis divinas da tragédia clássica, na medida em que são as leis dos homens que imperam na actualidade, como também face às próprias famílias que protagonizam as narrativas. A propósito da tragédia, José Pedro Serra afirma que esta assenta em dois núcleos fundamentais, no estilo nobre e trágico e na vicissitude da sorte ou, segundo as palavras do autor, na "passagem da dita para a desdita" (Serra, 2006: 32ss.). Contudo, ao adaptar e articular as tragédias com a realidade portuguesa e ao substituir as antigas famílias nobres por famílias problemáticas e em situações-limite, João Canijo desvia a tragédia desse "estilo-nobre". É na ideia de um Portugal "profundo" que os filmes de Canijo esboçam os contornos de um (possível) pensamento trágico contemporâneo. Um Portugal onde o arcaico continua o seu percurso revestido pelo trauma, pelo medo e pela sede de vingança.

A revelação do trágico a partir da leitura dos filmes de João Canijo

Como se revela o carácter trágico contemporâneo a partir de uma leitura dos filmes de Canijo? A partir de uma leitura das imagens, podemos salientar algumas particularidades do cinema do realizador, entre elas, a utilização da câmara à mão e a iluminação, sobretudo nas cenas nocturnas. Através da câmara à mão, o realizador visa tornar a imagem mais imperfeita ou quase

amadora e através da iluminação, nomeadamente o cromatismo (vermelhos, azuis, etc.) da iluminação das cenas nocturnas, tenta tornar as imagens mais excessivas e dramáticas. A propósito da iluminação artificial Marcel Martin (2005: 73ss.) afirma que a "(...) utilização brutal da luz contribui fortemente para criar a impressão de um mal-estar asfixiante que domina o drama" e esta forma de iluminação participa "(...) directamente na violência da acção através de uma brutalização dos seres e das coisas (...)" (ibid.,: 74ss.). Assim, o carácter simbólico e fatalista dos filmes do realizador extraem-se, num primeiro momento, pelo enorme contraste entre as cores vivas das luzes artificiais e a obscuridade criando, desta forma, grande parte da atmosfera das cenas nocturnas. Ainda a propósito da iluminação, o carácter simbólico e fatalista dos filmes promovido pelas cenas nocturnas é reforçado pela obscuridade e pelo "cinzentismo" das cenas diurnas. Por exemplo, em Ganhar a Vida, o espaço suburbano é representado como um espaço ao qual está associado a "falta de luz". A associação da "falta de luz" às cidades não é recente, mas parece ainda permanecer na representação cinematográfica, sobretudo, dos espaços suburbanos. Estes espaços caracterizam-se por serem o alvo do deslocamento da indústria e das residências da população pobre (Neumann, 1999). Neste sentido, tem sido recorrente no cinema, a utilização dos espaços suburbanos como forma metafórica, como o território dos oprimidos (ibid). No que diz respeito ao filme, a forma de captar os subúrbios onde está estabelecida a comunidade, através de espaços muitos fechados e pouco iluminados, pode gizar uma metáfora do fechamento da própria comunidade em si mesma.

Em Noite Escura, as luzes néon do espaço do bar de alterne tornam ainda mais excessiva a iluminação artificial do interior do bar, onde se desenrola grande parte da acção. Ao contrário de Ganhar a Vida, não existem imagens de cenas diurnas no filme Noite Escura. Toda a acção decorre durante a noite [a mesma noite] e no mesmo espaço, ora no interior ora exterior do bar. Em Noite Escura tudo parece ser excessivo [excesso de cor e brilho, excesso de rostos e corpos] e fragmentado [imagens de fragmentos de corpos e rostos delimitados pelo enquadramento dos planos]. Porém, não são só os rostos e os corpos que se revelam por partes, mas também a mise-en-scène. Através dos travellings o

espectador deixa-se guiar pelo deambular da câmara que estanca ora nos olhares, partes de corpos ou superfícies indefinidas, ora deles se desvia. O enquadramento dos planos e a montagem do filme revelam um jogo onde, afinal, tudo é vigiado e controlado. Noite Escura quebra a ilusão e a liberdade transgressora que o mundo do alterne encena. As personagens expiam-se e todos os movimentos são controlados. A propósito do filme, Sara Campino afirma:

"Tudo se comprime no mundo fechado e marginal do alterne, onde se vende a ilusão vigiada do prazer e da transgressão. Por isso, as regras de quem controla este jogo são sempre explicitadas, não sendo tolerada qualquer inversão de papéis. A resistência a esta opressão opera-se sobretudo através das palavras, quando ameaçam gestos libertadores, que são sumariamente aniquilados após qualquer tentativa de concretização. Quem se alonga em discursos são, por isso, as vítimas, dispensando o modo de elevação das famílias da realeza do imaginário clássico". (Campino)

Desvio trágico das heroínas Cidália em Ganhar a Vida (2000) e Sónia em Noite Escura (2004)

O desvio faz parte da jornada do homem ao longo da sua vida: surpreende-o, confronta-o, abala-o, obriga-o a tomar decisões, desvia-o da zona de conforto. O desvio acompanha o homem ora com serenidade, ora com impetuosidade. O desvio recorda o homem da organicidade da vida e da inevitabilidade da morte. É neste sentido que talvez nos seja permitido relacionar os conceitos do desvio e do trágico, podendo o 'desvio trágico' caracterizar esse desvio irremediável, decisivo e desastroso no destino do herói. Nesse desvio trágico, o herói abandona a prudência (Miranda, 2008: 103ss.) e deixa-se levar pelas circunstâncias, pelos próprios impulsos e por uma racionalidade que só a ele parece fazer sentido, chegando muitas vezes, a pagar com a morte a sua própria individualidade (Benjamin, 2004: 141ss.). Neste sentido, Benjamin afirma "Se o herói trágico, na sua 'imortalidade', não salva a vida, mas apenas o nome, as personagens do drama trágico pagam com a morte apenas a sua individualidade nominal (...)" (ibid.,: 141ss.).

Nos destinos de Cidália [Ganhar a Vida] e Sónia [Noite Escura], o desvio converte-se, não só num estrago irreparável que lhes bloqueia a normal continuidade das suas vidas e as lança num profundo sofrimento, como também numa absoluta mudança. Na opinião de Paulo Filipe Monteiro, a tragédia assenta numa "(...) sequência inevitável de acontecimentos que levam à catástrofe (...)" (Monteiro, 2010: 354ss.) e num "(...) destino que se cumpre em função do que as personagens fizeram, e nem mesmo uma nova acção das personagens o pode mudar (...)" (ibid.,: 354ss). Por isso, embora Cidália assuma o espírito titânico de tentar alterar o destino, porque propõe um desvio, uma abertura, uma alteração no quotidiano das personagens que a rodeiam, esse desvio não passa de uma proposta de alteração de um quotidiano que insiste em permanecer intacto e a proposta de abertura é um esboço apenas com impacto na interioridade da própria personagem. Uma comunidade portuguesa mais interventiva é uma crença apenas de Cidália e só pontualmente aspirada por uma ou outra personagem secundária [Ivete quando reclama a urgência de actuação por parte da comunidade].

As dimensões "heróicas" e "excepcionais" [se existirem] destas heroínas são minimizadas no decorrer da acção, na medida que são confrontadas com a verdade e com a impossibilidade de alterarem o rumo dos acontecimentos. Da relação que se estabelece entre as personagens e a mise-en-scène podem ser gizadas sensações de clausura, fechamento e aparência, mas também alguns traços de coragem e de esperança. Em Noite Escura, destaca-se a cena em que Sónia tira o fio do pescoço do cadáver da prostituta [Irka] e o coloca no seu próprio pescoço. Através desta cena, Sónia abandona a antiga ilusão de uma futura carreira de cantora de sucesso em Espanha e aceita o inevitável destino para o qual foi lançada pelo próprio pai, a prostituição. Em Ganhar a Vida, destaca-se a sequência do protesto de rua liderado por Cidália e, mais especificamente, o movimento de Alda que se esgueira da retaguarda do grupo de protestantes para a fila da frente, para o lado da protagonista. Se por um lado, o destino é aceite por Sónia é, por outro lado, contestado por Cidália. Segundo Serra "(...) o conflito trágico dá-se a conhecer de dupla maneira, ora apresentado-se sob a forma de um dilema, ora sob a forma de embate que ameaça destruir os que nele estão envolvidos" (Serra, 2006:

199ss.). Nos filmes de Canijo, podemos observar esse embate não só entre os destinos das personagens, como também entre os destinos das personagens e o destino do próprio país. Portugal é denunciado pela sua claustrofobia e pela sua impossibilidade de futuro.

Para concluir, e voltando à personagem trágica "(...) ele percebe a complexidade dos acontecimentos, é afectado por eles, torna-se um ser qualitativamente diferente e retira daí todas as consequências" (Monteiro, 2010: 355ss.). Também como Baraban afirma, se o herói é o único porque está abandonado a si mesmo, sozinho nas suas memórias, sonhos e sofrimentos (Baraban, 2007: 524ss.), Cidália toma consciência da sua própria finitude e do acontecimento trágico [a morte do filho] como algo profundamente pessoal e que só a ela lhe diz respeito. Cidália faz situar o homem/mulher na sua própria solidão e caducidade quando é confrontada com o desmoronamento da crença na unidade e na emancipação colectiva e quando se apercebe da contradição dos elementos da comunidade [Alda omite até ao ultimo momento a prova de que o assassino do filho de Cidália é um elemento da própria comunidade]. No entanto, a vergonha que ela começa a sentir dessa comunidade não será o desvio necessário que a conduz a uma ordem possível?

Agradecimentos

Agradeço a todos os intervenientes do Mateus DOC VII pelo estimulante debate em torno do tema do desvio e ao Instituto Internacional Casa de Mateus pelo apoio à participação neste seminário.

Um agradecimento especial ao Alexander Gerner, pelas preciosas sugestões para o desenvolvimento do artigo.

Agradeço também à FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, pelo apoio financeiro, imprescindível para a concretização desta investigação.

Bibliografia

Argullol, Rafael (2009), O Herói e o Único, Lisboa, Nova Veja.

Baraban, Elena (2007), "The Fate of a Man" by Sergei Bondarchuck and the Soviet Cinema of Trauma, in The Slavic and East European Journal, Vol. 51, No. 3 (Fall, 2007) (American Association of Teachers of Slavic and East European Languages), pp. 514-534.

Benjamin, Walter (2004), Origem do Drama Trágico Alemão, Lisboa, Assírio & Alvim.

Campino, Sara, (http://decadadoszeros.blogspot.pt/search/label/Noite%20Escura)

Canijo, João (2001), "Nota de Intenções". (http://www.madragoafilmes.pt/ganharavida/indexport.html)

Ferreira, Carolin Overhoff (2007), "Noite Escura", in O Cinema Português através dos seus filmes, Porto, Campo das Letras.

Gronningen, B. A. (1957), "A Tragédia Grega e a dor humana", Coimbra, in Humanitas.

Ieranò, Giorgio (2005), "Observações sobre o mito de Medeia no século XX", in Mito Clássico no Imaginário Ocidental, Coimbra, Ariadne Editora, Lda.

Levinas, Emmanuel (2008), Totalidade e Infinito, Coimbra, Edições 70.

Lisboa, Marta (s/d), "Entrevista a João Canijo". (http://madragoafilmes.pt/ganharavida/indexport.html)

Lourenço, Eduardo (1964), "Do trágico e da tragédia", in O Tempo e o Modo - Antologia, nº 19, Fundação Calouste Gulbenkian (c) Centro Nacional de Cultura / Fundação Calouste Gulbenkian.

Martin, Marcel (2005), A Linguagem Cinematográfica, Lisboa, Dinalivro.

Miranda, J. A. Bragança de (2008), Corpo e Imagem, Lisboa, Nova Veja.

Monteiro, Paulo Filipe (2010), Drama e Comunicação, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Neumann, D. (1999), Antes e depois de Metropolis: o cinema e a arquitectura em busca da cidade moderna in Cinema e Arquitectura, Lisboa, Cinemateca Portuguesa Museu do Cinema.

Nietzsche, Frederico (2004), A Origem da Tragédia, Lisboa, Guimarães Editores.

Serra, José Pedro (2006), Pensar o Trágico, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Steiner, George (1961), The Death of Tragedy, London, Faber and Faber Limited.

VIII. Politicas do Desvio

O potencial político do desvio; potência e interrupção

Filipe Pinto
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Abstract:

Based on the concepts of potency and interruption, this text draws a constellation in twenty notes - twenty bodies - an attempt to stage a political reading of the idea of deviation.

Keywords: Destination, Prevision, Metaphor, Potency, Interruption.

Resumo:

A partir dos conceitos de interrupção e potência, desenha-se neste texto uma constelação em vinte notas - vinte corpos - que tenta ensaiar uma leitura política da ideia de desvio.

Palavras-Chave: Destino, Previsão, Metáfora, Potência, Interrupção.

É comum pensar-se a figura do desvio em contraposição com a da norma, não escapando este raciocínio a um juízo moral, ainda que involuntário. Pensa-se o desvio como potência ou possibilidade que toda a norma contém, tal como a possibilidade da queda trágica faz parte de todo o voo, e o naufrágio de toda a expedição marítima. Mas o desvio tem existência própria, isolada, possui sentido e significado próprios. As vinte notas que se seguem pretendem ensaiar uma definição, forçosamente polissémica, do desvio, ao mesmo tempo que tentam investigar o seu potencial político; e tentam fazê-lo a partir da linguagem ela mesma, isto é, da própria palavra, das suas ramificações, explícitas e possíveis. Não se trata, no entanto, de despedaçar a palavra

até ao étimo; pelo contrário, manter-nos-emos à superfície presente das suas ligações.

A pergunta a fazer não é o que quer dizer desvio, mas o que pode querer dizer desvio. Não queremos chegar a uma conclusão essencialista, delimitadora, prescritiva e fechada, mas, pelo contrário, descobrir (ou desenhar) uma constelação de corpos (ideias e conceitos) que gravitem em torno da ideia de desvio, deixando aberta a possibilidade da sua própria expansão.

Dada a vastidão desta constelação, o texto evolui por movimentos sacádicos - desviantes - na tentativa de abarcar em sucessivos relances todo o seu corpo incerto e estendido, todas as suas ligações, um pouco como Jean Echenoz explicou certa vez a Enrique Vila-Matas - "'Passa um pássaro', disse-me. 'Sigo-o. Isso permite-me ir onde quiser no discurso.'" (Vila-Matas, 2002: 162,163)

*

01. Apenas aquilo que tem - aqueles que têm - destino e direcção podem sofrer desvio. O deambulador - o flâneur - não sofre o desvio; não sofre; quanto muito, acolhe-o. O destino serve precisamente para encurralar e afunilar o movimento das coisas; o desvio representa a possibilidade de lhe fugir. O destino liga-se à previsão, cuja lógica e função é, justamente, acautelar e prevenir - a raiz conjunta da previsão e da prevenção é bem visível.

02. O desvio desmembra direcção e destino, os quais, numa viagem, vida, história, aparecem suturados de forma perene, do princípio ao fim. Se a viagem (deslocação, movimento, acção) é subordinada ao destino, o desvio representa a insubordinação do trajecto. O desvio é a forma de resistência do terreno ao programa dos homens.

03. Por vezes desviamo-nos para sobreviver - do carro na rua, do vaso que escapou de umas mãos, do punho em forma de murro, da onda que parece definitiva. Por vezes desviamo-nos por sorte, ou a sorte desvia-nos. "A sorte parece ser antes aquilo que liberta quem a tem da cadeia dos destinos e da rede do seu próprio destino." (Benjamin, 2010: 43) A sorte desvia o movimento do destino pressuposto.

04. A viagem vai-se dissipando até se esgotar na chegada; o desvio estende-lhe a vida e a energia. O desvio representa uma segunda partida, ainda que o destino se mantenha o original. O desvio, quando não se transfigura em atalho súbito, distancia o próximo, incute tempo e distância - espaço -, abranda a viagem, faz redobrar a atenção, tal como acontece, por exemplo, com o labirinto. Dir-se-ia mesmo que o desvio neutraliza a distracção. O verbo do desvio é descarrilar. O desvio desnivela horizontalmente, provoca um desnível horizontal.

05. Quando o desvio acontece, desdobra-se o mapa. Nos seus primórdios, conta Michel de Certeau, os mapas "comportavam só os traçados rectilíneos de percursos, com menção de etapas a efectuar (cidades onde passar, parar, alojar-se, rezar, etc)." (Certeau, 1998: 204); isto é, nos primórdios, os mapas seriam dispositivos prescritivos. Hoje é o mapa que soluciona a interrupção causada pelo desvio; é o mapa que permite a interpretação do desvio. O mapa moderno não condiciona, possibilita. O mapa moderno é o dicionário dos desvios, é onde procuramos o que desvio quer dizer, ou, melhor, o que o desvio quer dizer.

06. O tempo, escreveu Henri Bergson, é o que impede tudo de ser dado de uma só vez, numa só linha, recta. (Bergson, 2007: 75) Sobre esta mesma ideia, Georges Kubler, em A Forma do Tempo, comentava, "[n]o meu próprio presente, enquanto escrevo estas palavras, há um turbilhão de preocupações relacionadas com assuntos pendentes que estou a negligenciar. O instante admite apenas uma acção, as restantes acções possíveis permanecem por realizar." E continua, "A actualidade é o momento em que o farol fica escuro entre os clarões: é o instante entre os tique-taques do relógio." (Kubler, 1990: 31-33) Ou ainda, como escreveu Clarice Lispector, "[o] presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão." (Lispector, 2012: 14)

07. O presente é uma linha incrédula como a do funâmbulo, e tudo o que a ladeia são possíveis; tudo o que ladeia cada ponto de cada momento seu são possibilidades que não são por ela certificadas, sublinhadas, actualizadas. O desvio representa uma ponte que liga essa linha contínua e imperturbável do presente a um possível adjacente e inesperado.

08. Caos - todos os possíveis simultâneos. “Sistema. Rotina. Numa certa conjuntura, o desenrolar do sistema físico da linha de acções interrompe-se. O sistema suspende-se momentaneamente. Não se tornou inativo. Está em efervescência. Tornou-se crítico. Este interlúdio caótico não é a simples ausência de ordem. É de facto um estado super-ordenado. Na teoria do caos é concebido como a co-presença de todos os caminhos possíveis que o sistema pode tomar.” (Massumi, 1998) O desvio permite um pequeno vislumbre do caos, o qual, por sua vez, parece ser a verdadeira face da potência.

09. Qual é o sentido do tempo? Isto é, não se pergunta o que o tempo é, mas em que sentido corre. Qual é o sentido do tempo? Podemos pensar que o movimento do possível ao actual, das possibilidades ou potencialidades à sua actualização, é um movimento do que ainda não é para o que é, ou seja, do futuro para o presente; assim, dir-se-ia que o tempo flui do futuro para o passado e não na direcção contrária. No entanto, não encaramos o futuro de frente, de caras; tal como o anjo da história de Benjamin, evoluímos de costas, virados para o acumular de ruínas e destroços. Não vemos o futuro porque estamos de costas para a sua aparição; somos melancólicos porque apenas vemos o resultado trágico da nossa passagem. “Do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já as não consegue fechar. Este vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até ao céu. Aquilo a que chamamos progresso é este vendaval.” (Benjamin, 2010: 13,14)

10. O inimigo do itinerário é o desvio; o desvio inutiliza o itinerário, o qual depende de uma lógica assente na sucessividade de pontos fixos - daqui segue-se para ali, dali para ali, e assim sucessivamente; ora, ao primeiro desvio, os pontos seguintes tornam-se obsoletos e impróprios. Assim se percebe a perniciosidade do sistema GPS, que, como o guarda - o super-visor (omnisciente) -, existe para evitar o desvio, ou seja, existe para evitar a potência - ou as possibilidades, as oportunidades - no meio dos caminhos. O supervisor - o guarda, o polícia - é aquele que, com a sua super-visão, se certifica de que tudo está conforme, de que não há desvios. “Só

o guarda é que não espera. Está perante um acontecimento para que não se realize. A sua presença deve impedir que aconteça qualquer coisa de inesperado" (Strauss, s.d.:56); a presença do guarda, da polícia, deve impedir que o desvio aconteça, deve impedir que o acontecimento se dê e interrompa o normal estado de coisas. Porque o desvio desabitua, quer dizer, desfaz o hábito, o círculo do tempo; desfaz o recinto fechado da rotina, da repetição - interrompe pela diferença. Tal como acontece, por exemplo, com o hipertexto - os sucessivos links promovem movimentos sacádicos, instantâneos, que através de espasmos desviam a leitura, abrindo possibilidades, ainda que, no limite, acabem por tornar o texto ilegível dada a complexidade do seu corpo infinito.

11. E o que é uma metáfora senão dar o nome de uma coisa a outra coisa, isto é, desviar palavras? Já na Poética, Aristóteles defendia que "a metáfora consiste no transportar [desviar] para uma coisa o nome de outra, ou do género para a espécie, ou da espécie para o género, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia (1457b6)." (Aristóteles, 2003: 134) Na Retórica, o mesmo Aristóteles escrevia que a metáfora dependia da intuição de uma analogia entre duas coisas avulsas, um pouco como Georg Simmel pensou a ponte: "[p]ara nós, e só para nós, as margens do rio não são apenas exteriores uma à outra, mas "separadas"; e a noção de separação estaria despojada de sentido se não houvéssemos começado por uni-las nos nossos pensamentos finalizados, nas nossas necessidades, na nossa imaginação." (Simmel, 1997: 66) Tanto a metáfora como a (possibilidade da) ponte dependem de uma intuição prévia, que não se limita ao corrente ou existente, à linha contínua; metáfora e ponte, transporte e desvio são, assim entendidos, sinónimos.

12. A metáfora é fraterna, para utilizar uma formulação de Jean -Luc Godard; a metáfora hifeniza organicamente duas coisas estrangeiras até aí desirmanadas. A metáfora não desvia apenas as palavras do seu curso corrente mas desvia igualmente as coisas elas mesmas.

13. Por exemplo, alguma poesia é constituída por versos, isto é, por coisas do outro lado (como na frente e verso); a poesia, o verso,

é dizer - ver - as coisas de um outro lado; não é ver - ou dizer - o lado escondido das coisas, nem a sua verdade, mas apenas dizê-las ou vê-las de um outro lado, do lado do verso. Poder-se-á dizer que o verso atravessa ou faz atravessar a frente das coisas; como dizer que a luz vista pelo verso tem algo de azul, e, justificadamente, vice-versa. Ora, neste sentido, pensando no sentido do verso, lembro uma imagem de Carlos de Oliveira; trata-se de um poema de uma só frase, intitulado Provérbio: "A noite é a nossa dádiva de sol aos que vivem do outro lado da Terra." (Oliveira, 1998: 116)

14. Mas nem só a metáfora, ou, de uma forma geral, a linguagem poética - o uso poético da linguagem ou o uso do verso da linguagem - pode causar um desvio, pode tornar perplexa a linguagem. A explicitação de um uso pouco corrente de algo (de uma palavra) tem igualmente um efeito de desvio e de espanto, como acontece por exemplo numa tradução de um texto de Pascal Quignard onde se lê, a dada altura, que "[u]m médico enrola um pano branco à volta do seu pescoço para lhe pensar a ferida." (Quignard, 2002: 97) Pensar o pensar na sua acepção de cura (fazer o penso; nos dicionários, 'fazer o curativo' aparece como o último significado na lista de opções); pensar o pensar na sua acepção de cura, dizia, de saúde; isto é, pensar como esticar o tempo da vida, distanciar ao máximo nascimento e morte. Saúde é isso mesmo - pegar nas duas pontas do elástico da vida e esticá-lo até ao momento em que finalmente se parte, em que a saúde se interrompe com o esgar de dor provocado pelo chicote de borracha nas pontas dos dedos, até ao ponto em que a saúde já não é possível.

15. Giorgio Agamben, ao trabalhar o seu conceito de Inoperatividade, perguntava, numa conferência ocorrida na Fundação de Serralves em 2007: "[o] que é, aliás, um poema, senão aquela operação linguística que consiste em tornar a língua inoperativa, em desactivar as suas funções comunicativas e informativas, para a abrir a um novo possível uso?" (Agamben, 2008: 48) Para Agamben, a inoperactividade desencadeia uma suspensão das finalidades, é uma total negação do inato, quer dizer, do fim previsto e do uso comum, uma falha na continuidade, um desvio nas acções, uma interrupção.

16. A metáfora como perversão da língua; perversão entendida como um outro uso, diferente do previsto e corrente; a perversão como uma súbita abertura - um desvio - para o possível. "Entre 1924 e 1926, o filósofo Sohn-Rethel residia em Nápoles. Observando o comportamento dos pescadores que se haviam com os seus pequenos barcos a motor e dos automobilistas que procuravam fazer com que os seus carros decrépitos arrancassem, formulou uma teoria da técnica que definiu ironicamente como «filosofia do avariado» (Philosophie des Kaputten). Segundo Sohn-Rethel, para um napolitano as coisas só começavam a funcionar quando são imprestáveis. (...) Este comportamento, comenta o filósofo, contém um paradigma tecnológico mais elevado do que o corrente: a verdadeira técnica começa quando o homem é capaz de se opor ao automatismo cego e hostil das máquinas e aprende a deslocá-las para territórios e usos imprevistos, como esse rapaz que numa rua de Capri transformara um pequeno motor de motorizada avariado num aparelho de bater natas. O pequeno motor continua a funcionar, mas em vista de novos desejos e de novas necessidades; a ociosidade não é deixada a si própria, mas torna-se a via ou o abre-te-sésamo de um novo uso possível." (Agamben, 2010: 116)

17. Num outro ensaio, servindo-se agora da figura do sábado judaico, Agamben cita o Génesis: "[n]o sétimo dia, Deus concluiu o trabalho que fizera e no sétimo dia pôs fim a todo o seu trabalho. Deus abençoou o sétimo dia e consagrou-o, porque ele pusera fim a todo o trabalho." (Agamben, 2010: 121) O sábado suspende a economia - a administração da casa e das coisas em função de um fim, de uma finalidade -, interrompe a lógica funcional do quotidiano. O sábado é dia de ociosidade e de festa, e diz Agamben, "não há festa que não comporte, nalguma medida, este elemento suspensivo, que não comece, portanto, antes do mais, por tornar ociosas as obras dos homens." (Agamben, 2010: 128)

18. O desvio interrompe: o curso corrente, o curso habitual; e é esta interrupção que potencia o estado de coisas, que lhe incute potência, possibilidade, que permite um uso diferente, um significado diferente, um caminho e direcção diferentes. O potencial político do desvio é dado pela interrupção que provoca. Como escreve Jacques Rancière, "Só há política mediante a interrupção."

"O que comummente se atribui à história política ou à ciência política na verdade depende, com frequência muito maior, de outras maquinarias, que por sua vez provêm do exercício da majestade, do vicariato da divindade, do comando dos exércitos ou da gestão dos interesses. Só existe política quando essas maquinarias são interrompidas." (Rancière, 1996: 30,31) E continua Rancière:

A minha hipótese supõe (...) uma reformulação do conceito de política em relação às noções habitualmente aceites. Estas designam com a palavra política o conjunto dos processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das colectividades, a organização dos poderes e a gestão das populações, a distribuição dos lugares e das funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição. Proponho dar a esse conjunto de processos um outro nome. Proponho chamá-lo de polícia, ampliando portanto o sentido habitual dessa noção, dando-lhe também um sentido neutro, não pejorativo, ao considerar as funções de vigilância e de repressão habitualmente associadas a essa palavra como formas particulares de uma ordem muito mais geral que é a da distribuição sensível dos corpos em comunidade. (...) Ao ampliar assim o conceito de polícia, proponho restringir o de política. Proponho reservar a palavra política ao conjunto das actividades que vêm perturbar [poder-se-ia ler interromper] a ordem da polícia pela inscrição de uma pressuposição que lhe é inteiramente heterogénea. Essa pressuposição é a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante. (Rancière, 1996b: 372)

19. No entanto, a igualdade não deve ser entendida como um objectivo - "[O]s progressistas que proclamavam a igualdade como sendo resultado de um processo de redução de desigualdades, de educação das massas, etc., reproduziram a lógica do professor que assegura o seu poder ao mostrar-se dono da discrepância entre ignorância e conhecimento que pretende fazer desaparecer. A igualdade tem que ser vista como ponto de partida, e não como destino." (Rancière, 2000)

20. O funcionamento das coisas políticas pode ser formulado do seguinte modo: tudo o que é político interrompe (ou desvia); nem tudo o que interrompe é político.

Bibliografia

Agamben, Giorgio, “Arte, Inoperatividade, Política”, in Política, Politics. Porto: Fundação de Serralves, 2008.

_____, Nudez. Lisboa: Relógio D’Água, 2010.

Aristóteles, Poética. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

Benjamin, Walter, O Anjo da História. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

Bergson, Henri, The Creative Mind. New York: Dover Publications, 2007.

Certeau, Michel de , A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

Kubler, George, A Forma do Tempo. Lisboa: Veja, 1990.

Lispector, Clarice, Água Viva, Lisboa, Relógio D’Água, 2012.

Massumi, Brian, Event Horizon, in http://www.brianmassumi.com/textes/Event%20horizon.pdf (acedido em 22 de Abril de 2014).

Oliveira, Carlos de, Trabalho Poético. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1998.

Quignard, Pascal, Terraço em Roma. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

Rancière, Jacques, O Desentendimento - Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____, «O Dissenso», in A Crise da Razão (Adauto Novaes, org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____, Jacques Rancière: Literature, Politics, Aesthetics, Jacques Rancière interviewed by Solange Guénoun. Wisconsin: SubStance, issue 92 (Volume29, Number 2), 2000.

Simmel, Georg, “Bridge and Door”, in Rethinking Architecture. London: Routledge, 1997.

Strauss, Botho, Fragmentos da Incompreensão. Lisboa: Difel, s.d.

Vila-Matas, Enrique, O Mal de Montano. Lisboa: Editorial Teorema, 2002.

Da contingência

Catarina Patrício Leitão
Centro de Comunicação e Linguagens (CECL)

«[...] all vegetation will die
radiated men will eat the flesh of radiated men
the sea will be poisoned
the lakes and rivers will vanish
rain will be the new gold
the rotting bodies of men and animals will stink in the dark wind
the last few survivors will be overtaken by new and hideous diseases
and the space platforms will be destroyed by attrition
the petering out of supplies
the natural effect of general decay
and there will be the most beautiful silence never heard
born out of that.
the sun still hidden there
awaiting the next chapter.»
Charles Bukowski, Dinossauria We

Resumo:

Um verdadeiro desvio será aquele em que a verdade é dirigida contra ela mesma. É o caso da «verdade sobre a extinção». Aceitar, por isso, que o cosmos manter-se-á absolutamente indiferente ao nosso destino enquanto espécie perante uma já matematizável hora do fim. Mas necessário será, justamente partir desta espécie de nihilização do existente, romper com a excessiva confiança que a metafísica ocidental colocou nas universalidades e na noção de que o ser humano está ao comando do mundo, quando sempre existe a extinção da espécie por horizonte. Aliás, o problema sempre foi esse. Um problema que sempre se procurou suspender ou adiar pela ciência ou religião. A extinção é,

para o ser humano, um inexorável desvio ao seu insustentável narcisismo teo-político.

Palavras-chave: contingência, desvio, extinção, metafísica, método

Abstract:

A true deviation happens when the truth is directed against itself. And this is particularly true for the truth about extinction. One must accept, therefore, that the cosmos will remain absolutely indifferent to our chance as a species before an already mathematizable end. But this kind of nihilization requires breaking through the excessive confidence that Western metaphysics placed on universality and on the notion that the humans being are commanding the world, when there is always the extinction as horizon. The problem has always been that. A problem that has always been suspended or postponed by science or religion. Extinction is, for humans, an inexorable deviation to its unsustainable theo-political narcissism.

Keywords: contingency, deviation, extinction, metaphysics, method

1.

O homem moderno vive no confronto entre duas imagens de si no mundo: uma que manifesta a imagem de como se concebe com base numa contínua reflexão filosófica; a outra, mais recente, que permite a expansão da imagem científica de si mesmo.[1]

Tudo o que tomamos por limite, sejam as fronteiras do corpo, do pensamento, e até a geografia das nações, são agora mediadas e expandidas tecnicamente. Mas é neste momento, em que a Terra surge toda ela cientificamente perscrutada, que os limites desabam, quer para a ciência como para a metafísica. Será, por isso, essencial trabalhar sempre com uma metodologia capaz de operar epistemologicamente com a finitude, ou melhor, para além da finitude.[2]

1. Argumento de Wilfrid Sellars «Philosophy and the Scientific Image of Man»(1960), retirado do primeiro capítulo de Nihil Unbound, Enlightenment and Extinction (2007) de Ray Brassier.

2. Entrever aqui já a essencial escolha metodológica. Falamos de Depois da Finitude: ensaio sobre a necessidade da contingência de Quentin Meillassoux (Après la Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence, 2008).

Estabeleça-se um método de trabalho interdisciplinar que possa abarcar a contingencialidade que subjaz à noção de desvio. Partindo destas alegações, o realismo especulativo de Quentin Meillassoux, um ambicioso projecto que passa pela refundação de toda a metafísica clássica, é um caminho que tomamos por bom. Somente através de uma filosofia da contingência é que se poderá obliterar da metafísica o «gene» do controlo que lhe é sintomático. Sublinhe-se que, através deste enquadramento, traça-se um método que procura pensar o que sempre extravasa o pensamento e que está presente onde quer que o Homem esteja: os desvios, quaisquer que sejam.

2.

Porque desdobrar o mundo em pensamento desde logo indicia a tentação de apreender uma totalidade, investigar quanto à noção de desvio não se perfaria sem que se revelasse na sua violência ou utopia (Miranda, 2002: 20). É depois de reconhecida essa impossibilidade que se entronca na contigencialidade[3] própria ao desvio, enquanto desaprumo, derivação ou afastamento, e que será convertida em opção metodológica para lhe aceder. Pretendemos com isso assimilar a proposta do Professor José Bragança de Miranda, radicalizando-a:

> [...] é a própria coisa que deve ditar as suas regras, que deve orientar o pensamento e promover os "métodos" a utilizar, as categorias a inventar. E tudo o que está aí, no arquivo geral a que temos o hábito de chamar cultura, pode ser utilizado: da retórica à teoria política, da estética à história. (Miranda, 2002: 21)

É contra a ideia de um método estático, que o anarquismo epistemológico de Paul Feyerabend se destaca. Em Contra o Método (Against Method: Outline of an Anarchistic Theory of Method, 1975), Feyerabend identifica uma tendência para a mitificação do método científico[4], uma inclinação académica que contraria. O físico alemão assevera como, nesta senda, até a etapa inicial se revela problemática. Desde logo que estabelecer um corpo de hipóteses é uma restrição que procura o ajustamento a teorias já enraizadas na cultura. Assim sai «dogmatizado» o conhecimento. Deslaçando o espartilhamento que contesta, sugere a aplicação

3. Validemos esta nossa opção com o comentário do Professor Bragança de Miranda: «É inútil falar de "método" em geral, que nos enreda sobre falsas discussões epistêmicas, quando o que está em causa é um certo domínio da contingência, que só eficaz se realizado praticamente. É certo, porém, que o diferindo entre as diversas metodologias tem muito que ver com a tentativa de "desbancar" a premência do modo dominante do método, a saber: a metodologia positivista e racionalista clássica. Todavia, esta proliferação não põe em causa a matriz comum que origina a tendência ao método.» (Miranda 2002, 48).

de contra-regras que anulem a tentação académica, a que chamou de condição de coerência. Para Feyerabend, a ciência não é portadora de unicidade mas é antes uma entidade entre as várias tradições de construção do pensamento sobre o real. É que as evidências estão contaminadas.[5]

Com o anarquismo epistemológico de Feyerabend, o conhecimento avança por contra-induções, isto é, na procura de um corpo de hipóteses que possam mesmo contradizer teorias estabelecidas (Feyerabend, 1975: 37). Na sua argumentação aponta para um forte exemplo firmado na história: o desenvolvimento da teoria copernicana por Galileu, que sobretudo desvela como a ciência não dá respostas eternas.

No livro Como a Verdade e a Realidade foram inventadas (Comment la vérité et la réalité furent inventées, 2009), Jorion procura justamente o descentramento em relação a dois conceitos que se apresentam constituintes da história, da ciência e dos seus métodos de análise. Precisamente a noção de verdade e de realidade. O seu trabalho, organizado sob a forma de uma antropologia dos saberes, postula que se tal acto inventivo foi esquecido, é porque tanto a verdade como a realidade[6] constituem o «núcleo duro» das nossas crenças (Jorion, 2009: 18). É o desvio enquanto conceito que se revela útil para descartar a carga ideológica que sempre acompanha noções como a verdade ou a realidade, quaisquer que sejam. Feyerabend percebe bem como a ciência, e até a antropologia, se revestem de ideologias. Por isso procura um método que possa trabalhar sem essa delimitação[7].

Muito embora tenha empolado alguma polémica no mundo académico e científico, essencialmente interessará sublinhar que, quaisquer que sejam as escolhas metodológicas que façamos, o mundo que desejamos explorar é uma entidade em grande parte desconhecida e deveremos conservar-nos disponíveis para as várias opções que se vão apresentando (Feyerabend, 1975: 22).

Partindo destas alegações, será o realismo especulativo de Quentin Meillassoux que dará consistência epistemológica à acepção de método que tomámos por trajecto[8]. Juntamente com Ray Brassier, Iain Hamilton Grant e Graham Harman, Quentin Meillas-

4. Em Teoria da Cultura (2002), Bragança de Miranda arrola Feyerabend não para negar o método, mas para enfraquece-lo: «Parece-nos, contudo, que, mais que nega-lo, será preciso enfraquecer a premência com que a atitude científica o procura impor a todas as dimensões da experiência. A tarefa essencial é minimizar o seu carácter universal, que é uma resposta à crise da experiência ocorrida na "modernidade", resposta essa que assenta numa epistemologização dos discursos em crise de fundamentos (ao nível ético, estético, religioso, etc.) Tal enfraquecimento da universalidade do método não implica, contudo, a recusa de tornar as nossas "ideias claras e distintas", mas que torna obrigatória uma mudança de estratégia nas reflexões relativas ao método. Tal mudança levará a uma mudança conotativa do próprio termo, readquirindo a sua acepção de caminho, de trajecto.» (Miranda, 2002: 49)

5. Como diz Feyerabend: «A teoria vê-se ameaçada porque a evidência contém sensações não analisadas, que só parcialmente correspondem a processos externos, ou

porque é apresentada nos termos de concepções antiquadas ou porque é avaliada com base em elementos auxiliares já não válidos. A teoria de Copérnico enfrentou dificuldades por todas essas razões.» (Feyerabend, 1975: 89)

6. O conceito de verdade nasceu na Grécia com Platão e Aristóteles e o conceito de realidade nasceu na Europa do século XVI.

7. Diz Feyerabend que: «Evans-Pritchard, Lévi-Strauss e outros reconheceram que o "Pensamento Ocidental", longe de ser um pico isolado no desenvolvimento da humanidade, é perturbado por problemas que não estão presentes em outras ideologias — mas excluem a ciência da relativização das formas de pensamento. Para eles, a ciência é uma estrutura neutra, encerrando conhecimento positivo, que é independente de cultura, ideologia ou preconceito.» (Feyerabend, 1975: 457)

8. E portanto mais do que um método, procuramos dar corpo à acepção de método como um «caminho» (Miranda, 2002: 49).

9. O meio da correlação é a linguagem e consciência (Meillassoux, 2008).

soux desencadeou um movimento na filosofia contemporânea, o realismo especulativo, o qual surge em 2007 aquando de uma conferência no Goldsmith College em Londres, decalcando o título à orientação que os quatro filósofos assumem. Este grupo partilha algumas resistências às manifestações do pós-kantianismo. Mas será Depois da Finitude: ensaio sobre a necessidade da contingência de Quentin Meillassoux (Après la Finitude: Essai sur la Nécessité de la Contingence, 2008) que se torna, quanto a nós, verdadeiramente marcante.

Preconizando um ambicioso projecto que passa pela refundação de toda a metafísica clássica, é através de uma filosofia da contingência que Meillassoux edifica uma especulação em torno da impossibilidade de se verificar, pelos tradicionais métodos da filosofia, a totalidade dos fenómenos que constituem o Universo. Os conceitos são para ele categorias fixas e estáticas[9], incapazes de conter a realidade, a qual se apresenta fluida, imponderável, cheia de desvios. Com a entrada de nova opção na filosofia moderna, que coloca o pensamento numa outra relação com a experiência do Mundo, o seu trabalho dissolve simultaneamente os pressupostos da metafísica clássica, assim como os da distribuição do pensamento empírico e transcendental. Em suma: é toda uma nova metodologia que se assoma.

3.

Ora o correlacionismo, o centro da crítica de Depois da Finitude, estabeleceu-se enquanto programa circular que dominou toda a filosofia pós-kantiana. É pela figura da correlação que o ser humano construiu um anel metafísico em torno de si mesmo e, no âmago dessa delimitação, o pensamento existe numa completude tal que impede qualquer contaminação do que lhe é desconhecido.

Meillassoux quer estabelecer uma filosofia que tenha por pano de fundo precisamente aquilo que não é alcançável pelo pensamento. Isto porque, como assevera, o pensamento não é coextensível com a totalidade «totalizante» - reforce-se assim - dos fenómenos. Por isso, evita o correlacionismo, uma vez que este posicionamento clássico desqualifica a possibilidade de considerar

a subjectividade e o real enquanto domínios independentes um do outro:

By 'correlation' we mean the idea according to which we only ever have access to the correlation between thinking and being, and never to either term considered apart from the other. (Meillassoux, 2008: 13)

Para o filósofo, essa demarcação é encarcerante e incapaz de resolver os problemas que surjam fora do desenho feito pela correlação do homem a todos os fenómenos. Porque a correlação é isso mesmo: é pressupor que o mundo, a natureza, todas as matérias e todas as paisagens, são dadas para fruição ou uso humano.

Quanto à nossa proposta de investigação em desvios, o interesse da sua tese passou pela essencial ligação que estabelece com o imponderável. O pensamento encobre deveras a impreparação geral da humanidade em lidar com um total desvio escatológico. Num momento em que se fala de uma completude dos sistemas, da história à economia, acreditamos ser esta uma ideia politicamente necessária.

Voltemos a Meillassoux e ao desdobramento dos seus principais argumentos.

A filosofia pós-kantiana é controlada pelo correlacionismo que, por isso, tem sido tão decisivo no abarcamento da realidade circunjacente. Mas como é que o correlacionismo poderá oferecer uma interpretação fiável de enunciados tão ancestrais como, por exemplo, a data de origem da Terra (Meillassoux, 2008: 22)? Ou mais especificamente, se situados no âmago da correlação, como alcançar a ancestralidade sem cair na hipostatização (23)? E como esperar que as ciências naturais e humanas tenham a capacidade de apreender o domínio ancestral? Para Meillassoux, até as equações matemáticas serão insuficientes na descrição de um passado desprovido de vida humana. Dissipar o correlacionismo na ancestralidade e na finitude implicará pensar a história a partir da matéria.

Qualquer ocorrência anterior ao surgimento da espécie humana perdeu-se no tempo. É ancestral e as matérias ou fenómenos que os invoquem designam-se como arche-fossil ou fossil-matter

(Meillassoux, 2008: 21-22). A ancestralidade[10] é assim o reconhecimento da existência de um mundo que existiu para além da correlação ao eu que o pensa, uma acepção posta de parte pela filosofia pós-kantiana. Porque a totalidade dos fenómenos e a sua manifestação sempre transcende a percepção humana, uma qualquer ocorrência no universo, e até mesmo na Terra, pode não ser necessariamente dada a ver. Daí que possa não ser pensada, registada, digerida. O que se agudiza perante acontecimentos fossilizados que manifestam a anterioridade em relação ao eu que os pensa. Ou posterioridade, como acontecimentos em curso ainda sem manifestação perceptível.

O arche-fossil impõe-nos seguir a linearidade do pensamento e o dever de descobrir aquilo que a filosofia moderna tem apresentado como uma impossibilidade em si mesma: sairmos de nós próprios, atingir o em-si-mesmo da totalidade, mesmo que lá não estejamos dados (Meillassoux, 2008: 46). Começa-se assim a entrever como a ancestralidade constitui um sério problema ontológico, já que pensar a ancestralidade é pensar um mundo sem pensamento, isto é, é reflectir sobre o mundo sem estar dado no mundo. E o mesmo acontecerá quando se pensa o problema da extinção pois trata-se de um mundo que existe mas que não terá ninguém que o pense. É todo um movimento de apreensão da relação essencial com o imperceptível, impensável e inconcebível. Tal movimento não se consuma por co-presenças, porque nos excede em absoluto. Torna-se necessário, portanto, cortar com o requisito ontológico dos modernos, de acordo com o qual ser é ser com correlato. A tarefa de Meillassoux consiste justamente em tentar fazer expandir o pensamento ao incorrelacionado, isto é, em estabelecer uma nova relação com o mundo porquanto, essencialmente, este subsistirá sem que lá estejamos dados. Em suma, para o filósofo, a tarefa do materialismo especulativo consiste na tentativa de expandir o pensamento ao incorrelacionado.

Voltando ao cerne da crítica, o correlacionismo exprime-se pela inseparabilidade do pensamento em relação ao conteúdo pensado, ou seja, tudo aquilo que pode ser arrolado tem de ser dado ao pensamento. Na sua constituição, o materialismo especulativo, para o qual a realidade absoluta é uma realidade sem pensamento, terá de afirmar que o pensamento não é absolutamente

10. Tal como acontece no domínio ancestral, ao infinito não poderemos chegar. Recuperemos um esclarecedor trecho de Thomas Hobbes: «Seja o que for que imaginemos é finito. Portanto, não existe qualquer ideia, ou concepção, de algo que denominamos de infinito. Nenhum homem pode ter no seu espírito uma imagem de magnitude infinita, nem conceber uma velocidade infinita, um tempo infinito, uma força infinita, queremos apenas dizer que não somos capazes de conceber os limites e fronteiras da coisa designada, não tendo concepção da coisa, mas da nossa própria incapacidade. [...] O homem não pode ter um pensamento representando alguma coisa que não esteja sujeita à sensação. Nenhum homem, portanto, pode conceber uma coisa qualquer, mas tem de a conceber em algum lugar, e dotada de uma determinada magnitude, e susceptível de ser dividida em partes.» (Hobbes, 1651: 41). Porém, e ao contrário de Meillassoux, em Hobbes «[...] seja em que matéria for que houver lugar para a adição e para a subtracção, há também lugar para a razão, e onde aquelas não tiverem o seu lugar, também a razão nada tem a fazer.» (Hobbes, 1651: 41)

dilatável à existência e, logo, que existe qualquer acontecimento que sempre lhe escapa; ou, melhor ainda, para o materialismo que escolhe o caminho especulativo, é necessário afiançar que é possível determinada realidade excluindo-a do facto de que a estamos a pensar, o que choca, de modo evidente, com o «modelo forte» do correlacionismo, que assegura que é impensável que o impensável seja possível (Meillassoux, 2008: 69).

4.

Entre errância num percurso ou derivação à norma, os desvios, económicos, políticos, morais, estéticos ou técnicos, sempre se acham no mundo e na sua globalidade. Porém, a única experiência verdadeiramente global, isto é, o único desvio que poderá ser simultâneo, quer no espaço, quer no tempo, a todos os sujeitos, é apenas um: um apocalipse. E são inúmeras as suas possibilidades: desde inexplicáveis pandemias, a ataques vindos do espaço ou, na pura contingência astronómica da colisão de dois corpos celestes.

Dirija-se o pensamento para a «Verdade da extinção» (Brassier, 2007), já que tudo parece empurrar para essa real afecção apocalíptica. Tal fenómeno acontece como se porventura o apocalipse tivesse «descido das regiões do religioso para as da vida, secularizando-se, mantendo porém a mesma estrutura e os mesmos traços» (Miranda, 1997). Mas certo é que, actualmente, a ciência vai esboçando e actualizando essa promessa. Com efeito, a previsão da extinção geral da vida, enquanto desvio total, e mesmo que numa equação abstracta, contamina toda a experiência. Sobre este aspecto, como dizia Lyotard, «já estará tudo morto»[11].

Na morte do Sol vemos, desde logo, essa inexorável condenação. Mas, no encalce desse fim, descobre-se simultaneamente como o universo perduraria, na sua expansividade absoluta, totalmente indiferente quanto ao destino do homem. Mesmo que o sujeito desapareça, prolongar-se-á o Cosmos para além do pensamento que o pensa. Pelo menos, é esta a verdade revelada perante o problema da extinção, e é uma pista que tomamos por boa. Brassier sublinha que o ponto culminante do nihilismo incide no momento essencial em que a verdade, enquanto valor

11. Veja-se como o diz Jean-François Lyotard: «[I]t's impossible to think an end, pure and simple, of anything at all, since the end's a limit and to think it you have to be on both sides of that limit. So what's finished or finite has to be perpetuated in our thought if it's to be thought of as finished. Now this is true of limits belonging to thought. But after the sun's death there won't be a thought to know that its death took place. That, in my view, is the sole serious question to face humanity today. In comparison everything else seems insignificant. Wars, conflicts, political tension, shifts in opinion, philosophical debates, even passions – everything's dead already if this infinite reserve from which you now draw energy to defer answers, if in short thought as quest, dies out with the sun.» (Lyotard, 1988: 9)

12. Há um episódio da nona temporada da série animada de Trey Parker Matt Stone, South Park , que faz uma interessante paródia em torno cronometria da expectativa. É esperado um mega acidente The Day After Tomorrow (o dia depois de amanhã), porém antecipa-se a previsão da catástrofe para Two Days Before the Day After Tomorrow (dois

supremo, se volta contra ela mesma. É o caso da «verdade sobre a extinção»:

«[F]or it is 'truthfulness' itself that calls the value of 'truth' into question, thereby subverting all known and knowable values, specifically the valuing of reality over appearance and knowledge over life» (Brassier, 2007: 206).

Um verdadeiro desvio será aquele em que a verdade é dirigida contra ela mesma.

Aceitar, por isso, que perante uma já matematizável hora do fim - como a extinção do Sol daqui por 4,5 mil milhões de anos, ou daqui por uns «instantes»[12] se um cometa se dirigir a toda a velocidade rumo à Terra[13] - o cosmos manter-se-á absolutamente indiferente ao nosso destino enquanto espécie, da mesma forma como permanecerá impassível ao facto de alguém o estar a pensar ou não (Meillassoux, 2008: 187).

Mas necessário será, justamente partir desta espécie de nihilização do existente, romper com a excessiva confiança que a metafísica ocidental colocou nas universalidades e na noção de que o ser humano está ao comando do mundo, quando sempre existe a extinção da espécie por horizonte[14]. Aliás, o problema sempre foi esse. Um problema que sempre se procurou suspender ou adiar, pela ciência ou religião. A extinção é, para o ser humano, um inexorável desvio ao seu insustentável narcisismo teo-político.

Referências:

Brassier, R. (2007), Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction. London: Palgrave Macmillan.

Feyerabend, P. [1975] (1977), Contra o Método, Trad. O. Mata & L. Hegenberg. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

Hobbes, T. [1651] (2002), Leviatã, ou a matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil, Trad. J. Monteiro et al, Lisboa: INCM.

Jorion, P. (2009), Comment la vérité et la réalité furent inventées, Paris: Éditions Gallimard.

dias antes do dia depois de amanhã) - «Oh my God! That's today!», diz o personagem Randy. Enfim, a catástrofe fora prevista para hoje.

13. Tal é o caso de filmes como Melancholia (2011) de Lars von Trier, Deep Impact (1998) de Mimi Leder e Armaggedon (1998) de Michael Bay. Todos apresentam impactos diferentes: em Armaggedon Harry S. Stamper (Bruce Willis) impede a colisão detonando o asteroide a partir do seu núcleo com uma bomba nuclear, uma bomba amigável e, portanto, não chega a ser apocalíptico; em Deep Impact o enredo desvela um soft apocalipse, há tanto de detonação de bombas nucleares nos asteróides quanto selecção de indivíduos a salvar no bunker, e Melancholia, de todos o mais interessante, precisamente porque nada nem ninguém escapa ao apocalipse total. A respeito deste último filme, atente-se ao que sobre ele diz Peter Szendy: «Le silence et l'obscurité profonde, qui durent. Jamais aucun film, à ma connaissance, ne s 'est ainsi conformé à ce qui représenterait la loi la plus stricte du genre apocalyptique (si genre il y a): à savoir que la fin du monde, c'est la fin du film. Ou vice -versa (car cette terrifiante équation de l'eschatologie filmique

Lyotard, J.F. [1988]1991, The inhuman, reflections on time, Trad. G. Bennington & R. Bowlby, Stanford: Stanford University Press.

Meillassoux, Q., (2008), After Finitude: an Esssay on the Necessity of Contingency. Trad. R. Brassier, London, Continuum.

Miranda, J. B. (1997), «Do Apocalíptico Hoje». In Traços - Ensaios de Crítica de Cultura. Lisboa: Vega.

_____ (2002), «Prolegómenos à Abordagem da Cultura», in: Teoria da Cultura, 18-57. Lisboa: Século XXI.

Nietzsche, F. [1887] (2000), Para a Genealogia da Moral, Trad. J. Justo. Lisboa: Relógio D'Água.

Szendy, P. (2012), L'Apocalypse Cinéma, et autres fins du Monde, Nantes: Capricci.

peut se retourner sans en être changée, si j'ose dire, le moins du monde) : la fin du film, c'est la fin du monde. Melancholia aura peut-être été et devrait être pour toujours le seul film répondant aussi purement et absolument à cette exigence propre à une apocalypse-cinéma: que la dernière image soit la toute dernière image, c 'est-à- dire la dernière de toutes – de toutes les images passées, présentes ou à venir.» (Szendy, 2012 : 9-10)

14. Brassier conjuga bem a questão: «Extinction is real yet not empirical, since it is not of the order of experience. It is transcendental yet not ideal, since it coincides with the external objectification of thought unfolding at a specific historical juncture when the resources of intelligibility, and hence the lexicon of ideality, are being renegotiated. In this regard, it is precisely the extinction of meaning that clears the way for the intelligibility of extinction.» (Brassier, 2007: 238)

Notas Biográficas
Biographical notes

Rúben Branco Doutorado em Economia pela Nova School of Business and Economics em 2013, com tese em Macroeconomia, Política Económica e Economia Política. Desempenhou, entre 2012 e 2013, funções de assistente de investigação na Católica-Lisbon School of Business and Economics. Lecionou Economia no curso de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa e desenvolveu estágios de investigação na Universidade de Maryland (E.U.A.) e no Banco de Portugal. Fez revisão científica para revistas académicas internacionais e copublicou no Boletim Económico do Banco de Portugal. Tem exposto o seu trabalho de investigação em conferências e seminários internacionais. Exerce atualmente a função de Chefe de Gabinete do Secretário de Estado Adjunto do Vice Primeiro Ministro, Governo de Portugal. Exerceu consultoria de gestão ao serviço da McKinsey & Company entre 2005 e 2007. Licenciou-se em Economia pela Universidade de Coimbra, em 2005.

PhD in Economics by Nova School of Business and Economics, 2013, with thesis on Macroeconomics, Economic Policy and Political Economy. Research assistant at Católica-Lisbon School of Business and Economics, 2012-2013. Was responsible for an Economics course in the Political Science and International Relations degree, at Universidade Nova de Lisboa, and developed research visits at University of Maryland (U.S.A.) and Banco de Portugal. Has exposed his research work at international conferences and seminars. Performed scientific review to international academic journals and co-published in the Banco de Portugal Economic Bulletin. Rúben is currently the Chief of Cabinet of the Secretary of State to the Vice Prime Minister, Government of Portugal. Was management consultant at McKinsey & Company, 2005-2007. Undergraduate Degree in Economics by University of Coimbra, 2005.

Diogo Fernandes Diogo Fernandes é actualmente aluno de doutoramento pela FCSH/UNL em Estudos Portugueses, onde prepara uma tese sobre o conto de autor enquanto género literário. Terminou o mestrado em Estudos Portugueses na mesma instituição, em 2012, com uma dissertação sobre o poeta José Agostinho Baptista. Foi bolseiro de investigação no Instituto de Estudos Medievais e no Instituto de Estudos de Literatura Tradicional da FCSH/UNL, onde investiga o espólio de José de Almada Negreiros e a propósito do qual co-comissariou o Colóquio Internacional Almada Negreiros 2013. Criou e co-leccionou, na FCSH, em Julho de 2014, o curso de Verão "Arte do Conto".

Diogo Fernandes is currently a PhD student at FCSH/UNL in Portuguese Studies, where he's writting a thesis about short-story as a literary genre. He finished his Masters in Portuguese Studies at the same institution, in 2012, with a dissertation about the portuguese poet José Agostinho Baptista. He had a research fellow at

Instituto de Estudos Medievais and at Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, both from FCSH/UNL, where he currently researchs José de Almada Negreiros' assets, and in respect of wich he co-curated the symposium Colóquio Internacional Almada Negreiros 2013. He created and taught, at FCSH, in July 2014, the summer course "Arte do Conto".

Alexander Gerner Alexander Gerner é Encenador Teatral, Dramaturgo e Investigador em filosofia das ciências no Centro de FIlosofia das Ciências da Univeridade de Lisboa (CFCUL). Tem actualmente uma bolsa FCT de Post-Doc, com seu projeto de pesquisa "Philosophy of Cognitive Enhancement" (http:// cognitiveenhancement.weebly.com). Gerner é também co-autor e director da linha estratégica de pesquisa do CFCUL (2015-2020) "Filosofia da Tecnologia do Humano" (http://cfcul.fc.ul.pt/LT/FTH/). Em 2011, recebeu uma bolsa de estudo no CASBS (Universidade de Stanford) sobre „(Neuro-) Ciências cognitivas e as Humanidades". Em Maio de 2012, concluiu o seu Doutoramento (com uma bolsa de doutoramento da FCT), em História e Filosofia da Ciência na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Áreas de pesquisa incluem: Philosophy of Cognitive Enhancement, Filosofia da Atenção, Filosofia do Si (social) e do si alterado, Filosofia da Medicina Integrativa, Diagrammatology e Diagram Praxis em Arte e Ciência; Filosofia do Gesto; Filosofia da Tecnologia e Técnicas do Humano; Filosofia da experiência cinematográfica

Alexander Gerner is theatre director /playright and researcher in philosophy based in Lisbon since 2000. Currently he holds a FCT Post-Doc grant with his research project "Philosophy of Cognitive Enhancement" http://cognitiveenhancement.weebly.com/ at the Centre of Philosophy of Science at the Science Faculty of the University of Lisbon (CFCUL). Gerner is co-author and Head of the strategic thematic research line of the CFCUL (2015-2020) „Philosophy of Human Technologies" http://cfcul.fc.ul.pt/LT/FTH/. In 2011 he was the recipient of a study fellowship at CASBS (Stanford University) on Cognitive (Neuro-) Sciences and the Humanities. He concluded his PhD in May 2012 with a degree in History and Philosophy of Science with an FCT PhD grant at the Science Faculty of the University of Lisbon. Current research areas include: Philosophy of Cognitive Enhancement, Philosophy of Attention, Philosophy of the (social) Self and Altered Self Experience, Philosophy of integrative Medicine, Diagrammatology and Diagram Praxis in Science and Art; Philosophy of Gesture; Philosophy of Technology and Human Techniques; Philosophy of cinematic experience

Antonieta Reis Leite (Angra do Heroísmo, 1975). Arquiteta pela Universidade de Coimbra (2000). Curso de doutoramento em História del Arte y Arquitectura en Iberoamerica (2002-2004) e Certificado de Estudos Avançados pela Universidade Pablo de Olavide | Sevilha (2005). Doutorada em Arquitetura pela Universidade de Coimbra (2012).É desde Março de 2014 investigadora pós-doutoral no CES|Universidade de Coimbra e investigadora integrada do CHAM | Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, onde desenvolve o projeto de Pós Doutoramento intitulado "10 Vilas de Fundação nos Açores (séc. XVI). Urbanística e ordenamento do território na colonização do Atlântico", projeto financiado pela FCT.É Professora a tempo parcial na Escola Universitária das Artes de Coimbra.

Antonieta Reis Leite (Angra do Heroísmo, Azores, 1975). Degree in architecture from the Coimbra University, (dARQ) in 2000.Holds a Doctoral Programme (2002-2004) in History of Art and Architecture in Iberoamerica and a Master from the Pablo de Olavide University at Sevilla in 2005.Ph.D in Architecture at Coimbra University (2012).Post-Doc researcher at CES-UC and at CHAM-UNL|UAÇ since March 2013, with the research project named "10 Azorean new towns (sixteenth century). Urbanism, land tenure and administration in the Atlantic settlement process", a project financed with a FCT's Grant. Currently, is a Architecture's History and Theory Professor in ARCA-EUAC.

Isabel Machado nasceu em Lisboa em 1974. É licenciada Design de Comunicação pela FBAUL e estudou Artes Visuais na Escola Maumaus. Desenvolve presentemente o seu Doutoramento em Artes (Artes Performativas e da Imagem em Movimento) na Universidade de Lisboa. Desde 2002 trabalha como produtora de filmes e projectos artísticos na C.R.I.M.

www.crim-productions.com

Isabel Machado was born in Lisbon in 1974. She has a degree in Communication Design from the Lisbon University and studied Visual Arts at Maumaus School of Photography. She is now developing her PhD on Arts (Performing and Moving Image Arts) at the University of Lisbon. Since 2002 she works as producer of films and artistic projects at C.R.I.M.

Roberto Merrill é investigador em teoria política e moral no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM) e investigador associado ao CEVIPOF (Sciences Po-Paris). Foi investigador convidado no Center for Research in Ethics at the University of Montreal (CRÉUM) em 2007, e investigador convidado na Harvard Medical School (Harvard University Program in Ethics and Health) em 2011. Completou o seu doutoramento em filosofia política no Centre Raymond Aron (EHESS, Paris) e o seu mestrado na Universidade Sorbonne-Paris 1. Os seus interesses de investigação incluem a relação entre arte e moral, ética aplicada, a neutralidade liberal e o pluralismo de valores, o libertarismo de esquerda, as teorias igualitárias da justiça e as suas aplicações, assim como o neo-republicanismo e o multiculturalismo. Atualmente prepara uma publicação sobre igualdade e amor.

Roberto Merrill is a researcher in political theory at the Centre for Humanistic Studies, University of Minho (CEHUM) and Associate Researcher at CEVIPOF (Sciences Po-Paris). He was a visiting scholar at the Center for Research in Ethics at the University of Montreal (CRÉUM) in 2006-2007, and Visiting Scholar at Harvard Medical School (Harvard University Program in Ethics and Health) in 2011. He received his Ph.D. in political philosophy at the Centre Raymond Aron (EHESS, Paris). His Masters' degree in philosophy was completed at Sorbonne-Paris 1 University. His research interests include the relationship between art and morality, applied ethics, liberal neutrality and value pluralism, left-libertarianism, egalitarian theories of justice and its applications, as well as neo-republicanism and multiculturalism. He is currently writing a book on love and equality.

Nuno Nabais é professor de Filosofia na Universidade de Lisboa, Portugal e foi Professor Adjunto de Filosofia na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (Portugal) e Professor Adjunto de Filosofia no Departamento de Teatro da Universidade de Évora (Portugal). Nuno Nabais foi professor visitante na Universidade de Warwick (Reino Unido, 2004). Até 2012 ele lecionava para o programa de Mestrado de História e Filosofia da Ciência na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Ele é head do grupo de investigação "Filosofia das Ciências Humanas, Ética e Política" e membro integrado do Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Lisboa (CFCUL, Portugal). Nabais é especialista da Teoria do Drama e estética da tragédia de Nietzsche - Nabais (2006), Nietzsche and the Metaphysics of the Tragic (1997), London: Continuum - e da Metafísica do Modal - Nabais (1999). A Evidência da Possibilidade. A Questão Modal na Fenomenologia de Husserl (344 p.), Relógio d'Água, Lisboa. Seus interesses de pesquisa e publicações incluem, entre outros: Filosofia e Psicanálise, Epistemologia das Ciências Sociais e da epistemologia da medicina e fenomenologia do desaparecimento. Actualmente Nuno Nabais trabalha sobre o lugar da filosofia da ciência na Universidade (Nuno Nabais e Olga Pombo (Eds.) O Lugar da Filosofia da Ciência na Universidade de Lisboa Lisboa: CFCUL, 2013, 250 pp.)e sobre a biopolítica. Leciona o novo curso "Filosofia da Tecnologia" do novo programa doctoral da CFCUL em "Filosofia da Ciência, Tecnologia, Arte e Sociedade". Ele é co-responsável pelo plano estratégico da CFCUL em "Filosofia da tecnologia humana". Em 2014 Nabais foi o autor do projeto do Colégio de Filosofia da Ciência para a Universidade de Lisboa. Nuno Nabais é director da Fábrica Braço de Prata, Lisboa.

Nuno Nabais is Professor of Philosophy at the University of Lisbon, Portugal and was Adjunct Professor of Philosophy at the Faculty of Medicine of the University of Lisbon (Portugal) and Adjunct Professor of Philosophy in the Department of Theatre in the University of Évora (Portugal). He has been Visiting Professor at the University of Warwick (UK) (Jan-Oct 2004). Until 2012 he also used to teach at the Master program of History and Philosophy of Science at the Science Faculty of the University of Lisbon. He will start teaching several subjects among which Philosophy of Technology at the CFCUL doctoral programme „Philosophy of Science, Technology, Arts and Society". He is full Member of the Research Centre for the Philosophy of Science of the University of Lisbon (CFCUL, Portugal). Nuno Nabais is a specialist of Theory of Drama and Nietzsche´s aesthetics of tragedy- Nuno Nabais (2006), Nietzsche and the Metaphysics of the Tragic, translated from revised portuguese edition (1997) by Martin Earl. London: Continuum - and researcher of the Metaphysics of Modality- Nabais (1999). A Evidência da Possibilidade. A Questão Modal na Fenomenologia de Husserl (344 p.), Relógio d'Água, Lisboa. [Evidence of Possibility. The Question of Modality in Husserl's Phenomenology]. Actually Nuno Nabais works on the concept of "Infinite Debt" and the political economy and as well as on the idea of philosophy of the concept of University. His research interests and publications include among others: Philosophy and Psychoanalysis, Epistemology of Social Sciences and epistemology of medicine, phenomenology of disappearance. Nuno Nabais works as well on the place of 'Philosophy of Science' in the university (Nuno Nabais e Olga Pombo (Eds.) O Lugar

da Filosofia da Ciência na Universidade de Lisboa Lisboa: CFCUL, 2013, 250 pp.). He lectures ´Philosophy' of Technology' at the doctoral programm and is co-responsible for the strategic plan of the CFCUL on „Philosophy of Human Technology". Nuno Nabais is director of the cultural site „Fábrica Braço de Prata" in Lisbon

Catarina Patrício [Dezembro, 1980] Artista Plástica, investigadora em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias no Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens [CECL], docente na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT]. Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa [FBA-UL: 1998-2003], tendo estudado fotografia e gravura na Fachhochschule Bielefeld [2000]. Em 2008 concluiu o Mestrado em Antropologia dos Movimentos Sociais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [FCSH-UNL], onde se Doutorou em 2014 em Ciências da Comunicação, tendo-lhe sido atribuída uma bolsa de investigação individual pela Fundação para a Ciência e Tecnologia .

[December, 1980] Artist, researcher in Contemporary Culture and New Technologies at Centre of Studies in Communication and Languages [CECL], Professor at Lusófona University of Humanities and Technology [ULHT]. Catarina Patrício is graduated in Painting at the Faculty of Fine Arts University of Lisbon [FBA-UL: 1998-2003] and has studied photography and engraving as ERASMUS student at the Fachhochschule Bielefeld. In 2008 finishes her master degree in Anthropology of the Social Movements at Faculty of Social and Human Sciences University Nova of Lisbon [FCSH-UNL]. Patrício holds a PhD in Communication Sciences and her research was granted with a fellowship provided by Foundation for Science and Technology (2014).

Filipe Pinto licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Possui um mestrado em Filosofia - Estética pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Faculdade Nova, onde é actualmente doutorando. Co-organizou o seminário EPEA - Estética e Política entre as Artes (2012, 2013 e 2014: www.epea2014.weebly.com) e a Conferência Internacional Philosophy and Film (www.philosophyfilmlisbon.net/); é artista e escreve sobre arte. Publicou ensaios, recensões e projectos nas revistas Artecapital, Imprópria, Intervalo, ESC:ALA e Cinema.

www.filipepinto.weebly.com
www.inappropriatepoetry.wordpress.com

Filipe Pinto graduated in Painting at Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon. Holds a master degree in Philosophy - Aesthetics by the Faculty of Social Sciences and Humanities of the NOVA University, where he currently is a doctoral candidate. Co-organized the seminar EPEA - Aesthetics and Politics between the Arts (2012, 2013 and 2014: www.epea2014.weebly.com) as well as the International Conference on Philosophy and Film (www.philosophyfilmlisbon.net/). He is an artist and writes about art. Has been publishing essays, book reviews and art projects in magazines such as Artecapital, Imprópria, Intervalo, ESC:ALA and Cinema.

Cláudia Matos Pereira é doutoranda em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EBA – UFRJ, Brasil, na linha de pesquisa de Imagem e Cultura. Artista plástica e professora assistente convidada, na área do desenho, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, FBAUL – PT. Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Graduada em Artes (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Brasil. Como artista plástica realizou diversas exposições individuais e coletivas internacionais. Tem participado de congressos nacionais e internacionais como pesquisadora e sua área de atuação abrange temáticas no campo da arte, imagem e cultura brasileira.

Cláudia Matos Pereira is a Ph.D. student in Visual arts at School of Arts of Federal University of Rio de Janeiro - EBA - UFRJ, Brazil, in Image and Culture research area. Artist and a guest assistant professor in drawing area, at the Faculty of Arts, University of Lisbon, FBAUL - PT. Master of Science of Religion from Federal University of Juiz de Fora - UFJF. Bachelor of Arts (degree and bachelor's degree) at Federal University of Juiz de Fora -UFJF, Brazil. As an artist, she held several solo and collective international exhibitions. She has participated in national and international conferences as a researcher and her area of operation includes, themes in arts, image and Brazilian Culture.

Liliana Rosa é estudante de doutoramento em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É bolseira da FCT e prepara a sua tese de doutoramento sobre a tragédia e a contemporaneidade no cinema de João Canijo. É membro do IFILNOVA – Instituto de Filosofia da Nova, da FCSH/UNL. Mestrado em Ciências da Comunicação, FCSH/UNL. Licenciatura em Design Multimédia, ESAD CR.

Liliana Rosa is a PhD student in Communication Sciences, Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon. She has a PhD fellowship from FCT and she is preparing her doctoral thesis on tragedy and contemporaneity in the cinema of João Canijo. She is a member of IFL – Institute for Philosophy of Language of the FCSH/UNL. Master in Communication Sciences, FCSH/UNL. Graduation in Multimedia Design, ESAD CR.

João Pereira dos Santos é licenciado em Economia pela Nova School of Business and Economics e está, neste momento, a concluir a tese de Mestrado na mesma instituição. O autor estudou ainda na London School of Economics e na Universitat Pompeu Fabra, Barcelona. Trabalha como assistente de investigação do Professor Doutor Pedro Pita Barros no projecto Health, Health care and austerity.Durante mais de um ano e meio, João participou no projecto The Portuguese Capital Market during the XXth Century, sob a orientação científica dos Professores Doutores Maria Eugénia Mata e José Rodrigues da Costa e, em Novembro de 2013, juntou-se a uma equipa de investigação coordenada pelo Professor Doutor José Tavares no âmbito da Economia da Cultura.João trabalhou ainda na Embaixada do Equador, completou um Seminário em Estudos Europeus no Parlamento Europeu e foi co-fundador e primeiro Presidente do Nova Debate.

João Pereira dos Santos holds a BSc in Economics at Nova School of Business and Economics and he is currently finishing the MSc in Economics in the same institution. He also studied in the London School of Economics and in Universitat Pompeu Fabra, Barcelona. He works as Research Assistant with Professor Pedro Pita Barros in the project Health, Health care and austerity.For more than one and a half years, João participated in the project The Portuguese Capital Market during the XXth Century, under the scientific supervision of Professors Maria Eugénia Mata and José Rodrigues da Costa and, in November 2013, he joined another research team conducted by Professor José Tavares in the field of Economics of Culture. In the later, João developed a chapter to guide policymakers to understand the relevance of performing empirical studies.João has also conducted research for the Embassy of Ecuador, completed a Seminar in European Studies at the European Parliament and he was a co-Founder and the First President of Nova Debate.

Hugo Santos é Licenciado (2011), Mestre (2013) e Doutorando em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Os seus interesses de investigação contemplam áreas como Epistemologia e História da Ciência; Dilemas e Problemáticas da Juventude Contemporânea (Percursos, Transições, Culturas, Cidadania e Participação); Estudos de Género, Sexualidade, LGBT (lésbica, gay, bissexual e transgénero)/queer e Teorias da Interseccionalidade. Tem participado em inúmeros projetos nacionais e internacionais de voluntariado (Voluntariado Estudantil Tutorial; "Espaço 107.37" da Cruz Vermelha), investigação (IP CHALID/Turquia, IP H.E.L.P./Eslováquia, IP ERASMUS/Hungria) e intervenção (Acção Local no Combate à Pobreza e Exclusão Social).

Hugo Santos has a degree in Sciences of Education (2011), a Master degree in Sciences of Education (2013) and he is now Phd student in Sciences of Education at the Faculty of Psychology and Sciences of Education of Oporto University. His research interests include areas as Epistemology and History of Science; Dilemmas and Issues of Contemporary Youth (Pathways, Transitions, Cultures, Citizenship and Participation); Gender Studies, Sexuality Studies, LGBT (lesbian, gay, bissexual and transgender)/queer studies and Theories of Interseccionality. He has participated in some national and international volunteer projects (Student Volunteer Tutorial, Red Cross), research projects (IP Chalid/Turkey, IP H.E.L.P./Slovakia, IP ERASMUS/Hungary) and intervention projects (Local Action against Poverty and Social Exclusion).

Mateus DOC VII Desvio

Agenda

Sexta, 30 Maio

Chegada dos Participantes: será assegurado transporte desde as estações de Autocarros de Vila Real.

18:00
Boas vindas, recepção dos participantes na Adegal
Introdução ao programa e ao Mateus DOC, António M. Cunha, Teresa Albuquerque, Jorge Vasconcelos 10 min
Apresentação dos participantes 30 min

18:30
Prova de vinhos na Adega

19:30
Jantar no Lagar

21:00
Sessão de Abertura
Conferência de abertura por Jean-François Chougnet – discussants : Alfredo Marvão Pereira, Artur Cristóvão, Eurico Figueiredo, Helena Sousa

Sábado, 31 Maio

8:30
Pequeno-Almoço no Lagar

Sessão 1: Pensar
O lugar excecional do desvio científico nas redes do conhecimento - Filipa Ribeiro

Economics and reality: an essay on deviation
João Santos

O mal como desvio no fenómeno literário
Tânia Moreira

11:00 Fim da sessão 1

12:00
Almoço na Quinta da Costa

Sessão 2: Criar
O desvio poético - Diogo Fernandes

Enhancement as Deviation. Notes on a Philosophy of Enhancement - Alexander Gerner

Détournement: até que ponto o desvio pode ser o caminho da essência da Arte? - Cláudia Matos Pereira

16:30
Fim da sessão 2
regresso à Casa de Mateus

19:30
Jantar no Lagar

Sessão 3: Representar
O desvio trágico das heroínas no cinema português - Liliana Rosa

Economia 3.0 - Rúben Branco

O verso e o reverso do Cinema, a ficção como desvio do real – Isabel Machado

Domingo, 1 Junho

8:30
Pequeno-Almoço no Barrão

Sessão 4: Desvios ?
História, origem e desvios - Antonieta Leite

O potencial político do desvio: potência e interrupção - Filipe Pinto

A Juventude gay, escola e culturas - um olhar desviante para lá da margem - Hugo Santos

Da contingência – Catarina Patrício

11:30
Passeio na mata

13:00
Almoço na Copa – Conclusões

15:00
Fim do programa

IICM
Mateus
DOC VII

Apresentação de resumo
Abstract submission
Até 19 de Agosto
Until August 19th
+ info:
www.iicm.pt

INFINITO

Casa de Mateus
28 Nov. -
01 Dez. *December*
2014

INF
INI
TY

Instituto Internacional Casa de Mateus

Casa de Mateus
5000-291 Vila Real
Portugal

info@iicm.pt

www.iicm.pt

fundação edp

Reflexão e debate interdisciplinar entre doutorandos e pós-docs

O IICM organiza a 8 ª edição do "Mateus DOC", uma reflexão sobre o conceito de "Infinito".
O objectivo é reunir um pequeno grupo de entre 10 a 12 investigadores, de várias disciplinas, dispostos a discutir em conjunto, durante um fim de semana na Casa de Mateus, as infinitas declinações e perspectivas associadas a este tema em vários campos científicos e culturais.
A Sua proposta de abordagem do Infinito é muito bem vinda: consulte o regulamento e candidate-se on-line. Até ao dia 19 de Agosto.

Multidisciplinary debate amongst researchers

The IICM is organizing for the 8th edition of "The Mateus DOC Program", a reflection on the concept of "infinity".
The aim is to gather a small group of around 12 researchers, from various disciplines, willing to discuss together the endless dimensions and perspectives associated with this topic in different scientific and cultural fields, during a seminar at Casa de Mateus.
Your proposal on how to approach the topic is welcome: please check the guidelines and apply online. Until August 19th.

Programa Mateus DOC

Apoios Sponsors

fundação edp

©**Instituto Internacional Casa de Mateus e autores individuais**
and individual authors
Todos os direitos reservados All rights reserved

Editado por Published by
IICM – Instituto Internacional Casa de Mateus
Casa de Mateus
5000-291 Vila Real
Portugal

T +351 259 323 121
F +351 259 326 553

info@iicm.pt
http://www.iicm.pt

Design
www.ic.com.pt

Depósito Legal n.º 327 162/11
ISBN 978-989-97281-1-0
ISSN 2182-1569 (impresso)
ISSN 2182-1577 (em linha)